Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Luciane Freitas da Silva

Da patrimonialização de celebrações católicas no âmbito do IPHAN à construção de memórias orais: o caso da Festa da Penha em Vila Velha/ES

Rio de Janeiro
2020

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
Luciane Freitas da Silva

Da patrimonialização de celebrações católicas no âmbito do IPHAN à construção de memórias orais: o caso da Festa da Penha em Vila Velha/ES

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para a obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.
Orientadora: Professora Dra. Kátia Brasilino Michelan
Supervisora: Me. Rebecca de Luna Guidi

Rio de Janeiro
2020

O objeto de estudo desta pesquisa foi definido a partir de uma questão identificada no cotidiano da prática profissional na Superintendência do Iphan no Espírito Santo.

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

S586p Silva, Luciane Freitas da.
Da patrimonialização de celebrações católicas no âmbito do IPHAN à construção de memórias orais : o caso da Festa da Penha em Vila Velha/ES. Luciane Freitas da Silva – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2020.

160f. : il.; 30 cm.

Orientadora: Kátia Brasilino Michelan.

Dissertação (Mestrado) - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, Rio de Janeiro, 2020.

1. Patrimônio cultural. 2. Tradição oral. 3. Memória - História. 4. Convento de Nossa Senhora da Penha (Vila Velha, ES). 5. Patrimônio cultural - Espírito Santo (Estado). I. Michelan, Kátia Brasilino. II. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). III. Título.

CDD 21 - 306

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

Luciane Freitas da Silva

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, como pré-requisito para obtenção do título de Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural.

Rio de Janeiro, 28 de agosto de 2020.

Banca examinadora:

_____
Professora Dra. Kátia Brasilino Michelan (Orientadora PEP-MP/DPI/IPHAN)

_____
Professora Dra. Joseane Paiva Macedo Brandão (PEP-MP/IPHAN)

_____

Professor Dr. Hilário Figueiredo Pereira Filho (PEP-MP/IPHAN)

_____

Professor Dr. Rodrigo Martins Ramassote (DPI/IPHAN-UNICAMP/FAPESP)

Agradecimentos

No fim de cada trilhar de caminho, o que mais emociona é sempre o mesmo pensamento: Nunca estive só! Sempre fui multidão, carrego comigo a força de muitos que me querem bem e sou grata a todos que de alguma forma contribuíram para meu crescimento pessoal e para concretizar esse trabalho. Essa dissertação foi escrita num contexto político muito conturbado do nosso país e vislumbrar sua conclusão me emociona muito.

Agradeço, inicialmente a minha orientadora, que em momentos de turbulências (e foram muitos rsrs), com muita paciência e maturidade sempre me acalmava e direcionava. Kátia, foi muito mais do que uma orientadora, foi uma parceira, uma amiga, uma querida em todos os aspectos!

À minha família, que sempre me motivou, me deu afeto e compreenderam que o processo pelo qual eu passava carecia ausentar-me de eventos familiares, almoços de domingo e confraternizações.

Aos franciscanos do Convento da Penha, equipe da Mitra Arquidiocesana de Vitória, Associação Amigos do Convento da Penha e todos os funcionários do Convento que gentilmente me receberam me apresentando os espaços e as pessoas.

Aos entrevistados direta e indiretamente, por cederem parte de seu tempo para dialogarmos sobre a Festa, me ajudando a construir as ideias que dão origem a essa dissertação.

Ao meu amigo de infância, Rory Rufino, por ouvir minhas lamentações, me motivar e estar disponível sempre que foi preciso. Obrigada amigo, por não largar minha mão em nenhum momento e ser meu anjo protetor!

Às amigas que não me deixaram desistir e também fizeram essa travessia possível, principalmente, Maria Helena Arnaud, Letícia Silva Barroso, Juliana Passos, Elayne Lima, Mayara Soares e Jéssyca Machado que incansavelmente me ouviram, me incentivaram e me empurraram a diante!

Aos meus amigos Edmar Freitas e Maycon Wesley, pelo apoio cibernético e também psicológico, dando aquela ajuda sempre que algo inesperado ocorria.

Aos amigos da Superintendência do Espírito Santo, principalmente, Rebecca minha supervisora, pelas inúmeras trocas. Elisa, Superintendente, pela confiança e apoio. Minha colega de mestrado, Simone Pires, com quem dividi a sala e tantos momentos/conversas agradáveis. Val e Fernandinha por terem entrado em minha vida de uma forma tão genuína e a toda a equipe pelas conversas descontraídas, pelo aprendizado e experiência.

À Coordenação do Mestrado pela acolhida e a oportunidade. Aos meninos do administrativo, Felipe e Wallace, pelo apoio e pelo cafezinho que aquecia o coração!

Às minhas meninas da casa das sete mulheres: Fabi, Quel, Cris, Ádila, Marília, Helena (de novo rsrs), as agregadas da casa, Gabiroba e Cinthia, obrigada pelo apoio emocional durante a estadia no Rio e para o resto da vida, a todas as mulheres da turma por reforçar em mim o valor da união feminina. Aos demais amigos do Mestrado pela cumplicidade, vivência, trocas, por cada um ter cruzado meu caminho e me acrescentado tanto e por fazer daqueles meses tão especiais.

Agradeço a Deus, pela proteção e por diluir as coisas ruins e deixar que as boas permanecessem sempre concretas e visíveis. Também à Nossa Senhora da Penha, pela permissão.

Agradeço a mim mesma, por fazer daquela menininha da periferia, uma grande mulher que está ocupando lugares que historicamente me foram negados. Venci meus medos e traumas, suportei as tempestades e cheguei até aqui!

Ao finalizar essa pesquisa eu sou só **gratidão**!

A diversidade de testemunhos históricos é quase infinita. Tudo o que o homem diz ou escreve, tudo o que constrói, tudo o que toca, pode e deve fornecer informações sobre eles.

Marc Bloch, *Apologie de l´histoire*

Resumo

A presente dissertação tem como objetivo analisar a Festa da Penha, enquanto uma Referência Cultural para a população do Espírito Santo, dentro das premissas estabelecidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan. Entender tais elementos importa, aqui, pois busca-se pensar em que medida a Festa da Penha, que ocorre no munícipio de Vila Velha - Espírito Santo, é um bem cultural com potencial de patrimonialização a nível nacional. Assim, a dissertação tenta-se analisar as características dos processos de Registro de celebrações do catolicismo realizados pelo Iphan, nos quais se apresentaram ou não atributos para recebimento do título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. No que tange à Festa da Penha foi investigada a apresentação dos elementos essenciais para a sua existência. Para tanto, são abordadas as programações das Festas dos anos 2017 e 2018, por meio de observações de campo complementadas por leituras, fotografias e mapas que demonstram os espaços e percursos realizados pelos participantes em cada etapa da festa, bem como outros elementos que dão contornos específicos a essa celebração anual, identificada pelos organizadores como uma festividade tradicional do estado, que teria mais de 400 anos. Atualmente a programação da Festa é pensada para durar nove dias, iniciando no domingo de Páscoa e encerrando-se na segunda-feira, dia dedicado à Nossa Senhora da Penha, padroeira do estado do Espírito Santo. Nesses nove dias ocorrem missas, romarias, encontros, apresentações de teatro, shows e diversos eventos tanto de dia como de noite que ocupam, principalmente, o entorno do Convento da Penha. Para entender como a Festa é pensada pelos seus organizadores e frequentadores, recorre-se, aqui, à metodologia da História Oral, levando em conta a importância desse tipo de abordagem para temas de estudo que são pautados na oralidade e produzidos por indivíduos que contribuem para a dinamicidade e mutação dos mesmos. Numa perspectiva de produção de fontes orais, pretende-se entender o papel da memória e da oralidade para a transmissão de tradições culturais religiosas para além da perspectiva devocional, com vistas a dar voz a grupos distintos que participam de alguma forma da Festa; e, consequentemente, produzir fontes de pesquisa para futuras abordagens sobre o tema, função também cara ao trabalho do historiador.

Palavras-Chave: Patrimônio cultural; Tradição oral; Memória – História; Convento de Nossa Senhora da Penha (Vila Velha, ES); Patrimônio cultural - Espírito Santo (Estado).

Abstract

This dissertation aims to analyze Festa da Penha, as a Cultural Reference, within the premises established by Iphan. It seeks to reflect onto what extent Festa da Penha, which takes place in the municipality of Vila Velha - Espírito Santo, is a cultural asset with potential for national heritage. Its development was guided by the analysis of the characteristics of the processes of celebration registrations of the National Historical and Artistic Heritage Institute - Iphan, in which they present or not, attributes for receiving the title of Brazilian Cultural Heritage. This analysis was substantiated by field observations, during Festa da Penha of 2017 and 2018, complemented by readings, photographs and maps that demonstrate the spaces and paths taken by the participants at each stage of the party, as well as other elements that give specific outlines to this annual celebration, identified by the organizers as a traditional festival in the state. Currently, its program is designed to last nine days, starting on Easter Sunday and ending on Monday, a day dedicated to Nossa Senhora da Penha, patron saint of the State. During these nine days there are masses, pilgrimages, meetings, theater performances, concerts and various events, both day and night, which occupy, mainly, the surroundings of the Convent. It was necessary to discuss Oral History and the importance of this type of method for study topics such as Festa da Penha, which is based on orality and produced by individuals who contribute to the dynamism and mutation of the party. In the perspective of the production of oral sources, we will seek to understand the role of memory and orality for the transmission of religious cultural traditions beyond the devotional perspective. In order to give voice to different groups that participate in some way of the party. And, consequently, to produce research sources for future approaches on the theme, a function also dear to the historian's work.

Keywords: Cultural Heritage; Oral tradition; Memory - History; Convent of Nossa Senhora da Penha (Vila Velha, ES). 5. Cultural Heritage - Espírito Santo (Estado).

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Organograma do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/214. *Acesso em* 28 de Janeiro de 2020. 27

Figura 2 –Fotografia do momento em que a corda é sustentada pelos romeiros, um dos momentos mais importantes da Festa. Fotógrafo: Luiz Braga. Acervo Iphan. 34

Figura 3 - Cavaleiros passando pela cidade durante preparação das cavalhadas. Fotografia: Acervo Iphan. 37

Figura 4 - Levantamento do Mastro durante a Festa do Divino na cidade de Paraty/RJ. Fotografia: Livia Lima. Acervo Iphan. 38

Figura 5 – Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Acervo Pefeitura de Bataguassu. Disponível em www.bataguassu.ms.gov.br. 42

Figura 6 - Programação da Festa da Penha do ano de 2017. Fonte: https://setur.es.gov.br/. Acesso em 10 de Maio de 2017. 48

Figura 7 - Programação da Festa do ano de 2018. Fonte: https://Conventodapenha.org.br/confira-a-programacao-da-festa-da-penha-2018. 49

Figura 8 - Programação da Festa da Penha do ano de 2019. Fonte: https://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/11/2018/confira-a-programacao-da-festa-da-penha-2019. 50

Figura 9 - Imagem de Nossa Senhora da Penha do Convento da Penha em Vila Velha – ES. Esculpida em madeira policromada, arte sacra do século XVI. Fonte: Acervo Iphan - ES. 54

Figura 10 - Primeiro registro fotográfico da Romaria dos Homens encontrada no acervo da Mitra, do ano de 1958. Fonte: Mitra Arquidiocesana, 2017. 56

Figura 11 - Mapa de identificação dos espaços utilizados durante o período de festa. Fonte: Google Earth. Adaptação: Luciane Freitas da Silva, 2017. 56

Figura 12 - Fotografia panorâmica do espaço Parque da Prainha, durante a Festa da Penha do ano de 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva, 2017. 57

Figura 13 - Fotografia do galpão montado para receber vendedores de souvenirs durante a Festa da Penha do ano de 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva, 2017. 58

Figura 14 - Fotografias da entrada e estradas que dão acesso ao Convento da Penha. Registrada por Luciane freitas da Silva, 2017. 59

Figura 15 - Fotografias retiradas durante a Festa da Penha no ano de 2017, para ilustrar o Campinho do Convento. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.....60
Figura 16 - Fotografias retiradas durante a Festa da Penha no ano de 2018, para ilustrar a sala dos milagres e a sala de exposições do Convento. Retiradas por Luciane Freitas da Silva, 2018. 61
Figura 17 - Fotografias da parte interior do Convento da Penha, da esquerda para a direita, placas de devoção, janela "mais famosa do estado" e interior da capela. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.....62
Figura 18 - Espaços identificados nessa pesquisa como “complexo Convento da Penha”. Fonte: Google Maps. Adaptação: Luciane Freitas da Silva, 2016. 62
Figura 19 - Fotografia da fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Vila Velha, ES. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.....63
Figura 20 - Fotografia do Santuário Divino Espírito Santo de Vila Velha. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2018.....64
Figura 21 - Fotografia panorâmica da Praça Duque de Caxias em Vila Velha. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2018. 65
Figura 22 - Fotografia da fachada da Catedral Metropolitana de Vitória. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2015.....66
Figura 23 - Fotografia retirada na missa de abertura da Festa da Penha, 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva. 69
Figura 24 - Fotografia retirada durante o seminário Mariano que ocorreu na Festa da Penha no ano de 2017. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.....70
Figura 25 - Fotografia do elenco de teatro grupo Shalom. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.....71
Figura 26 - Fotografia da Romaria das pessoas com deficiencia, ja na chegada, em frente a igreja do Rosário. Retirada por Luciane Freitas da Silva. 73
Figura 27 - Fotografia da Romaria dos Adolescentes subindo a estrada do Convento em direção ao Campinho. Retirada por Luciane Freitas da Silva.....73
Figura 28 - Trajeto feito na Romaria dos Homens. Fonte: Google maps. Adaptação: Luciane Freitas da Silva.....74
Figura 29 - Registro fotográfico da Romaria dos Homens no ano de 2017. Fonte: Conventodapenha.org.br/fotos.....76

Figura 30 - Fotografia da Romaria das Mulheres da Festa da Penha, 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva. 77
Figura 31 - Percurso realizado na Romaria das Mulheres. Fonte: Google maps. Adaptação: Luciane Freitas.....77
Figura 32 - Fotografias da Romaria das Bandas de Congo. Retiradas por Luciane Freitas, 2018.....78
Figura 33 - Missa de encerramento da Festa da Penha, registrada no ano de 2016. Fonte: Conventodapenha.org.br/fotos.....79
Figura 34 - Fotografia da esquerda - Terço de 2015. Fotografia da direita - Terço de 2017. Fotografias retiradas por Luciane Freitas. 124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 14

CAPÍTULO 01: ANÁLISE DOS PROCESSOS: REGISTRO DE CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS 18

1.1 O Decreto Nº 3.551 de 04 de agosto de 2000 23

1.2 Estrutura do Iphan 25

1.3 As Câmaras Setoriais 28

1.4 O Conselho Consultivo 28

1.5 Caminhos do processo 30

1.6 A concepção de bem cultural imaterial sob a ótica do Iphan 30

1.7 Celebrações católicas registradas pelo Iphan 33

1.8 Celebrações católicas com pedido de registro negado pelo Iphan 40

CAPITULO 02: A FESTA DA PENHA E SUAS DIVERSAS EXPRESSÕES E DINAMISMOS 46

2.1 Uma narrativa de origem da Festa da Penha 50

2.2 A Festa atualmente e os espaços utilizados 55

2.2.1 Convento da Penha, Campinho e Parque da Prainha 57

2.2.2 Igreja Nossa Senhora do Rosário 63

2.2.3 Santuário do Divino Espírito Santo de Vila Velha 64

2.2.4 Praça Duque de Caxias 65

2.2.5 Catedral metropolitana de Vitória 65

2.3 A Festa da Penha: Observações em campo nos anos 2017 e 2018 67

2.3.1 Primeiro dia: 68

2.3.2 Segundo dia: 69

2.3.3 Terceiro dia: 70

2.3.4 Quarto dia: 70

2.3.5 Quinto dia: 71

2.3.6 Sexto dia: 71

2.3.7 Sétimo dia: 72

2.3.8 Oitavo dia: 76

2.3.9 Nono dia: 77

CAPÍTULO 03: A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE PESQUISA NO CASO DA FESTA DA PENHA 80

3.1 A importância da memória coletiva para o entendimento da Festa da Penha.83

3.2 As críticas 86

3.3 A História Oral como fonte de pesquisa 88

3.4 A história oral e sua importância no ofício do historiador 89

3.5 A utilização da História Oral no caso da Festa da Penha 91

3.6 As entrevistas 91

3.6.1 Entrevista número 01: O Centro de Documentação da Mitra arquidiocesana e a Festa da Penha. 92

3.6.2 Entrevista número 02: A organização das Romarias na Festa de Nossa Senhora da Penha.....103

3.6.3 Entrevista número 03: A Festa de Nossa Senhora da Penha sob a ótica dos franciscanos. 109

3.6.4 Entrevista número 04: A visão do turista sobre a Festa da Penha. 115

3.6.5 Entrevista número 05: A Associação dos Amigos do Convento da Penha e a Festa da Penha 117

3.6.6 Entrevista número 06: A produção do terço gigante da Festa de Nossa Senhora da Penha.....123

3.6.7 Entrevista número 07: A movimentação de turistas e devotos durante a Festa da Penha 132

3.6.8 Entrevista número 08: A Festa da Penha e o envolvimento da Prefeitura Municipal de Vila Velha.....136

3.6.9 Entrevista número 09: A Festa da Penha e o envolvimento das bandas de Congo 144

CONSIDERAÇÕES FINAIS 149

REFERÊNCIAS 154

INTRODUÇÃO

Sempre existiu, mesmo antes de iniciar a graduação em História, um interesse pelos movimentos culturais que ocupavam as cidades, em especial, duas festas me chamavam atenção, a grande Festa de São Benedito, que ocorre no município da Serra/ES em que reúne multidões e se torna um grande encontro de bandas de Congo e a Festa da Penha, uma Festa com duração de nove dias, ocorre anualmente ocupando diversos espaços e edificações tanto no município de Vila Velha, onde fica localizado o Convento da Penha, local em que a Festa inicia e se encerra, mas também de forma indireta envolve todo o estado do Espírito Santo. Até o meu ingresso no Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural, eu havia tido contato com a Festa da Penha como expectadora. Nesses eventos, eu conhecia pessoas de outras cidades e até de outros estados. Para um capixaba, seja ele católico ou não, é impossível falar do Espírito Santo, sem mencionar o Convento da Penha, pois esse é o principal ponto turístico do estado, mas para além disso, o Convento faz parte do cotidiano das pessoas que residem ou trabalham em Vila Velha (Município em que o Convento está localizado) e Vitória (Capital do estado).

Ao ingressar no Programa de Mestrado do Iphan, verifiquei que uma das demandas da Superintendência do Espírito Santo, unidade estadual ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), acerca do Patrimônio Imaterial, que era a necessidade de se aprofundar e conhecer um pouco mais a respeito das festividades que ocorrem no Convento da Penha. Então vislumbrei a possibilidade de desenvolver uma pesquisa sobre a principal Festa que ocorre no Convento, a Festa da Penha. Iniciei a pesquisa pelo levantamento bibliográfico, mas a maioria dos escritos são antigos e registrados por clérigos, o que dificultava ver a Festa como de fato ela é. A Festa que eu conhecia como expectadora é grandiosa, se mostrava muito mais viva em sua prática e era esse sentimento que gostaria de captar. A partir disso, em conjunto com minha orientadora, traçamos algumas rotas para enfim chegar a configuração atual deste trabalho.

Outra questão que não pode deixar de ser destacada é o espaço arquitetônico, o palco principal para o acontecimento da Festa, a edificação localizada na cidade de Vila Velha formada pela Igreja, o Outeiro e o Convento Nossa Senhora da Penha. Tal local possui uma vista panorâmica da baía de Vitória, de Vila Velha, e das praias. O Convento da Penha fica localizado num penhasco com mais de 150 metros de altitude, cercado por um fragmento da

Mata Atlântica, por onde passam as estradas que dão acesso ao Santuário. Tal conjunto arquitetônico foi Tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e inscrito nos livros do Tombo Histórico e de Belas Artes, em 1943, como Patrimônio Cultural Brasileiro (IPHAN, 1943).

O Convento é o principal palco da demonstração de devoção popular à Nossa Senhora da Penha, reconhecida como padroeira do Estado do Espírito Santo. Além dos fiéis que frequentam o espaço e dos turistas, o lugar é ocupado por membros da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, que residem nesse espaço e estão presentes na história do povoamento da terra capixaba desde o século XVI.

O Convento da Penha abre ao público todos os dias, com horários específicos da rotina religiosa, como missas, confissões e novenas. O portão principal durante a semana abre às 05h30 e aos domingos às 04h30. Fica aberto ao público durante todo o dia para visitações, geralmente até às 16h30. O Convento conta com uma estrutura direcionada para receber um público turístico, que procura o Convento por ser um dos pontos turísticos mais conhecidos do estado e em busca da experiência da vista que se tem de parte da Grande Vitória. De qualquer ponto da cidade de Vitória, Vila Velha e até mesmo alguns pontos de Cariacica e Serra, é possível visualizar a construção mesmo a quilômetros de distância.

Nesse sentido, a presente pesquisa tem como objeto de estudo a Festa da Penha e consequentemente o levantamento de informações acerca da ocorrência da mesma, que acontece todos os anos no estado do Espírito Santo e demonstra elementos importantes para a identidade, religiosidade e cultura do povo capixaba. A Festa da Penha é reconhecida, pela mídia e pelos religiosos, como a terceira maior festa mariana do Brasil, e, durante nove dias, iniciando no Domingo de Páscoa, movimenta o espaço do Convento e todo seu entorno de forma significativa. É a maior festa religiosa do Estado. Os devotos da Festa relatam que ela tem mais de 400 anos de tradição, fazendo parte, assim, da formação cultural do catolicismo brasileiro.

O objetivo principal, desta pesquisa, é analisar a Festa da Penha, enquanto Referência Cultural, dentro das premissas do Iphan, no que tange a metodologia de aprovação ou reprovação da patrimonialização afirmados pelo Instituto. Ou melhor, tornar público os elementos culturais da Festa, analisando-os de acordo com os critérios que o Iphan possui, alicerçados em Decreto, Resoluções e Portarias com procedimentos pelos quais um bem cultural, cujos detentores desejam obter o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, precisa ser submetido para receber tal título. Existem elementos fundamentais que um bem

deve ter para ser considerado pelo Iphan como um Patrimônio com relevância nacional. Entender tais elementos importa, aqui, pois busca-se pensar em que medida a Festa da Penha do Espírito Santo é um bem cultural com potencial de patrimonialização em nível nacional. Como metodologia para entender esse processo, utilizaremos a história oral.

Para trilhar tal caminho, no primeiro capítulo, apresentaremos a Instituição Iphan e como ocorre a apreciação de reconhecimento de um Bem Cultural a nível nacional, serão abordados os critérios e conceitos apresentados nas legislações e orientações técnicas, como continuidade histórica, relevância nacional e origem histórica. Utilizaremos como base comparatória os processos de registros de festas/celebrações religiosas em que os pedidos já foram aprovados, a saber, o Círio de Nazaré, Belém/PA, Divino Espírito Santo de Pirenópolis/GO e Divino Espírito Santo de Paraty/RJ. Em seguida, sejam cotejados os processos em que os pedidos de registro foram negados pela Instituição, como é o caso da Festa de Nossa Senhora do Pillar/RJ, Nossa Senhora dos Navegantes/MS e Festa de São Benedito/RJ. Nesse capítulo, se faz necessário perceber o caminho percorrido pelo Processo de Registro, o discurso utilizado pelo grupo solicitante e também pelo técnico responsável por emitir o Parecer Técnico e não menos importante a narrativa de cada Festa, identificando semelhanças e diferenças com a Festa em questão, Festa da Penha.

No segundo capítulo, para uma melhor compreensão da Festa da Penha, que é o objeto deste estudo, caberá apresentar os aspectos cotidianos da festividade, os espaços que são utilizados e a dinamicidade dessa Festa, que ocorre dentro de uma programação por nove dias, todos os anos. Para tanto, serão analisadas as programações das Festas dos anos 2017 e 2018, utilizaremos as observações de campo complementadas por fotografias e mapas para demonstrar os espaços e percursos realizados pelos participantes em cada etapa da festa, bem como outros elementos que dão contornos específicos a essa celebração.

De acordo com os dados jornalísticos, cerca de 2,5 milhões[1] de pessoas participaram no ano de 2019 da Festa da Penha, durante os nove dias de festividades em diferentes espaços. As observações em campo no ano de 2018, evidenciam que um dia de grande festividades no espaço do Convento da Penha, no horário da tarde até o anoitecer, em média 400 pessoas, por hora, adentram o portão principal do Convento em direção ao campinho onde se concentra as celebrações e encontros. Existe um sistema de transporte alternativo que algumas pessoas aderem, que é a subida de van ao invés de subirem a ladeira a pé, esses carros realizam várias

[1] Disponível em https://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/04/2019/festa-da-penha-recebeu-mais-de-2-5-milhoes-de-pessoas-em-2019. Acesso em 12 de dez de 2019.

viagens entre subidas e descidas durante todos os dias, não somente em dias de festa, mas cotidianamente no Convento. Durante a Festa, para transporte de fiéis e/ou turistas, o único meio de transporte automotor autorizado a subir as ladeiras são as vans, além delas só são autorizadas as subidas de veículos cadastrados pela organização da Festa.

Já o terceiro capítulo trará uma discussão sobre fontes orais e a importância desse tipo de fonte para temas de estudo como a Festa da Penha, que é pautada na oralidade e é produzida por indivíduos que contribuem para a dinamicidade e mutação da Festa. Numa perspectiva de produção de fontes orais, buscaremos entender o papel da memória e da oralidade para a transmissão de tradições culturais religiosas para além da perspectiva devocional.

Serão realizadas entrevistas com pessoas inseridas na organização da Festa, como funcionários do Convento; com pessoas que estão de passagem pela cidade, turistas que passeiam pelo Convento e com algum representante de entidades públicas ou privadas que apoiam a realização da Festa. Ou melhor, buscaremos com as entrevistas abordar a gestão e a organização da Festa da Penha, levando em conta o potencial cultural, turístico e comercial da mesma.

O intuito de captar essas entrevistas é de tornar público o ponto de vista de grupos distintos que participam da Festa, bem como produzir fontes de pesquisa para futuras abordagens sobre o tema, função também cara ao trabalho do historiador. Tal foco temático foi pensado, pois já existe uma considerável produção documental e bibliográfica acerca da dimensão devocional e religiosa da Festa, considera-se, assim, relevante abordar outras perspectivas que fazem parte da Festa, mas que não têm aparecido nas pesquisas realizadas até agora, essa perspectiva que denotará o caráter dinâmico e vivo que a Festa possui.

CAPÍTULO 01: ANÁLISE DOS PROCESSOS: REGISTRO DE CELEBRAÇÕES RELIGIOSAS

As políticas públicas que dizem respeito ao Patrimônio Cultural do Brasil, no que tange o Patrimônio Imaterial são, relativamente, recentes e ainda sofrem várias modificações para aperfeiçoar as ferramentas utilizadas para identificação, pesquisa e reconhecimento de uma determinada manifestação cultural. Atualmente, o Registro é o instrumento utilizado para tal reconhecimento, designado por meio do Decreto 3.551 de 04 de agosto de 2000. Em 2006, o Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), instituiu a Resolução número 01, que determina os procedimentos a serem observados na instauração e instrução do processo administrativo dos Registros.

Para compreender o trajeto percorrido até chegar ao ano 2000 e seus desdobramentos, é preciso voltar algumas décadas e entender o processo pelo qual o Brasil passou para construir a noção de referência cultural tal qual é concebida atualmente. Os primeiros anos de Iphan foram marcados pela valorização do Patrimônio Edificado, exaltando cidades históricas com casarões, igrejas e ruas características de séculos passados, lugares cujas marcas do passado podem ser reconhecidos pelas fachadas dos prédios ou pelas pedras da rua, bem como de igrejas e fazendas de senhores importantes do período colonial do Brasil. Essa visão dominou o Iphan pelo menos até a década de 50 quando iniciaram um movimento de transformação.

Se ainda hoje em dia as referências culturais pelejam para serem reconhecidas enquanto patrimônio, na década de 1950, era perceptível a grande distinção entre patrimônio e folclore no âmbito do Instituto, assim era majoritariamente considerado patrimônio apenas os grandes monumentos históricos edificados. Nessa circunstância, ocorreu a criação da Comissão Nacional de Folclore em 1947, associado a um movimento de criação de comissões estaduais do Folclore, como é o caso do Espírito Santo que existe até os dias atuais. Decorrente dessa movimentação, em 1958, ocorre a criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro que deu origem ao Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), atualmente uma unidade especial incorporada ao Iphan. Esses intelectuais queriam a inserção do folclore nas discussões acerca de patrimônio cultural e o reconhecimento como saber científico (CHUVA, 2012).

São relevantes as palavras de Luís da Câmara Cascudo, hoje conhecido como um dos maiores folcloristas do Brasil. Para ele, o Folclore Nacional era um importante acesso para o

reconhecimento do Brasil, e foi de grande relevância para o que iria ocorrer dez anos depois, já no sentido de busca de uma identidade brasileira.

> Todos os países do Mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE. *Folk*, povo, nação, família, parentalha. Lore, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atualização imediatista do conhecimento (CASCUDO, 2016, p.9. 1ªed Digital).

A criação da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro (CDFB), em 1958, foi um dos marcos no que tange a trajetória do Folclore brasileiro, é importante frisar que muitos nomes se destacam nesse contexto em defesa do folclore, porém nenhum representante do Iphan participou das reuniões nacionais, ou seja, as pautas ainda eram desconectadas.

> No campo do folclore, nomes como Cecília Meireles e Renato Almeida marcaram a trajetória intelectual desse campo. Como se pode verificar não havia representantes do Dphan nas reuniões da Comissão Nacional do Folclore, nem representante dessas no Conselho Consultivo do Dphan (CHUVA, 2012, p. 156).

Posteriormente, com as contribuições das novas correntes de pensamento, ocorreram reflexões a respeito da noção de patrimônio cultural e de sua indissociabilidade com temas como cidadania, direitos culturais e direitos humanos. Na década de 1970, por exemplo, o mundo vinha passando por transformações significativas, o foco de estudo a respeito humanidade sofreu alterações, importavam estudar aspectos culturais do comportamento humano, diversas áreas começaram a estabelecer conexões como, história, antropologia e literatura. Foi nesse período também que foram desenvolvidos os estudos históricos no âmbito da Escola dos *Annales,* um grupo de pensadores que se importavam em estudar a história nas suas especificidades, o olhar do dominado e não do dominante. No Brasil, algumas publicações de escritos produzidos começaram a ganhar espaço e essas ideias inovadoras a ganhar corpo, de acordo com a historiadora Marcia Chuva, foi nesse contexto que chegou ao Brasil a tradução do livro do escritor Eric Hobsbawn, cujo título é “A invenção da tradição”, entre outros escritos de autores que impulsionaram essa virada cultural, responsável por atingir a temática do patrimônio no Brasil.

Para a historiadora, Marcia Chuva (2017), os tipos de bens passíveis de patrimonialização e as perspectivas sobre eles também se transformavam. O paradigma da excepcionalidade do patrimônio nacional que marcou a ação institucional passava a conviver

com a compreensão do bem como peça do cotidiano, do mundo do trabalho, de religiosidades não dominantes, dos subalternos e das minorias e, nem por isso, eram menos significativos como referência de identidades e como fonte para a produção de conhecimento sobre a história do Brasil. Segundo Chuva,

> Se observarmos o conjunto de publicações da instituição, do qual esse número da revista faz parte, podemos nos surpreender com a intensidade do investimento feito no sentido da criação de canais de comunicação com a sociedade, nos quais se expunham diferentes posições (CHUVA, 2017, p.85).

Em 1972, ocorreu a elaboração da Convenção Mundial do Patrimônio Mundial Cultural e Natural, que estabeleceu diretrizes prevendo colaboração em projetos culturais, ou seja, a pauta cultural entrou nas metas da política de desenvolvimento social. Ocorreu também uma guinada antropológica no âmbito das Ciências Sociais, a cultura e o cotidiano dos indivíduos comuns passaram a ser objeto de investigação.

No Brasil, de acordo com Márcia Chuva (apud MICELI, 1984, p.57), o primeiro plano oficial abrangente que denotou a presença governamental na área da cultura foi a Política Nacional de Cultura, que foi o primeiro documento que formalizou um conjunto de diretrizes envolvendo parceiros externos em projetos culturais e que foram introduzidas ideias relacionadas à diversidade e pluralidade. Os dois órgãos que atuavam na preservação da cultura, naquele contexto, eram Iphan e o CDFB, que, para Márcia Chuva, se dividiam em três frentes, a frente patrimonial, ainda dominada pelo Iphan, as ações estavam voltadas para restauração de bens arquitetônicos; a frente executiva com a incorporação de projetos voltados para cultura popular e folclore, exercida pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE) e ainda uma terceira, também preocupada com a valorização da cultura, que se organizou com a criação do CNRC – Centro Nacional de Referências Culturais.

A iniciativa de criação do CNRC desenvolveu-se no ano de 1975 e foi protagonizada por Aloísio Magalhães, assim como Renato Soeiro, duas figuras importantes no campo do patrimônio por suas ligações políticas de profunda acertividade. Renato Soeiro que foi presidente do Iphan durante os anos 1967 até 1979.

A pesquisadora Maria Vitória Dutra (2017) considera Magalhães uma "personagem fundamental" para entender como os levantamentos socioculturais ganharam corpo e viabilizaram a presença do patrimônio cultural, principalmente imaterial, na pauta nacional. Aloísio Magalhães era uma figura política, embora fosse designer de formação. No âmbito da criação do CNRC, sua perspectiva era valorizar os bens culturais brasileiros dentro da

expectativa nacional de ganho econômico. Diante disso, seu projeto foi pautado em destacar a diversidade regional aplicada a uma estratégia industrial e comercial. Segundo Dutra,

> Buscavam, portanto, formas de aproximação dos sujeitos, diretamente envolvidos na dinâmica da produção, à circulação e ao consumo dos seus bens culturais, reconhecendo-os como legítimos detentores não apenas de um conhecimento, mas também do destino e apropriação de sua cultura (DUTRA, 2017, p.34).

O CNRC propunha, assim, uma ligação entre cultura e desenvolvimento, colocava em evidência os agentes culturais e mantinha uma visão diferente de fazer cultura, na qual os produtores culturais foram inseridos no processo de reconhecimento da prática cultural. Foi proposto, pelo CNRC, uma redistribuição de investimentos culturais pelo país, descentralizando do Centro-Sul e uma maior assistência às regiões norte e nordeste, objetivando uma distribuição de forma equânime.

Apesar das propostas do CNRC, Aloísio Magalhães percebeu a possiblidade de descontinuidade de seus projetos devido às mudanças políticas e a crise econômica. Segundo a pesquisadora Márcia Chuva (2012), diante dessa percepção, Magalhães articulou a ocupação do cargo de presidente do Iphan. Assim o CNRC foi incorporado ao Iphan, da mesma forma que o Programa das Cidades Históricas (PCH). Como resultado dessas fusões, o Iphan transformou-se em Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan). Em 1979, foi criada a Fundação Nacional Pró-Memória, pela Lei nº 6.757, de 17 de dezembro, para funcionar como braço executivo da Sphan. Ou seja, ambas caminhavam de forma paralela, com o objetivo de dar maior dinamismo às políticas culturais voltadas para a preservação do patrimônio cultural.

Marcia Chuva (2017) nos adverte que desde a Constituição Brasileira de 1934, o amparo à cultura é tratado como dever do Estado, ou seja, sempre coube à União, aos estados e aos municípios proteger os objetos de interesse histórico e o patrimônio artístico do país. No entanto, a nova Constituição vem com a quebra desse paradigma, ainda cabe aos órgãos a proteção e cautela desses bens, mas delega a sociedade civil a responsabilidade de contribuir para proteção e salvaguarda do Patrimônio Cultural brasileiro.

As metodologias que foram desenvolvidas nas décadas seguintes partiram do consenso acerca da necessidade do estabelecimento de padrões nacionais e do envolvimento das populações atingidas, afetadas, detentoras, enfim, produtoras do patrimônio, seja ele de natureza material ou imaterial. O que Chuva (2017) nos quer alertar é que a noção de referência cultural dos anos 1970 era mais uma marca e bem menos um conceito e que a referência cultural era uma categoria em construção.

Com a reorganização político - administrativa pós regime militar, foi discutida e elaborada pela Assembleia Nacional Constituinte a Constituição Federal Brasileira de 1988, chamada de Constituição Cidadã e vigente até os dias atuais. No âmbito da preservação dos bens culturais, destacam-se os artigos nº 215 e 216[2], que buscam garantir a promoção e a preservação do patrimônio cultural material e imaterial e lançam uma nova definição de patrimônio cultural. Assim estabelecem os artigos:

> Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.
> § 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.
> § 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.
> § 3º A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do País e à integração das ações do poder público que conduzem à:
> I - defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro;
> II - produção, promoção e difusão de bens culturais;
> III - formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões;
> IV - democratização do acesso aos bens de cultura;
> V - valorização da diversidade étnica e regional.
> Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:
> I – as formas de expressão;
> II – os modos de criar, fazer e viver;
> III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
> IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
> V – os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.
> Parágrafo 1. O poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação (BRASIL, 1988).

A Constituição de 1988 teve papel fundamental ao ampliar a atuação da sociedade e fornecer mecanismos próprios para o exercício da participação popular, a inclusão da participação popular foi uma importante vitória para os movimentos e comitês populares. Nos artigos supracitados, identificamos três questões a serem sublinhadas**:** a primeira delas é a

[2] Texto na integra disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 20 de março de 2018.

responsabilidade do Estado em garantir à toda a população brasileira acesso às fontes culturais, bem como a proteção e valorização das manifestações culturais de qualquer natureza. A segunda questão é a participação popular na promoção e proteção do patrimônio cultural brasileiro, ou seja, a partir da Constituição, as comunidades são também responsáveis pelo acautelamento dos bens culturais. Por último, houve a inserção dos bens de natureza imaterial. Para Chuva,

> Através desses dispositivos, a Constituição Federal Brasileira consagrou a tese da diversidade cultural, ao considerar a importância da contribuição dos "diversos grupos formadores da sociedade brasileira" e a necessidade de proteção e salvaguarda do patrimônio cultural de natureza material e imaterial pertencente a esses diferentes grupos (CHUVA, 2017, p. 90).

Além disso, colocou em foco comunidades que até então eram preteridas pelas políticas de Patrimônio no Brasil o que acabou envolvendo o Iphan em políticas afirmativas e de reparação histórica que não faziam parte do seu escopo até então.

Com essa ampliação, foi necessário o estabelecimento de outros parâmetros legislativos. Dessa forma, em paralelo ao instrumento de Tombamento, garantido por meio do Decreto Lei número 25 de 1937, foi criado, pelo Decreto número 3.551 de 2000, o instrumento de Registro e a consequente política de salvaguarda para bens de natureza imaterial. No entanto, as políticas de preservação cultural de um decreto em relação ao outro, tem muitas distinções. Um bem imaterial registrado não requer conservação conforme acontece com um edifício ou uma igreja, ele precisa de acompanhamento periódico, de apoio e fomento para perpetuação da sua tradição, que ocorre num formato dinâmico e mutável ao longo do tempo, fatores que se apresentam como desafios para as políticas de preservação dos bens de natureza imaterial.

1.1 O Decreto Nº 3.551 de 04 de agosto de 2000

Com a prerrogativa de criar uma política de preservação para esses bens de natureza imaterial e fazer cumprir o estabelecido pela Constituição, foi homologado o Decreto nº 3.551 de 04 de agosto de 2000. Conforme mencionado anteriormente, tal Decreto deu maior visibilidade aos bens imateriais e criou possibilidades de salvaguarda deles, instituindo o instrumento do Registro de bens culturais de natureza imaterial que constituem o patrimônio cultural brasileiro. Na forma de um texto normativo, o Decreto no 3.551/2000 pode ser visto

como o fato síntese que encerra esse período, com a criação do Programa Nacional de Patrimônio Imaterial.

Foram estabelecidos, por meio do Decreto, por ora, quatro livros de registros, com possibilidade de abertura de outros livros caso seja julgado necessário:

> Artigo 1º Fica instituído o Registro de bens Culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro.
> Esse registro se fará em um dos seguintes livros:
> I - Livro de Registro dos Saberes, onde serão inscritos conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano da comunidade;
> II – Livro de Registro das Celebrações, onde serão inscritos rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;
> III – Livro de Registro das Formas de Expressão, onde serão inscritas manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;
> IV - Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças, e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas (BRASIL, 2000, p. 1).

Outros livros de registro poderão ser abertos para inscrição de bens culturais de natureza imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro e não se enquadrem nos livros já existentes. Quando for o caso, caberá ao Conselho Consultivo determinar a necessidade de abertura de novos livros.

Dentre os livros de Registro, priorizaremos a análise acerca do Livro de Registro de Celebrações, pois é o Livro que contemplaria o Registro da Festa da Penha do Espírito Santo, nosso tema de estudo. Tal Livro foi criado para abrigar os rituais e celebrações que marcam vivência coletiva e religiosidade brasileira. Celebrações que remetem a festas tradicionais cultuadas por muitas gerações em um determinado local, ativando a memória coletiva daquela comunidade, fortalecendo a associação com festas dos antepassados, resgatando a memória afetiva e coletiva do grupo e perpetuando a tradição de celebrar algo que é importante para eles.

Esses festejos religiosos representam também sociabilidades múltiplas não apenas baseadas nas práticas religiosas. Ou seja, as celebrações representam, por exemplo, um momento de reencontrar a família, amigos e reativar memórias e raízes. Todas essas questões são características que dão sentido ao reconhecimento de um bem de natureza imaterial como patrimônio cultural brasileiro, por meio do Registro, atribuindo a ele valor representativo da cultura e da identidade brasileira (IPHAN, 2004). Isso é:

> ao chancelar determinada manifestação cultural com esse título, a União assume tanto a responsabilidade de acompanhar os possíveis

> desdobramentos e reflexos desse ato sobre o bem, quanto o compromisso com a sua preservação. Compromisso este que se traduz na sua divulgação e valorização, e também na recomendação de ações para sua salvaguarda (IPHAN, 2004, p. 78).

Em 2006, para reforçar e esclarecer algumas questões que apareceram após a criação do Decreto, foi elaborada a Resolução número 01 do Iphan, que estabelece algumas diretrizes de procedimentos para a solicitação dos pedidos de Registro, bem como os trâmites processuais e encaminhamentos institucionais. Em outras palavras, nessa Resolução, está descrito quais documentos precisam ser compilados e quais informações a respeito do bem proposto precisam ser apresentadas para solicitar o Registro.

Como veremos a seguir, existe todo um caminho pelo qual o processo precisa passar para ser analisado. Para entender tal caminho que um processo transcorre, é preciso primeiro entender a estrutura organizacional do Iphan, seus departamentos e suas devidas funções.

1.2 Estrutura do Iphan

Conforme apresentado no organograma abaixo (Figura 1) e das informações extraídas do site institucional do Iphan, as pontas, como costumam ser chamadas, são as Superintendências estaduais. Subordinados às Superintendências, estão os Escritórios Técnicos que algumas Superintendências possuem. Logo acima estão os Departamentos Centrais, que são subdivididos por áreas. Nessa divisão, podemos ver o enquadramento do Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI) e do Departamento de Patrimônio Material (Depam).

Cabe ao Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI)[3] zelar pela preservação e difusão dos saberes, das celebrações, das formas de expressão e lugares portadores de referência à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira. Dessa forma, é o DPI que propõe diretrizes e critérios para o cumprimento da sua missão e, em conjunto com as Superintendências Estaduais, gerencia programas, projetos e ações nas áreas de identificação, de registro, acompanhamento, apoio, fomento, e valorização do patrimônio cultural de natureza imaterial. O DPI é responsável também por supervisionar e

[3] Informações retiradas do site http://portal.iphan.gov.br. Acesso em 01 de Fevereiro de 2020.

orientar as atividades do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular (CNFCP), uma das Unidades Especiais do Iphan.

Já o Departamento de Patrimônio Material e Fiscalização (Depam) é a instância que zela pelo patrimônio cultural de natureza material e visa garantir sua preservação e usufruto pela sociedade. Cabe ao Depam propor diretrizes, critérios e normas, bem como gerenciar programas, projetos e ações nas áreas de identificação, reconhecimento, proteção, conservação e gestão de bens culturais materiais. Também é o Depam, que supervisiona e orienta as atividades de duas Unidades Especiais, sendo elas, o Centro Nacional de Arqueologia (CNA) e o Sítio Roberto Burle Marx.

Conforme descrito no site do Iphan, estão de um lado a Assessoria Parlamentar, que corresponde à Assessoria da Presidência, principalmente para assuntos internacionais, a Assessoria de Comunicação, tida como uma área de teor estratégico do Iphan, pois é responsável por difundir as informações acerca do patrimônio cultural do País, e o Gabinete da Presidência, que tem por objetivo assessorar o (a) Presidente em sua representação social e política.

Do outro lado, estão a Auditoria Interna (Audin) que assessora a gestão administrativa, orçamentária e financeira como um todo, também é de sua responsabilidade acompanhar a implementação das recomendações apontadas pelos órgãos do Sistema de Controle Interno do Poder Executivo Federal e do Tribunal de Contas da União (TCU). Em seguida, a Procuradoria Federal, que tem qualidade de órgão executor da Procuradoria-Geral Federal. Cabe a ela, dentre outras atribuições, exercer a representação judicial e extrajudicial do Iphan. A Coordenação-Geral de Licenciamento (CNL) está ligada diretamente ao Gabinete da Presidência do Iphan, sendo responsável por representar e promover a articulação com outras entidades públicos envolvidos nos processos de licenciamento ambiental.

Já os órgãos colegiados são compostos pela Diretoria, responsável pelo plano de ação e por estabelecer as diretrizes e estratégias do trabalho do Iphan; o Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural (que será apresentado com maior destaque nas próximas páginas deste texto) e o Comitê Gestor. Tais órgãos colegiados formulam as políticas públicas de preservação do patrimônio cultural brasileiro e propõe ações de articulação com os outros órgãos, programas e ações culturais.

Por fim, está a Presidência do Iphan, que é responsável por representar o Iphan em qualquer instância ou esfera do poder. É responsável, ainda, por coordenar, controlar,

planejar, orientar e dirigir todas as ações do Instituto, zelando pelo cumprimento das políticas e diretrizes definidas pelo Ministério ao qual esteja subordinado.

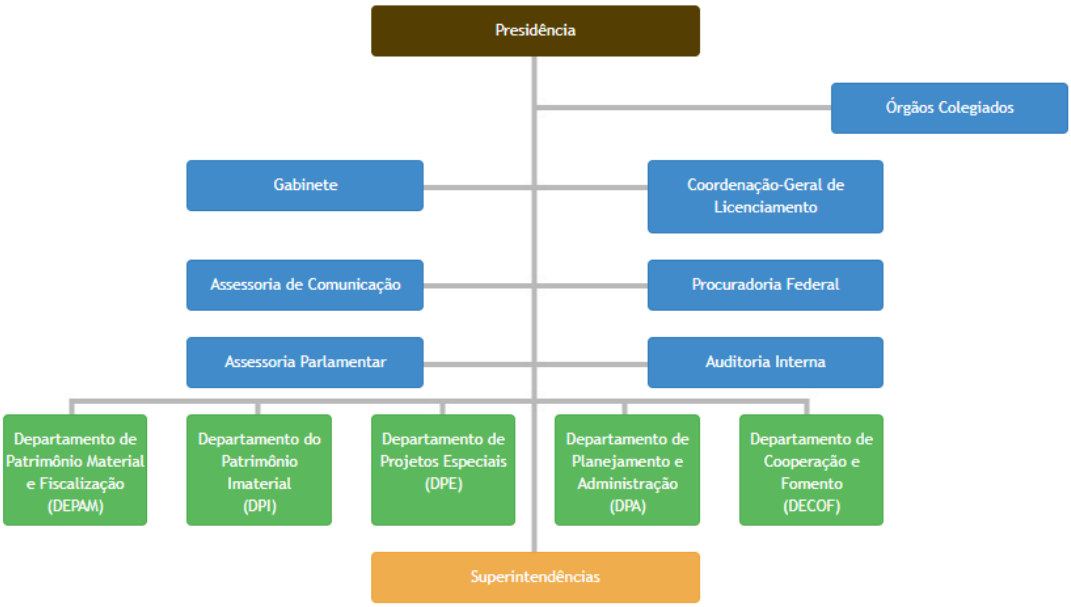


Figura 1 - Organograma do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan. Disponível em http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/214. *Acesso em* 28 de Janeiro de 2020.

Dentro da estrutura institucional do Iphan, alguns órgãos nos chamam atenção, no que tange o caminho que o processo executa até sua aprovação final. O órgão colegiado de decisão máxima do Iphan para as questões relativas ao patrimônio brasileiro material e imaterial é o Conselho Consultivo, criado pela mesma lei que instituiu o Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), hoje Iphan, a Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937.

O mais recente marco legal sobre a estrutura organizacional do Iphan, o Decreto nº 9.238, de 15 de dezembro de 2017, mantém o Conselho como o responsável pelo exame, apreciação e decisões relacionadas à proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro, tais como o Tombamento de bens culturais de natureza material, o Registro de bens culturais imateriais, a Chancela da paisagem cultural e a autorização para a saída temporária do país de obras de arte ou bens culturais protegidos, na forma da legislação em vigor, além de opinar sobre outras questões relevantes. Já as Câmaras Setoriais são mais recentes, criadas em 2014 para contribuir na formulação de política de salvaguarda e estabelecer uma interface entre a área técnica do IPHAN e o Conselho Consultivo. (portaria 26/2004)

1.3 As Câmaras Setoriais

Na Portaria número 26 de 02 de fevereiro de 2004, ficaram instituídas duas Câmaras Setoriais, a Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial e a Câmara Setorial de Arquitetura e Urbanismo. O objetivo de tais câmaras é o aprofundamento nas discussões na categoria do patrimônio cultural nacional para as quais foram instituídas, ou seja, as câmaras não possuem caráter decisório, mas servem para subsidiar as decisões do Conselho Consultivo. Elas são formadas por membros (as) do Conselho, logo, o desígnio de sua existência é um afunilamento de temas, a começar pela separação de áreas.

Em relação a sua estrutura, conforme já mencionado, a Câmara é composta por alguns dos Conselheiros (as) do Conselho Consultivo, é liderada pelo (a) Diretor (a) do Departamento, cuja área de atuação esteja relacionada ao objeto da Câmara ou, na sua ausência, o seu substituto legal, na titulação de Diretor (a) da Câmara. Ou seja, o Diretor (a) do DPI será consequentemente o (a) Diretor (a) da Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial. Da mesma forma que ocorre no Conselho, cabe ao Secretário (a) de cada Câmara convocar a reunião, com no mínimo quinze dias de antecedência, para validação da reunião é necessário o *quórum* de dois terços dos membros (as).

Após a manifestação dos conselheiros (as) na Câmara, o conteúdo é registrado em ATA, juntamente com os estudos e Pareceres Técnicos que irão como anexo para subsidiar a argumentação dos conselheiros (as). Nota-se que, nem todo processo que passa pela Câmara Setorial é encaminhado ao Conselho Consultivo.

Para realizar a análise dos processos de Registros das festas religiosas a seguir, foi necessário, uma pesquisa em todas as Atas da Câmara Setorial do Patrimônio Imaterial, além de analisar os processos. Uma vez que, nem sempre constará, no processo Registro do bem cultural a Ata em anexo, e a maioria dos processos em que foi negado o pedido, nem chegou a passar pelo Conselho Consultivo.

1.4 O Conselho Consultivo

O Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural é o órgão colegiado de decisão máxima do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) para as questões relativas ao patrimônio brasileiro material e imaterial. Ele é responsável por avaliar se o bem

é passível do título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil mediante ao instrumento de Registro. Para tal avaliação, o Conselho se baseia na justificativa apresentada pelos indivíduos que almejam o registro e nos documentos de pesquisa produzidos.

Esse órgão existente desde 1937, foi criado por meio do mesmo Decreto Lei que instituiu o Iphan, na época ainda Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), Lei Número 378 de 13 de janeiro de 1937. Desde então, o Conselho é tido como o responsável por examinar, apreciar e tomar decisões em relação à proteção do patrimônio cultural brasileiro.

De acordo com a Portaria Número 486 de 29 de novembro de 2012, atualmente, o Conselho é formado pelo (a) presidente do Iphan, determinado que seja também o (a) Presidente do Conselho, nove representantes de instituições públicas e privadas e 13 representantes da sociedade civil, indicados pela presidência do Iphan. O trabalho prestado pelos conselheiros (as) não é remunerado por ser considerada uma prestação de serviço público, o mandato é de quatro anos, podendo ocorrer à nomeação para novo período de exercício.

As reuniões ocorrem no mínimo quatro vezes ao ano, por aprovação por meio do calendário anual pelos próprios conselheiros (as), no entanto, pode ocorrer uma convocação extraordinária pelo (a) Presidente do Conselho ou por, no mínimo, metade dos conselheiros (as), ou seja, dezesseis conselheiros (as).

No que tange ao funcionamento desse conselho, sempre será verificado o *quórum* para abertura da reunião e aprovação da ATA da reunião anterior. Em seguida, apresentação dos pontos colocados em pauta, na qual serão expostos todos os assuntos que serão posteriormente discutidos durante a reunião. Vale ressaltar que é de responsabilidade do (a) Secretário (a), além de lavrar e assinar todas as atas do conselho, enviar aos conselheiros (as) com antecedência os assuntos que estarão em pauta em cada reunião.

O último passo é a discussão e deliberação de cada ponto levado ao Conselho, realizado pelos Conselheiros (as). Antes disso, primeiro é apresentado, pelo relator, o Parecer Técnico do tema. Geralmente, o relator é um membro do Conselho que tenha maior aproximação com a área do objeto apresentado. Sendo este escolhido pelo Secretário (a) do Conselho, podendo recusar em caso de relevante motivo. É de responsabilidade do Secretário (a) encaminhar aos Conselheiros (as) os processos que estarão em pauta com, no mínimo, trinta dias de antecedência.

Após o relator apresentar o Parecer Técnico, é realizada a sustentação oral de cada tema, feito pela parte interessada, podendo ser alguém afetado diretamente pelo impacto do registro/tombamento ou por um representante legal, etapa facultativa. Caso tenha, após a sustentação oral, ocorre a votação e discussão dos temas por parte dos Conselheiros (as), com aprovação ou reprovação dos pedidos de reconhecimento colocados em pauta.

1.5 Caminhos do processo

Para entendermos os caminhos processuais, precisamos dar alguns passos atrás. A solicitação do registro, juntamente com a justificativa do pedido, é apresentada pelo proponente à Presidência do Iphan, que é posteriormente direcionado à Superintendência da mesma localidade em que está inserido o bem cultural em questão. Esses processos são analisados por um técnico do Iphan, de acordo com sua área de formação e consequente conhecimento do bem cultural analisado. O processo não é encaminhado diretamente para o Conselho, cada processo é direcionado para o Departamento Central de sua respectiva área, por exemplo, no caso de bens imateriais, são direcionados para o Departamento de Patrimônio Imaterial (DPI), em caso de bens materiais, para o Departamento de Patrimônio Material (DEPAM).

No que tange os processos encaminhados ao DPI, os processos passam pela Câmara do Patrimônio Imaterial (CPI), cujo objetivo, para além de aprovar ou reprovar pareceres, é aprofundar discussões no que tange a noção de patrimônio cultural e analisar o bem proposto, para posteriormente ser encaminhado ao Conselho Consultivo para apreciação.

1.6 A concepção de bem cultural imaterial sob a ótica do Iphan

Antes de discorrer acerca das celebrações religiosas do catolicismo registradas pelo Iphan, é importante destacar quais os critérios estabelecidos pelo Iphan para que um bem imaterial receba o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil e outros não. Para o Iphan, por meio da Resolução no 01 de 2006, entende-se como bens culturais de natureza imaterial “as criações culturais de caráter dinâmico, com base em histórias concretas de tradição familiar e/ou coletivas e manifestadas por indivíduos ou grupos de indivíduos como expressão de sua identidade cultural e social” (BRASIL, 2006).

A Resolução Nº 01 de 2006 define o entendimento de tradição no seu sentido etimológico de “dizer através do tempo”, significando práticas produtivas, rituais e simbólicas que são constantemente reiteradas, transformadas e atualizadas, mantendo, para o grupo, um vínculo do presente com o seu passado. Nesse sentido, cabe ao Iphan descriminar os critérios pelos quais um bem cultural de natureza imaterial precisa possuir para obter o título de Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil por via do Registro. Em primeira instância, o pedido de registro deve ser seguido por:

> I. Identificação do proponente (nome, endereço, telefone, e-mail etc.);
> II. Justificativa do pedido;
> III. Denominação e descrição sumária do bem proposto para Registro, com indicação da participação e/ou atuação dos grupos sociais envolvidos, de onde ocorre ou se situa, do período e da forma em que ocorre;
> IV. Informações históricas básicas sobre o bem;
> V. Documentação mínima disponível, adequada à natureza do bem, tais como fotografias, desenhos, vídeos, gravações sonoras ou filme;
> VI. Referências documentais e bibliográficas disponíveis;
> VII. Declaração formal de representante de comunidade produtora do bem ou de seus membros, expressando o interesse e anuência com a instauração do processo de Registro (BRASIL, 2006, p.02).

O proponente terá que enviar toda essa documentação para o Iphan, caso o órgão verifique que está incompleto, tem por obrigação comunicar o proponente. O proponente terá o prazo de trinta dias para solicitação de recurso, se não tiver resposta o processo automaticamente será arquivado.

Sobre a produção de conhecimento, é necessário que o bem cultural tenha descrição pormenorizada, principalmente no que tange aos atores envolvidos e à dinâmica social, levando em conta questões como o processo de construção, circulação e o contexto cultural do bem em questão. Essa etapa se coloca como uma apresentação, destacando todas as características básicas do bem que permite entender se realmente se trata de um bem cultural intangível.

Para comprovar essa descrição, é preciso que sejam apresentadas referências bibliográficas e documentais, juntamente com material audiovisual de caráter etnográfico que comprove os aspectos culturais relevantes. Podendo ser incluído também alguma publicação antiga, ou material já produzido em outros momentos que mostre a dinâmica da manifestação cultural não somente na atualidade, se o proponente não apresentar no ato da abertura do processo, o Iphan, fará isso no primeiro contato com o solicitante.

Dentro dessa documentação apresentada, os técnicos avaliam a presença dos itens tidos como indispensáveis pelo Conselho Consultivo do Iphan (IPHAN, 2012). Um dos critérios é a continuidade histórica, que pode ser entendida como a transmissão geracional do bem, isto é, se ocorre transmissão para as gerações mais novas, se os jovens se interessam e assumem responsabilidades dentro da manifestação cultural, já demonstrando interesse em perpetuar a memória da sua comunidade e há quanto tempo se percebe a existência daquela prática cultural. É nesse critério que pode ser percebido se o bem está em risco de extinção, de acordo com o envolvimento das gerações mais jovens.

Acerca desse ponto, vale abordar algumas considerações levantadas pela socióloga Wivian Weller (2010), ao pensar a relevância do conceito de Karl Mannheim[4] sobre gerações. Existem dois pontos de partida para pensar a questão geracional, o primeiro deles é uma análise quantitativa, que se baseia na linearidade e nesse fator de idade e duração de uma geração para outra. Durante muito tempo nas discussões, essa visão, alinhada ao pensamento positivista, esteve em voga também para determinar os critérios de continuidade histórica estabelecidos pelo Iphan para ajustar os bens patrimonializáveis. No entanto, a visão mannheimiana inclina-se para uma compreensão qualitativa, de forma a pensar no tempo interior que não pode ser mensurado. O próprio Karl Mannheim, segundo a autora, expressa sua preocupação na falta de unidade para tratar a questão das gerações, por isso essas miscelâneas de interjeições.

O que cabe destacar no escopo deste trabalho é que a questão geracional, no campo do patrimônio cultural, não pode ser enxergada como uma unidade concreta, nem seguir um plano único para aplicar-se em casos cujas especificidades são múltiplas, a transmissão cultural, por exemplo, não necessariamente cumprirá o critério elencado pelos positivistas como essencial que é o intervalo de 30 anos entre as gerações, uma vez que, em alguns casos, em menor tempo essa transmissão já está ocorrendo. Outra variação está no quesito biológico, isto é: a transmissão não necessariamente precisa ser realizada entre os membros da mesma família, o que vai unir as gerações nesses casos são os fatores sociais (WELLER, 2010).

Já o segundo item tido como importante na avaliação do Conselho Consultivo para o reconhecimento de um bem cultural como patrimônio imaterial, é o contexto histórico, no qual se aborda a formação e desenvolvimento do bem, se o mesmo tem importância histórica,

[4] Sociólogo alemão de origem húngara. Lançou as primeiras teses sobre a sociologia do conhecimento, cujas bases estão lançadas em 'Ideologia e Utopia', sua principal obra. Disponível em http://www.sociologia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=649&evento=5. *Acesso em* 30 de maio de 2020.

principalmente no que se refere a sua formação, se está associado à história de formação do país, baseia-se na cultura indígena, portuguesa e africana que são as bases da miscigenação e de nossa existência, se é uma referência cultural que contemple a identidade da sociedade brasileira.

E, por último, outro critério bastante significativo é o da relevância nacional do bem. Nesse ponto, é verificado se a manifestação cultural ocorre em outras localidades além da que partiu o pedido, se está em consonância com demais locais espalhados pelo território nacional e que mesmo assim ainda se destaca por sua importância a nível nacional. Ou seja, avalia-se se, mesmo ocorrendo numa determinada cidade, indivíduos e ou até mesmo espaços de outras localidades são envolvidos. Nesse aspecto, podemos notar que é muito comum os técnicos do Iphan levarem em conta, em seus Pareceres Técnicos, se a manifestação cultural envolve algum outro tipo de patrimônio que já possua a proteção nacional. Um exemplo disso é o caso da Festa do Divino Espírito Santo de Paraty, uma celebração que foi registrada pelo Iphan, levando em conta um argumento positivo de sobreposição de patrimônios, uma vez que é considerado o fato da Festa ocorrer numa cidade histórica tombada,

> A arquitetura, objetos e manifestações culturais se mantêm integrados à vida dos paratienses. De maneira que a preservação desse importante acervo arquitetônico completa-se com a valorização dos usos e apropriações desse espaço, que é referência para a memória e identidade não somente dos paratienses, mas de todos os brasileiros (IPHAN, 2007a, fl.143).

Buscando entender os critérios utilizados pelo Iphan para registrar uma Festa como uma celebração com aspectos de referência cultural de relevância nacional, fez-se necessário analisar processos de festejos cujos pedidos foram aprovados e negados. Identificando os aspectos supracitados ao decorrer dos processos.

1.7 Celebrações católicas registradas pelo Iphan

A primeira celebração reconhecida pelo Iphan como Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil, inscrita no livro de Celebrações, foi o Círio de Nossa Senhora de Nazaré[5], no ano de 2004. Seu registro foi solicitado pela Arquidiocese de Belém e pela associação dos diretores da festa. No processo consta que essa é uma festa que ocorre tradicionalmente desde 1967, quando ocorriam Romarias em devoção à Nossa Senhora de Nazaré, trazida para o estado do Pará pelos colonizadores.

[5] IPHAN/ PROTOCOLO (Processo Número 01450.0 10332/2004-07).

Entretanto, as narrativas apresentadas no dossiê de registro (IPHAN, 2004), acerca da formação da festa remetem ao século XVIII, mais especificamente, por volta de 1700 quando foi encontrada a imagem de Nazaré às margens do rio e do ano de 1774, foi solicitado a Portugal a autorização para realizar a Festa.

A festa do Círio é uma homenagem a Nossa Senhora de Nazaré e reúne cerca de dois milhões de pessoas em devoção à Santa. Ela ocorre no segundo domingo de outubro, sendo que um dos símbolos mais importantes dessa festa é a corda, que os romeiros sustentam de forma coletiva, pois a mesma pesa cerca de 700kg, como pode ser vislumbrado na imagem a seguir. Além disso, muitas Romarias são preparadas para saudar a imagem de Nazaré. É um festejo em que muitas pessoas que fazem o percurso como meros curiosos, pois de alguma forma já ouviram falar da Festa do Círio de Nazaré.



Figura 2 –Fotografia do momento em que a corda é sustentada pelos romeiros, um dos momentos mais importantes da Festa. Fotógrafo: Luiz Braga. Acervo Iphan.

Um elemento interessante, descrito no processo de registro do Círio (2004a), é a participação das filhas de chiquita. Elas são formadas por grupos homossexuais e simpatizantes de Belém. Tal nome remete aos carnavais de 1975 e 1976, nos quais foram organizados um bloco carnavalesco que saía das proximidades do extinto presídio São José, percorrendo as ruas do centro da cidade, até o Bar do Parque. Essa participação tem início na noite do sábado que precede a procissão principal do Círio e acontece, desde 1978, num dos lugares por onde passam as procissões da trasladação do Círio, em frente ao chamado Bar do Parque, na praça da República. O bar, que funciona 24 horas, fecha apenas no dia do Círio. Isso gera bastante desconforto por parte da diretoria da festa, que questiona a participação das

filhas de chiquita, causando atritos entre os envolvidos e devotos. Nota-se, assim, que os elementos sagrados e profanos que marcam a festa do Círio são elementos que se complementam e não que se opõem. Embora ocorram esses frissons entre os grupos, isso passa quase que imperceptível para quem está participando do festejo, pois, quando inicia a festa, essas passagens de uma festividade para outra se confundem e não possuem uma demarcação tão clara.

Esse festejo que se assemelha à Festa da Penha, no que tange à devoção à uma padroeira de origem europeia e que é incorporada nos moldes de celebração dos brasileiros, na movimentação cultural que as festividades causam em seus respectivos estados e nas características de dinamicidade cultural. O historiador italiano Carlo Ginzburg escreve sobre o conceito de circularidades entre culturas, discutido em sua obra, "*O queijo e os vermes*", que relata exatamente essa dinâmica cultural, assim elementos que são identificados na Festa do Círio de Nazaré, são perceptíveis na Festa da Penha do Espírito Santo. Por exemplo, há uma participação de diversos grupos que estabelecem circularidades culturais entre eles, sejam eles secular, os turistas e os devotos. (GINZBURG, 1987).

Nessa perspectiva, o sociólogo francês, Pierre Bourdieu (2007), considera a religião como uma linguagem estruturante na sociedade, por meio de trocas simbólicas de comunicação e pensamento. Essa força estruturante é produzida por meio da constituição de experiências, ou seja, a experiência religiosa se apresenta em práticas e discursos quando encontra uma demanda social. Tal afirmação dá sustentação para as teorias dicotômicas criadas socialmente (campo *versus* cidade, céu *versus* terra, sagrado *versus* profano).

De acordo com o Parecer Técnico do Conselho Consultivo, encontrado no Processo de solicitação de Registro do Círio de Nazaré (Iphan, 2004a), este festejo ganhou notoriedade pelas autoridades, protagonizadoras da oficialização das chancelas de patrimonialização, justamente por conta de suas influências e no tempo de decorrência, corresponde a uma devoção popular, de influência portuguesa, à Nossa Senhora de Nazaré. Encontrada na Extremadura portuguesa, em Nazaré e também no norte de Portugal, imbrica-se por sua vez na tradição medieval, com procissões e representações de lutas contra os mouros. A respeito desse registro, o relator do Parecer Técnico, Arno Werling, defende que as procissões, com suas idas e vindas, revivem e atualizam, na memória coletiva, o mito de origem do "achado" e das "fugas" da imagem original da Santa.

Sendo, portanto, além de uma festa bicentenária, considerada uma festa dinâmica que remonta ao período colonial e à ligação com a colonização. Essa celebração é uma festa

completa as características exigidas pelo Iphan para que seja reconhecida seu registro, por isso foi possível o registro dela apenas quatro anos após instituído o Decreto 3.551/2000. Tal Decreto, no parágrafo segundo, estabelece que "a inscrição num dos livros de registros terá sempre como referência a continuidade histórica do bem e sua relevância nacional para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira" (BRASIL, 2000).

Por isso, o Círio de Nazaré foi o bem cultural escolhido, na categoria celebrações, para testar os procedimentos de instrução técnica, conforme a recomendação do Conselho do Património Cultural do IPHAN, pois tal festividade é considerada uma celebração com elementos fundamentais da identidade cultural dos paraenses com relevância nacional. A relatora do Conselho Consultivo, Maria Cecília Londres Fonseca, na ATA da 44ª Reunião, que o Círio de Nazaré é o grande momento de reencontro das famílias, dos amigos, das tradições da terra natal, cujo ponto culminante de congraçamento se dá em torno da mesa, no almoço do Círio, quando são servidos os pratos típicos da cultura paraense, como o pato no tucupi[6] e a maniçoba[7]. Nesse sentido, a consultora identifica a festa do Círio como espaço permanente de conflito entre os modos de expressão da devoção popular e as tentativas de controle dos aspectos sagrados e profanos da festa por parte das autoridades eclesiásticas e dos poderes públicos (BRASIL, 2004).

A partir do Registro da Festa de Nossa Senhora de Nazaré, foi construído um parâmetro para se pensar outras celebrações e consequentemente avaliar se elas estão nos padrões instituídos para o reconhecimento enquanto Patrimônio Cultural Imaterial do Brasil. A grande questão que cerceia essa discussão é por que alguns bens são reconhecidos e outros não? E, por que, para os grupos detentores desses festejos, o reconhecimento se torna importante? Visto que não é o Registro que faz com que o bem exista, porém inegavelmente inicia-se com o Registro um processo de afirmação de importância, baseada num título concedido por uma Instituição pública nacional. Além disso, é um instrumento que dá a esses grupos a sensação de proteção e manutenção de seu bem cultural, uma vez que eles podem ter acessos a apoios e fomentos específicos por conta do reconhecimento.

Chama a atenção o fato de que as duas festas religiosas registradas após o Círio de Nazaré foram as festas do Divino Espírito Santo de Pirenópolis[8], no estado de Goiás, e a de

[6] Tucupi : Alimento, processado, extraído do sumo da mandioca descascada e espremida no tipiti. Informação extraída de http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001472.htm. *Acesso em* 01 de Janeiro de 2020.

[7] Maniçoba : Comida, de origem indígena, à base de folhas novas da mandioca, moídas e cozidas com carne de porco e de boi. Informação extraída de http://www.cnfcp.gov.br/tesauro/00001521.htm. *Acesso em* 01 de Janeiro de 2020.

[8] IPHAN/ PROTOCOLO (número de processo 01450 .000715/2010-15) .

Paraty[9], no estado do Rio de Janeiro, ambas com características muito similares, no que tange às exigências estabelecidas pelo Iphan através do Decreto Nº 3.551 de 2000.

Em Goiás, o Registro foi solicitado pelos Imperadores do Divino, pelo Instituto Cultural Cavalhadas de Pirenópolis e o pelo então prefeito de Pirenópolis Nivaldo Melo. Esse quesito é algo de relevância para o Iphan, uma vez que uma das exigências é que o pedido de registro parta da sociedade civil ou associações civis, pois obrigatoriamente precisa ter a participação social.

Entretanto, podem também provocar a instauração de um processo de registro: O Ministro da Cultura, instituições vinculadas ao Ministério da Cultura, estados, municípios e Distrito Federal (BRASIL, 2000). Um exemplo disso, pode ser notado no pedido de registro do Divino Espírito Santo de Paraty, que partiu do Instituto histórico de Paraty, ou seja, uma instituição municipal. Muitas dessas instituições representam a coletividade e, para cumprir as exigências do Decreto, possuem Registro como Pessoa Jurídica.

A Festa do Divino de Pirenópolis, que ocorre em Goiás, desde 1819, tem a data móvel, pois varia de acordo com a data dos feriados católicos – da mesma forma que ocorre com a Festa da Penha – e finaliza no domingo de Pentecostes. Muitas vezes se inicia ainda na Páscoa, isso pode variar, mas perdura sessenta e três dias. A dinâmica da Festa do Divino, em Pirenópolis, se assemelha a da Festa da Penha no que se refere o uso dos espaços. Conforme pode ser visto na figura abaixo, a cidade faz parte do cenário da Festa, assim as ruas, praças e campos são ocupados pelos participantes das diversas manifestações.



Figura 3 - Cavaleiros passando pela cidade durante preparação das cavalhadas. Fotografia: Acervo Iphan.

[9] IPHAN/ PROTOCOLO (número de processo 01450.015103/2007-13).

Essa Festa comporta grande número de eventos e celebrações, principalmente, por se tratar de uma festa longa. As principais são a festa do imperador, as cavalhadas, os mascarados, as folias (conhecidas também como procissões ou Romarias), Reinado de Nossa Senhora do Rosário e o juizado de São Benedito (conhecido como festa dos pretos) e cavalhadinha (participação exclusiva das crianças).

A festa de Pirenópolis é considerada uma das mais relevantes manifestações de devoção ao Divino do país, por possuir características fortes e de adesão de grande parte da população. Destacado pela técnica Ana Claudia Lima, na época da Coordenação de registro, um dos elementos que chama atenção do Iphan, é a cavalhadinha, um festejo dentro da Festa para incentivar a participação das crianças e garantir a participação das gerações mais novas. A cavalhadinha é formada por jovens que vão ocupar papéis importantes durante o festejo, levando o nome da família para a memória coletiva dessa festa (IPHAN, 2010a).

Já a Festa do Divino de Paraty, cujo registro ocorreu em 03 de abril de 2013. Inicia sua preparação 15 dias após o encerramento da festa do ano anterior, com o arreamento do mastro do Divino pelo novo festeiro, que recebe o cortejo em sua casa com comidas e lanches tradicionais de Paraty. A festa estende-se por todo o ano até a festa seguinte coletando recursos para realização da próxima festa. O mastro do Divino é levantado no Domingo de Páscoa e a festa se inicia 40 dias após a Páscoa com novena e procissão e se encerra no domingo de Pentecostes.



Figura 4 - Levantamento do Mastro durante a Festa do Divino na cidade de Paraty/RJ. Fotografia: Livia Lima. Acervo Iphan.

Esse festejo também demarca uma pretensa origem portuguesa, conforme apresentado no Processo de solicitação de Registro da Festa (IPHAN, 2007a) a festa chegou em Paraty através dos Açores e mantem sua tradição básica, como a folia do Divino, procissão das bandeiras, almoço comunitário, distribuição de gêneros alimentícios aos pobres, asilo e prisões, procissão festiva, cerimônia de coroação do jovem imperador escolhido na comunidade seguida das danças tradicionais locais (velhos, das fitas, cateretê, ciranda e congada). No dossiê é mencionado que o que leva a crer a sua existência desde o século XVII são as insígnias imperiais (coroa, cetro e salva feitas em prata e lavradas com data de inicio do século XVIII), ao que consta, não se tem registro de interrupção do festejo.

Embora existam outras festas em homenagem ao Divino no Brasil a fora, essas são referências, pela adesão popular que ocorre, por seu tempo de existência, pela tradição, pela quantidade de pessoas que participam e por se tratarem de festejos que informam sobre o refazer das festas religiosas populares.

No relatório apresentado no Processo de solicitação de Registro da Festa do Divino de Pirenópolis, é observado que

> [...] as festas de santos, trazidas pelos colonizadores europeus como devoção religiosa e como expressão da sua cultura, popular e medieval, foram histórica e socialmente instituídas no processo de ocupação do território e de formação do Brasil, mescladas aos orixás africanos e às crenças religiosas de etnias indígenas, e assim reinventadas, miscigenadas, se espalharam pelo país inteiro. Por isso já possuem por si só uma natureza fluída e passível de reconhecimento cultural, ocorre um sincretismo religioso forte e evidente. Além da capacidade de "fazer uma cidade", já que permanece profundamente imbricada na rede de sociabilidade local, uma vez que as festas ocorrem pelas ruas das cidades, alterando a dinâmica do local e envolvendo ruas, praças, locais públicos e privados, dando significado e orientando a vida de toda uma população (IPHAN, 2010a, fl.211).

O que se observa acerca da narrativa de construção para a justificativa de pedido de Registro é, nos casos dos registros citados, reforçada a existência e realização dessas festas há mais de um século, a manutenção até a atualidade de suas características e a importância que possuem para a sociedade. Nesse contexto, é estabelecida a ponte entre Portugal e Brasil, numa tentativa de construir vínculos de longa duração de existência dos festejos.

Com o pedido de registro aprovado pelo Conselho Consultivo de Patrimônio Cultural e a instrução do processo de registro concluída, o bem é inscrito no livro correspondente, recebendo o título de Patrimônio Cultural do Brasil. A partir de então, passa a ser de responsabilidade do Estado divulgar e tornar pública o máximo de informações a respeito desse bem para que toda a sociedade tenha conhecimento de sua existência. Diante disso, são desenvolvidas políticas públicas para a manutenção do bem, no que se refere às ações

planejadas e executadas para sua manutenção, às formas de divulgação, apoio e fomento para execução de apresentações, oficinas de aprendizagem, transferência para as gerações mais novas que serão responsáveis por perpetuar a tradição dessa manifestação cultural. Todas essas colocações são recomendações de salvaguarda mencionadas nos dossiês de registro (IPHAN, 2000).

1.8 Celebrações católicas com pedido de registro negado pelo Iphan

É possível observar nos processos investigados das festas religiosas, que a dinamicidade cultural é algo de grande relevância e preocupação ao analisar os critérios da festa. Nesse sentido, nos leva a questionar em que medida uma Festa católica possui características para além de cunho religioso. Portanto se torna necessário entender o que faz uma festa receber um reconhecimento nacional e outra não. Não se pode ignorar o fato de quem são os participantes das Festas, devotos e turistas, que compõe o que se identifica como o mais importante para a reprodução de uma Celebração, pois, são eles os responsáveis pela tradição do festejo e da sua dinâmica cultural. Como expõe a autora Maria Cecília Londres Fonseca quando falamos em referências culturais, "significa, pois, dirigir o olhar para representações que configuram uma "identidade" da região para seus habitantes e que remetem à paisagem, edificações, objetos, fazeres e saberes, crenças, hábitos, entre outros" (FONSECA, 2000, p. 113).

Importante perceber que a pertinência de um pedido só poderá ser avaliada a partir de informações e documentação mínima sobre o bem cultural, como estabelece no art. 4 da Resolução do Conselho Consultivo do Património Cultural nº. 001/2006.

> Já, quanto à relevância do bem para a memória, a identidade e a formação da sociedade brasileira, tal como prescreve a Constituição Brasileira em seu art. 216, e conforme indicado pelo $2º do artigo 1 do Decreto Nº. 3551/2000, esta só será demonstrada (ou não) após concluída a fase de instrução do processo administrativo de Registro e com subinscrição em um dos Livros de Registro; providências que se tomam apenas depois de emitido os pareceres favoráveis das instâncias técnica e jurídicas do lphan e do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultual.

O processo pertinente ao pedido de registro da Festa de São Benedito que ocorre em Angra dos Reis/ RJ[10], de acordo com o Parecer elaborado pela técnica Diana Dianovisk, se trata de um dos pedidos mais antigos que ainda se encontrava em aberto, solicitado em 20 de

[10] IPHAN/ PROTOCOLO (Processo número 01500.000469/2006-74).

dezembro de 2001 pela Irmandade de São Benedito Angra dos Reis (RJ). Tal pedido traz como objeto a própria Irmandade, que se encontraria em funcionamento desde o século XVII. O primeiro Compromisso data de 1820 e está sob a guarda do Arquivo Nacional. De acordo com o processo, a Irmandade possuía oito mil membros registrados conforme defendido pela mesa administrativa da associação.

As justificativas apresentadas no processo (IPHAN, 2006b) para o pedido de registro se referem à atuação da Irmandade de São Benedito no período da escravidão, quando era costume a Irmandade comprar a alforria de um irmão sorteado durante a Festa de São Benedito. Tais justificativas apontam também para o fato da irmandade ser uma associação com fins de assistência social e religiosa, já que os irmãos se associam para fomento mútuo de devoção e para auxílio de várias ordens entre seus membros. Outra justificativa para o registro é a realização das festividades que a Irmandade organiza e que ocorreria há mais de um século, tendo se tornado parte da cultura do povo angrense. A técnica do IPHAN, Diana Dianovisk, argumentou, porém, que a Festa de São Benedito em Angra dos Reis não possui expressividade para a memória nacional, tendo maior ressonância local ou ainda regional. Além disso, seriam necessários insumos maiores sobre as Festas de São Benedito realizadas em outros estados para poder dimensionar adequadamente a Festa de Angra dos Reis. Desta forma, a técnica recomendou que os órgãos públicos municipais e estudais tomassem medidas conjuntas para valorização e promoção da Festa.

No Processo, fica expresso o interesse de Registro da Irmandade de São Benedito e não somente da Festa. Diante do impasse, a parecerista convidou a refletir sobre a possibilidade de abertura de um novo Livro de Registro, o Livro das Instituições, tendo em vista que o objeto em foco não se enquadrava em nenhum dos livros já existentes. No entanto, a técnica advertiu que é complexo tratar Instituições como bem cultural de natureza imaterial, uma vez que são organizações políticas e sociais que funcionam para ordenamento da sociedade por meio de regras e normas, considerando, assim, apreensão inapropriada.

Já o processo de solicitação de Registro da Festa de Nossa Senhora dos Navegantes Nova Porto XV, o pedido foi realizado em 27 de outubro de 2007 pelo prefeito da cidade. Nele, foi possível perceber, conforme ilustra a figura a seguir, que se trata de um evento religioso de grande proporção no município, por envolver diferentes manifestações religiosas, culturais e sagradas.

Essa Festa, segundo descrito do Processo (IPHAN, 2007b), se realiza tradicionalmente no distrito da Nova Porto XV – MS, todo dia 15 de agosto, desde 1948, com uma

programação quinzenal que atrai pescadores, ribeirinhos, romeiros, devotos e turistas. Em tal programação, ocorre, ainda, a travessia da balsa, que sai do Município de Bataguassu-MS até Presidente Epitácio-SP, e translada o andor oficial da Santa. Tal balsa é seguida por pequenas embarcações, que carregam outros andores.



Figura 5 – Festa de Nossa Senhora dos Navegantes. Acervo Pefeitura de Bataguassu. Disponível em www.bataguassu.ms.gov.br.

Na justificativa do pedido, com o intuito de apresentar a festa, foi enfatizada sua origem, que ocorreu Vila Porto XV de Novembro, que mais tarde seria transformada em Distrito de Bataguassu, onde a maioria dos moradores passou a sobreviver da pesca de subsistência. Conta-se no processo, que do lado mato-grossense havia muitos pescadores e na margem paulista, muitos marinheiros, funcionários do Serviço de Navegação da Bacia do Prata (SNBP). Todos viviam dos Rios Pardo e Paraná. Narra-se que um dos moradores do Porto XV de Novembro, Senhor "Quinzinho", estava em sua casa reunido com a família e um grupo de amigos. Dentre eles, estavam presentes alguns funcionários do serviço de navegação da Bacia do Prata: o Senhor Armênio Macário Ribeiro, do Distrito de Tibiriçá, Município de Presidente Epitácio - SP; Senhor Juca Monteiro; Dona Cota, uma fazendeira; alguns pescadores e moradores dali. Numa acalorada conversa surgiu a ideia de se realizar nessa região, nas águas do Rio Paraná, uma festa religiosa, a Festa da Padroeira dos Marítimos: "Nossa Senhora dos Navegantes". Senhor "Quinzinho" vivia um período de grande aflição, pois seu filho, Bento, pertencente a Força Expedicionária Brasileira - FEB, combatia nos campos da Itália, na segunda guerra mundial (IPHAN, 2007b).

Nesse contexto, ele revela a todos que haviam feito a promessa de que, se o filho retornasse da guerra com vida e saúde, ele construiria uma capela no Porto XV de Novembro, em homenagem a "Nossa Senhora dos Navegantes". Os amigos se comprometeram em auxiliar na organização e doações de adornos para a festa. Com o fim da guerra, seu filho retornou e a promessa começou a ser cumprida. O Senhor Quinzinho e o grupo de amigos iniciam, em 1947, a construção da capela de Nossa Senhora dos Navegantes. Assim que ficou pronta, a capela recebeu a imagem da Santa, unindo fiéis tanto do lado matogrossense e quanto do lado paulista.

A argumentação utilizada pelo técnico do Iphan para negar o pedido, conforme aponta o parecer da Superintendência Regional, é a de que a festa não tem continuidade histórica suficiente para avaliar a transmissão geracional das suas manifestações, pois, a primeira festa foi realizada em 1948. Esse critério, estabelecido pela Convenção da Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura) de 2003, para a Salvaguarda do Património Imaterial e adotado pelo lphan, sugere a necessidade de enraizamento dessas práticas, no caso devocionais, no seio da comunidade que a produz, por no mínimo três gerações.

Foi possível perceber na justificativa de pedido para o Registro que os proponentes se empenharam em evidenciar os critérios exigidos pelo Iphan por meio da Resolução 001/2006, no início do texto eles afirmam que

> embora de origem católica, a festa de Nossa Senhora dos Navegantes de Bataguassu, extrapola, do modo crescente, as barreiras religiosas, transformando - se num grande evento turístico e cultural, onde os festejos populares, que são eventos ditos profanos, acontecem paralelamente à programação dita oficial e integra o calendário turístico-cultural de nossa cidade e Estado (IPHAN, 2007b, fl. 19).

Entretanto, o Parecer Técnico elaborado por Maíra Torres Correa apontou que o bem proposto não tinha elementos suficientes para aprovação do Registro. Tal parecer assegurou que o bem havia participado de um Inventário Nacional de Referências Culturais (INRC) e que esse instrumento se constitui um elemento de proteção do bem, pois gerou conhecimento, documentação e publicidade sobre o mesmo. Além disso, foi observada uma paulatina diminuição do envolvimento da comunidade com a organização e dinâmica da festa, desse modo, a liderança foi sendo substituída pelo poder público municipal. Considerou-se também, no Parecer, que há pouco tempo da transmissão geracional das práticas associadas (IPHAN, 2007b).

No caso da Romaria Diocesana Nossa Senhora do Pillar, que ocorre em Duque de Caxias/RJ, trata-se de uma festividade que reúne muitos fiéis, segundo os dados apresentados

no Processo de solicitação do Registro, mais de sete mil pessoas anualmente na região de Duque de Caxias, em frente a Igreja Matriz Nossa Senhora do Pilar, tombada desde 1938 pelo Iphan e inscrita no Livro de Tombo das Belas Artes. Desse modo, se torna mais expressivo a conveniência de registrá-la no Livro de Registro das Celebrações. É comum ver o interesse em sobrepor patrimônios, principalmente, em casos como esses de um bem edificado somado a uma celebração.

A solicitação do Registro da Romaria foi elaborada pelo Ministério Público, não foi informada a data de ocorrência do festejo e não teve uma base da população para consolidar o pedido de Registro. Na Festa de Nossa Senhora dos Navegantes, por exemplo, embora tenha sido solicitada pelo prefeito da cidade, foi requerido uma reelaboração em que foi incluído um abaixo assinado da população junto com a assinatura de alguns líderes religiosos que foram incorporados ao pedido.

De acordo com o parecer elaborado pela, então, diretora do DPI, Célia Corsino, esse foi o principal motivo do pedido de arquivamento, faltavam informações a respeito do bem e, principalmente, o interesse dos grupos envolvidos explicitado no documento. Nota-se que, para receber o título, diferentemente, do Tombamento de bens de natureza material, o Registro requer uma base coletiva.

Foi possível compreender que o procurador do Ministério Público Federal, quando se refere à possível relevância da Festa de Nossa Senhora do Pilar , visa obter uma avaliação prévia do Iphan sobre a pertinência de se solicitar o Registro da Romaria Diocesana de Nossa Senhora do Pilar.

Diante da parca documentação apresentada, a parecerista Célia Corsino adverte que não foi possível verificar a pertinência, pois para isso é preciso informações e documentações mínimas sobre o objeto em questão. Já quanto à relevância do bem para a memória, identidade e formação da sociedade brasileira, tal como prescreve a Constituição Brasileira em seu art. 216, e conforme indicado no Decreto nº 3551/2000, esta só será demonstrada (ou não) após concluída a face de instrução do processo administrativo.

Uma questão importante apontada pelos técnicos, em resposta ao pedido de Registro, é o reforço à retomada de tradições. Outra tradição resgatada, desde 1997, foi a prática de eleger um rei e rainha para realizar cortejo durante a Festa de São Benedito. Ambas destacadas no processo de registro instaurado em dezembro de 2001.

Ao analisar esses processos, foi possível perceber, de modo geral, que existe um domínio da Igreja católica sobre as festas religiosas com o intuito de perpetuar a fé cristã e a

memória da história do catolicismo no Brasil. Ocorre, também, uma crescente expansão das igrejas protestantes e isso tem feito com que a instituição católica busque meios de afirmar sua importância e nada mais evidente que faça isso baseando-se na sua importância histórica, cultural e de representação do catolicismo na formação identitária coletiva brasileira.

O Círio de Nazaré, por exemplo, trata-se de uma manifestação de muitos conflitos entre o poder público, os religiosos, os grupos envolvidos, como é o caso das Filhas de Chiquita (travestis que possuem seu espaço na festa), o que denota o caráter dinâmico e diversificado da festividade. Esse fator é importante para que o bem manifeste seus elementos culturais, demonstrando seu caráter sincrético e agregador e não dissipador.

Tal entendimento ocorre, igualmente, nas Festas do Divino de Pirenópolis/GO e Paraty/RJ que são tidas como festas transnacionais, mas, ao analisar os processos, pode-se observar que existem conflitos internos entre os organizadores, justamente pela tentativa de predomínio da Igreja para algumas decisões. Além disso, a festa envolve duas cidades tombadas, que possuem proteção por sua importância histórica e arquitetônica. Trata-se da sobreposição de patrimônios, em que uma festa passa a ser ainda relevante por seu valor histórico e articulado ao valor arquitetônico do sítio urbano.

CAPITULO 02: A FESTA DA PENHA E SUAS DIVERSAS EXPRESSÕES E DINAMISMOS

A Festa da Penha é reconhecida atualmente como uma das maiores festas marianas do Brasil e é identificada, pelos participantes e por alguns poucos textos produzidos por clérigos, como uma festa centenária. Todos os anos tem-se o hábito de nomear a festa com um tema e o número de edição, esse fato ocorre, pois, a tradição oral, envolta das histórias que compõe a origem da Festa, considera que a primeira Festa da Penha ocorreu em 1571, idealizada por Frei Pedro Palácios, o fundador do Convento da Penha. O ano de 2019 foi identificado como a 448ª Edição, tendo sido escolhido o seguinte tema "Eis aqui a serva do Senhor", essa informação foi muito divulgada nos veículos de comunicação e nas falas dos clérigos ao presidirem missas durante a festividade. Em entrevista com o Frei Paulo, ele afirma que a Festa extrapola os limites vislumbrados pela equipe de organização, ressaltando a Romaria dos Homens que é uma das festividades que possui destaque durante os nove dias de Festas. Segundo ele:

> [...] Então assim, a Romaria dos homens é uma das romarias sempre querem organizar melhor é uma fala comum e tal, e eu sempre digo: "não", não dá! Ela é espontânea, vai gente na romaria dos homens que nunca mais vai voltar a igreja, e vai gente na romaria dos homens que é o grupo do futebol, é o grupo de beber, de amigos é o grupo de bar, eu venho caminhando e eu vejo as camisas, "romaria do bar não sei o quê" não é patrocínio e nem nada, é a turma que toma cerveja toda semana que vem. Então não tem como eu institucionalizar a romaria dos homens. Ela é grandiosa por que é espontânea, e a festa da penha em grande parte é assim também. Tem um caminho de organização da festa que passa pelas comunidades católicas, esse caminho já esta trilhado, esse caminho é abrangente, a gente consegue juntar muita gente nas comunidades católicas, consegue, mas tem outro filão, que faz a festa gigante (ROBERTO, 2018)

As festividades foram concentradas em alguns espaços físicos que serão descritos a seguir em concomitância da apresentação dos eventos inseridos nessa grande festa. Em suma, os espaços mais utilizados são o próprio Convento da Penha, que é o foco das visitações de todo o público da festa; o Parque da Prainha, que é onde acontece a maior parte das festividades, principalmente, as concentradas no final de semana e que têm um público maior; e o Campinho do Convento, no qual ocorrem as missas de menor público e a missa de abertura da Festa realizada no domingo de Páscoa.

Todo o espaço ao redor do Convento da Penha fora pensado e organizado para receber a Festa, tanto no que diz respeito à estrutura física para comportar mais de 2 milhões de pessoas que circulam durante o evento, quanto à logística de trânsito para orientar as Romarias; à infraestrutura médica e à disponibilização de alimentos, água e *souvenires* (que

os participantes, principalmente os turistas, gostam de levar como lembrancinhas para presentear alguém).

É importante ressaltar que a Festa inicia-se no domingo de Páscoa e encerra-se no oitavo dia após a Páscoa, ou seja, numa segunda-feira. O dia de encerramento é reconhecido como o dia de Nossa Senhora da Penha e é tido como feriado municipal pelas prefeituras de Vitória, Vila Velha e Cariacica. A pesquisadora Maria Hermínia Rosi (1999) esclarece que, desde 1844, o dia de Nossa Senhora da Penha foi consagrado como feriado no âmbito municipal, atribuído por meio da Lei nº 7 de 12 de Novembro de 1844. No ano de 2019, o governador em exercício, sancionou a Lei nº 11.010 de 03 de julho de 2019, declarou data Magna do Estado do Espírito Santo o dia dedicado à Padroeira do Estado, Nossa Senhora da Penha, sendo considerado feriado estadual. A comemoração será sempre na segunda-feira, oitavo dia posterior ao domingo de Páscoa (ESPÍRITO SANTO, 2019).

Atualmente, uma multidão de fiéis se reúne para homenagear a Santa, tida como padroeira do Espírito Santo. Durante a festa, ocorrem procissões marítimas; Romaria dos motociclistas, das mulheres, dos ciclistas, dos cavaleiros; das bandas de congo do município de Vila Velha, e a mais famosa e numerosa, a Romaria dos Homens, entre outros eventos. Além disso, ocorrem missas do oitavário, apresentações artísticas e culturais. Ou seja, é uma celebração que integra diversos elementos e momentos.

A festa conta com uma programação organizada, seguindo horários e dias específicos para cada atividade, sobre essa organização, a representante da Associação dos Amigos do Convento da Penha, declara:

> São três entes maiores que organizam a Festa, a Província franciscana, a Mitra Arquidiocesana e a Associação dos Amigos do Convento da Penha, há anos, ano atrás era organizada só por esses três, só que a Festa foi crescendo, quer dizer, com a ajuda de voluntários, tem um grande numero de voluntários, agora, os cabeças pensantes que definem o que vai ser feito o que não vai ser feito, são esses três entidades, só que como a festa cresceu muito, vendo a necessidade de organizar melhor isso, e de nos profissionalizarmos com relação a organização da Festa da Penha. Para tanto além dessas três que eu citei, temos a participação voluntária da Ecos Eventos, voluntários, são todos voluntários, ninguém recebe nada, contratamos esse ano, uma assessoria de comunicação, essa realmente ela é paga, temos o pessoal da comunicação do Convento, o pessoal da comunicação da Catedral, ou seja, nós somos esse grupo maior que pensa a Festa, a gente organiza, a gente pensa, nos reunimos, quando termina uma logo em seguida já começa a organização da outra (ARLETE, 2019)

A Festa realizada no ano de 2017 ocorreu entre os dias 16 e 24 de abril, cujo tema da 446ª edição foi “Virgem da Penha: Mãe e filha”. Foi o primeiro ano que a orquestra sinfônica

do estado do Espírito Santo se apresentou durante a semana de festividade e também foi a partir de 2017 que os eventos começaram a ser transmitidos através das redes sociais[11].



Figura 6 - Programação da Festa da Penha do ano de 2017. Fonte: https://setur.es.gov.br/. Acesso em 10 de Maio de 2017.

No ano 2018 a festa aconteceu entre os dias 01 e 09 de abril. O tema dessa edição foi "Virgem da Penha, minha alegria", esse tema foi inspirado no hino composto por Frei Alfredo

[11] Informação extraída do site: http://g1.globo.com/espirito-santo/noticia/2016/12/festa-da-penha-de-2077. Acesso em 29 de junho de 2018

Setaro e Padre João Lírio Tagliarico há mais de sessenta anos e que é um cântico muito cantado em homenagem a padroeira do estado[12].



PROGRAMAÇÃO COMPLETA

01/04 Domingo de Páscoa
Ressurreição do Senhor
05h00, 7h00, 9h00 e **11h00** Missas na Capela do Convento
10h00 Bênção dos Cavaleiros - Prainha
14h30 Abertura do Oitavário e Missa no Campinho do Convento

02/04 Segunda-feira
06h00, 7h00 e **9h30** Missas na Capela
14h30 2º Dia do Oitavário e Missa no Campinho do Convento
19h30 Programação Cultural - "As Alegrias de Nossa Senhora", com a participação de Eliana Ribeiro no Campinho do Convento

03/04 Terça-feira
6h00, 7h00 e **19h30** Missas na Capela
14h30 3º Dia do Oitavário e Missa no Campinho
19h30 Momento de Oração com os casais no Campinho do Convento

04/04 Quarta-feira
06h00, 7h00 e **9h30** Missas na Capela
14h30: 4º Dia do Oitavário e Missa no Campinho

05/04 Quinta-feira
06h00, 7h00 e **9h30** Missas na Capela
14h30 5º Dia do Oitavário e Missa no Campinho
19h30 Apresentação da Orquestra no Santuário de Vila Velha

06/04 Sexta-feira
6h00, 7h00 e **9h30** Missas na Capela
14h30 6º Dia do Oitavário e Missa no Campinho
14h00 Romaria dos Militares - saída da Prainha
19h30 Show de música franciscana no Campinho do Convento

07/04 Sábado
06h00 Missa na Capela do Convento
08h00 Missa da Romaria da Diocese de São Mateus no Campinho
08h00 Remaria - Praia da Costa
09h00 Missa das pessoas com deficiência na Igreja do Rosário (Romaria: saída **8h00** da Praça Duque de Caxias)
10h00 Missa da Romaria dos Adolescentes
11h00 Translado da imagem pela Baía de Vitória
14h30 7º Dia do Oitavário e Missa da Romaria da Diocese de Cachoeiro no Campinho
19h00 Romaria dos Homens saindo da Catedral
23h30 Missa de encerramento da Romaria dos Homens na Prainha

08/04 Domingo
05h00 e **07h00** Missas na Capela
08h00 Missa da Romaria da Diocese de Colatina no Campinho
10h00 Bênção dos Motociclistas - Prainha
15h00 Romaria das Mulheres saindo do Santuário
16h00 Missa de encerramento da Romaria das Mulheres na Prainha

09/04 Segunda-feira, dia da Padroeira
00h00, 02h00, 06h00, 09h00 e **12h00** Missas na Capela
07h00 Missa no Campinho
08h30 Romaria dos Ciclistas - Cobilândia
09h00 Romaria dos Conguistas
10h00 Missa das Pastorais - Campinho
11h00 Apresentações musicais no Campinho
16h00 Missa de Encerramento da Festa de Nossa Senhora da Penha - Prainha

Figura 7 - Programação da Festa do ano de 2018. Fonte: https://Conventodapenha.org.br/confira-a-programacao-da-festa-da-penha-2018.

Nos dias 21 a 29 de abril de 2019 ocorreram as festividades inseridas na Festa da Penha em sua 448ª edição. O tema para o ano em questão foi "Eis aqui a serva do Senhor". A abertura foi feita pelo Frei Pedro de Oliveira, que conduziu uma oração inicial. Após contar

[12] Informações retiradas do site: https://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/04/2018/festa-da-penha-2018-comeca-neste-domingo--confira-a-programacao. Acesso em 29 de junho de 2020.

um pouco da história da Festa da Penha, do Convento e da devoção capixaba, ele enfatizou a grandiosidade da festa que se expande pelo Brasil e até pelo mundo.



21 de abril
Domingo de Páscoa

5h, 7h, 9h e 11h » Missas – Capela do Convento

10h » Bênção dos Cavaleiros – Parque da Prainha

15h » Abertura – Campinho do Convento (Área Pastoral Vila Velha).

22 de abril
segunda-feira

06h, 7h e 9h30 » Missas – Capela

14h30 » Oitavário com Missa – Campinho (Área Pastoral Serrana)

18h » Abertura Institucional da Festa da Penha 2019 – Campinho

19h30 » Noite Mariana – Campinho

23 de abril
terça-feira

6h, 7h e 9h » Missas – Capela

15h » Oitavário com Missa – Campinho (Área Pastoral Cariacica/Viana).

19h30 » Bênção para casais – Campinho

24 de abril
quarta-feira

6h, 7h e 9h30 » Missas – Capela

15h » Oitavário com Missa – Campinho (Área Pastoral Benevente)

19h30 » Formação Mariana – Catedral Metropolitana de Vitória

25 de abril
quinta-feira

6h, 7h e 9h30 » Missas – Capela

15h » Oitavário com Missa – Campinho (Área Pastoral Serra/Fundão).

19h30 » Apresentação da Orquestra Sinfônica do Espírito Santo – Santuário de Vila Velha.

26 de abril
sexta-feira

6h, 7h e 9h30 » Missas – Capela

15h » Oitavário com Missa – Campinho (Área Pastoral de Vitória).

14h » Romaria dos Militares – Portão do Convento da Penha

19h30 » Apresentação Artística (Frei Florival) – Campinho

a definir » Show – Parque da Prainha

27 de abril
sábado

6h » Missa – Capela do Convento

8h » Missa da Diocese de São Mateus – Campinho.

8h » Remaria – Saída da Praia da Costa

8h » Romaria das Pessoas com Deficiência – Pça. Duque de Caxias.

10h » Translado da imagem de N. Sra da Penha – Baía de Vitória (a Romaria das Pessoas com deficiência levará a imagem até a Marinha após a Missa)

10h » Missa da Romaria dos Adolescentes e Jovens – Campinho (concentração às 9h no Parque da Prainha)

15h » Oitavário com Missa (Diocese de Cachoeiro de Itapemirim) – Campinho

18h » Missa de Envio e Bênção da Romaria dos Homens – Catedral Metropolitana

23h » Missa de encerramento da Romaria dos Homens – Prainha

28 de abril
domingo

5h e 7h » Missas – Capela

8h » Missa da Diocese de Colatina – Campinho.

10h » Bênção dos Motociclistas – Prainha

16h » Romaria das Mulheres com saída do Santuário de Vila Velha

17h » Missa da Romaria das Mulheres – Prainha

a definir » Show – Parque da Prainha

29 de abril
segunda-feira

7h » Missa da CRB e Seminário – Campinho

8h » Romaria dos Ciclistas com saída de Cobilândia.

9h » Romaria dos Conguistas –Campinho do Convento

10h » Missa das Pastorais Sociais –Campinho

Missa de encerramento – Parque Prainha » 16h.

Show de Encerramento » a definir

Missas – Capela no dia de N. Sra da Penha » 00h, 02h, 06h, 09h e 12h

Figura 8 - Programação da Festa da Penha do ano de 2019. Fonte: https://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/11/2018/confira-a-programacao-da-festa-da-penha-2019.

2.1 Uma narrativa de origem da Festa da Penha

Os escassos textos escritos que foram produzidos sobre o tema, grosso modo, no século XX por clérigos evidentemente preocupados em registrar os acontecimentos da Igreja Católica em solo capixaba, apresentam uma visão religiosa acerca do surgimento e desenvolvimento da Festa da Penha que, em certa medida, foram disseminados na concepção popular acerca da festa até hoje.

Tais fontes documentais, nesse sentido, buscaram construir um discurso profético da figura do Frei Pedro Palácios. Segundo elas, o franciscano, personagem importante da ocupação territorial do que veio a ser o estado do Espírito Santo, quando desembarcou na prainha da Vila Velha, trazia consigo um quadro de Nossa Senhora das Alegrias, a Santa em que o Frei depositava a sua devoção. Desse modo, tais textos religiosos têm apontado que a primeira festa foi celebrada ainda por Frei Pedro Palácios, no dia 30 de abril de 1570 (CONVENTO, 1984).

Nessa perspectiva, os escritos de Frei Venâncio Willeke (1973), por exemplo, descrevem que foi um pedido do Frei Pedro Palácios, fundador do Convento da Penha, que Deus só o levasse após ele conseguir celebrar a primeira Festa dedicada à Nossa Senhora. Segundo essa versão, tal pedido foi concedido. Após celebrar a festa em 1570, Frei Pedro Palácios teria, assim, sido encontrado morto de joelhos e mãos postas, dentro da capela que ele mesmo construiu em homenagem a São Francisco de Assis, localizada numa pequena esplanada do monte da Penha, conhecido atualmente como Campinho. Tal narrativa é importante, pois, representa uma tentativa de construir uma tradição fundadora para a Festa da Penha vinculada a um dos principais nomes de religiosos do século XVI: Frei Pedro Palácios. Para nós, não importa questionar a veracidade desses relatos, mas pensar como esses religiosos buscaram construir uma tradição histórica para a festa que remete aos tempos de início da ocupação europeia no território do Espírito Santo e de fixação da Igreja católica nesse território.

Acerca do Frei Pedro Palácios, tais textos supracitados afirmam que ele nasceu em 1500 na cidade de Medina na Espanha e chegou pelo mesmo canal utilizado pelo primeiro donatário da capitania, local onde teria se iniciado a colonização do Espírito Santo (RODRIGUES, 2010); (CONVENTO, 1984); (ROSI, 1999). Tal região é atualmente conhecida como Prainha, lugar que, como já citado, durante a festa é utilizado para celebrar missas que recebem uma quantidade maior de fiéis.

Como já dito, a construção da Igreja é remetida a esse religioso, sendo o lugar escolhido para sua edificação cercado de significados: uma capela no topo do monte, num lugar plano perto do seu pico dedicada à Nossa Senhora. Na simbologia cristã, os lugares elevados representam a tentativa de proximidade com o divino, dessa forma, construir edificações religiosas em morros remete ao desejo do clero regular de se aproximar dos céus e se isolar do mundo. Segundo Willeke (1973), quando Frei Palácios faleceu, a capela ainda não estava terminada, existia apenas o que compreendemos hoje como capela-mor. Quem ficou encarregado de finalizar a construção, foi o Frei Nicolau Afonso, que sucedeu Frei Pedro Palácios em suas obras religiosas.

Uma das questões que chama a atenção nessa história é a construção narrativa da tradicional devoção à Nossa Senhora da Penha. Pelo o que indicam os documentos religiosos, a Santa pela qual o Frei Pedro Palácios era devoto e havia se empenhado a dedicar-lhe uma festa, era Nossa Senhora das Alegrias. Porém, segundo os relatos de Venâncio Willeke (1973), a denominação por um apelo popular tornou-se Nossa Senhora da Penha pelo fato de

que sua capela foi construída no alto de uma rocha, num penhasco. Dessa forma, cada autor que escreveu sobre as origens do Convento e a devoção à Santa se reporta de uma maneira distinta, ora denominando de Nossa Senhora das Alegrias, ora de Penha e, em alguns casos, somente de Nossa Senhora, esses fatores demonstram como as invocações de Maria podem estar relacionadas umas entre as outras.

Dentre os textos religiosos que pretendem explicar as origens da Festa da Penha, destaca-se a narrativa de Frei Venâncio, que busca vincular a Festa da Penha a uma tradição europeia na Espanha e em Portugal. Para ele, o culto de Nossa Senhora da Penha foi incorporado pelos moradores da vila e por viajantes que de longe, ainda em alto mar, avistavam a ermida no cume do monte. Segundo Willeke (1973), era muito comum nos tempos coloniais, os peregrinos subirem à Penha para agradecer por alguma graça alcançada durante viagens e expedições pelo Brasil a fora. O que provavelmente foi fundamental para a manutenção e o crescimento dos mitos em volta das potencialidades milagrosas do local, que serviu de propaganda da fé depositada na Santa desde o período colonial.

Dentre os contos milagrosos da Santa que vem sendo recontados e perpetuados ao longo dos anos, um dos mais propagados é o da própria criação da imagem. Segundo textos produzidos no Convento, o Frei Pedro Palácios encomendou a um amigo que trouxesse de Portugal uma imagem de Nossa Senhora:

> com relação a imagem de vulto, explica a tradição que, tendo-se esquecido do recado a pessoa incumbida de mandar faze-la em Portugal, nas vésperas de partir para o Brasil, foi-lhe entregue um caixote por um desconhecido e abrindo-o encontrou a imagem de acordo com as indicações de Frei Palácios(CONVENTO, 1984, p. 29)

Existe no acervo de objetos sacros do Convento da Penha (figura 02), uma imagem cadastrada, que coincide com as descrições da imagem trazida de Portugal e que pode se tratar da imagem que tradicionalmente estava associada à figura de Pedro Palácios. Contudo, como pude observar em campo, essa imagem não fica exposta para qualquer evento externo ou apreciação e em um dos espaços do Convento, a Sala de Milagres, fica a imagem peregrina, aquela que durante todo o ano é colocada próxima aos objetos deixados pelos devotos em forma de gratidão pelo pedido atendido e somente durante a Festa a imagem é enfeitada e retirada da sala para participar das caminhadas e procissões. É prematuro afirmar que essa imagem nunca tenha saído para procissão ou precisar quando a imagem peregrina passou a ser utilizada pela igreja ao invés do quadro de Nossa Senhora dos prazeres, identificado na fotografia do ano de 1958 (figura 01) e que os relatos dizem ter sido trazido por Frei Pedro Palácios.

Conforme adverte a antropóloga Renata Menezes (1996), Maria ocupa um lugar de destaque no conjunto dos santos católicos cultuados no Brasil e justamente por ser a mãe, é considerada uma mediadora privilegiada entre os seres humanos e seu filho, pois, é difícil o filho recusar o pedido da mãe.

Diante dessa observação, há pesquisadores, como Megale, que buscaram levantar a importância do culto de Maria no Brasil. Segundo a pesquisa de Magale, há 107 títulos de Maria cultuados no Brasil, eles não têm a mesma importância em todo o país, nem surgiram todos na mesma época, sendo que algumas invocações de Maria podem vir revestidas de neutralidade, não existe uma função específica para todas as invocações como acontece para Nossa Senhora do bom parto, Nossa Senhora das dores, entre outras (2006, apud MEGALE, 1979). Nossa Senhora da Penha, nesse sentido, seria uma santa, neutra, invocada de acordo com as necessidades e os anseios de cada um. A relação dessa santa com as questões religiosas está diretamente associada a um penhasco, uma rocha e sua construção no alto de formações rochosas, muitas vezes associadas ao aparecimento e desaparecimento de alguma imagem ou painel, como é o caso do Espírito Santo.

Outro aspecto destacado nas descrições acerca da construção do Convento, trazido por religiosos, é o lugar escolhido para edificar a capela dedicada à Nossa Senhora, local este vinculado à aparição do quadro de Nossa Senhora das Alegrias que Frei Pedro Palácios teria trazido consigo em sua viagem para o Brasil e ao procurar o quadro, avistou-o no alto do morro entre duas grandes palmeiras. O fato de o aparecimento ocorrer repetidas três vezes fez com que se tomasse a decisão de construir a capela naquele local, entendendo como um sinal divino. Tal tipo de história é um lugar comum nas narrativas católicas acerca dos lugares escolhidos para a edificação de templos religiosos oferecidos aos santos, como ocorre com a história de aparição de Nossa Senhora Aparecida, Nossa Senhora de Fátima, Nossa Senhora de Nazaré e tantas outras invocações de Maria.

Nos escritos organizados pelo Convento de Nossa Senhora da Penha (1984), não há referência há este fato, nem acerca da crença de que, no local onde o Frei encontrara o painel, teria surgido uma fonte de água na pedra que só cessara ao término da construção. Porém, essas histórias estão presentes em algumas literaturas, como a de Venancio Willeke, são nutridas pelos moradores e fiéis e já estão incutidas no imaginário dessa comunidade.

Sobre a motivação de construção da capela, nos escritos do Convento de Nossa Senhora da Penha, é afirmado que não foi encontrada nenhuma referência a estas coisas

extraordinárias em Frei Apolinário[13] ou Jaboatão[14], dois cronistas do século XVIII que dedicaram parte de suas vidas descrevendo os lugares por onde passaram em suas viagens. Entretanto, há quem atribua "a construção da ermida à devoção especial que Frei Palácios nutria para com a Nossa Senhora" (CONVENTO, 1984, p.30).



Figura 9 - Imagem de Nossa Senhora da Penha do Convento da Penha em Vila Velha – ES. Esculpida em madeira policromada, arte sacra do século XVI. Fonte: Acervo Iphan - ES.

Em seus relatos, Frei Venâncio (1973) menciona que, até a chegada dessa imagem, o painel de Nossa Senhora das Alegrias permaneceu no altar da capela. Venâncio bebe da mesma tradição de atribuir ao Frei Pedro Palácios a encomenda de uma imagem de Nossa Senhora, ainda em 1569. Segundo esse autor, tal encomenda se trataria da imagem de Nossa Senhora da Penha.

Não nos cabe, aqui, questionar se a associação da imagem de Nossa Senhora Penha a Pedro Palácios é verídica ou não, pois o que nos interessa é o discurso que se popularizou e passou a ser dito como verdade por clérigos e devotos. Desse modo, interessa-nos entender como o culto à imagem e à própria Nossa Senhora da Penha foi ao longo do tempo adquirindo o formato que tem hoje, bem como os simbolismos e as crenças associadas a essa devoção

[13] Frei Apolinário nasceu em Lisboa a 23 de julho de 1692, emigrou com a família para o Brasil, onde tomou o burel seráfico aos 3 de setembro de 1711. Conhecido os seus dotes, foi destacado em Lisboa como procurador da província da Imaculada Conceição, em 1724, reunindo a este cargo o de cronista da própria província em 1740, em virtude das obras já então publicadas. Mais informações: http://www.morrodomoreno.com.br/.

[14] Frei Jaboatão nasceu na Capitania de Pernambuco, na então chamada freguesia de Santo Amaro de Jaboatão, hoje município da Grande Recife, no ano de 1695, em 1717 ele entra para ordem franciscana, se torna historiador, genealogista, orador, poeta e cronista brasileiro. Mais informações: http://www.morrodomoreno.com.br/.

que é um exemplar da manifestação do catolicismo popular de grandes proporções no estado do Espírito Santo.

2.2 A Festa atualmente e os espaços utilizados

É incoerente debruçar-se sobre os acontecimentos que ocorrem durante a Festa da Penha e ignorar os espaços que as festividades ocupam. De fato, a festa envolve todo o estado, além de turistas e devotos que vem de outros estados para participar dos festejos.

Durante oito dias da festa, ocorrem missas no período da tarde, sempre às 14h30, o que os frequentadores chamam de oitavário, exceto no dia da abertura, por ser domingo de Páscoa. Cada dia é presidido por uma região do estado que compreende uma diocese, ou seja, em cada dia da semana, o entorno do morro do Convento fica repleto de pessoas, ônibus e vans de excursão vinda de diversas localidades do estado. Por esse motivo, é bastante complexo mapear todos os espaços em que a festa interfere. Nesse sentido, foi realizado o mapeamento dos espaços descritos na programação da festa e que, grosso modo, são utilizados para receber missas, procissões e eventos aleatórios.

O primeiro fator que chama atenção na pesquisa desenvolvida sobre a Festa da Penha é o espaço principal onde todos os eventos culminam, o Convento da Penha. Nesse espaço, considero que três pontos são importantes: 1) O Santuário (Convento), onde está localizada a Construção datada de 1566; 2) O Campinho do Convento, local que possui uma pequena capela em devoção a São Francisco de Assis e onde está instalado o pátio utilizado como estacionamento. Esse local possui três mirantes com vista para boa parte da grande Vitória e um altar para missas disjuntas, que no período da festa é utilizado todos os dias por alguma festividade ou missa; 3) O Parque da Prainha, que, embora não esteja localizado no conjunto do Convento, durante a festa, muitos eventos de maiores proporções acontecem lá.

Além desses espaços, podem ser destacados: a Igreja Nossa Senhora do Rosário, que está edificada cerca de 400 metros de distância da entrada principal para o Convento e que recebe missas de chegada das Romarias; o Santuário do Divino Espírito Santo, localizado a aproximadamente 2 km de distancia do Convento, esse é o ponto principal para saída da Romaria das Mulheres; a Praça Duque de Caxias que fica também no caminho, entre o Santuário e a rua de acesso a subida do Convento, é nessa praça que se concentra a Romaria das pessoas com deficiência, e por onde passam outras Romarias, como a das mulheres e dos homens; e, por último, a Catedral metropolitana de Vitória, localizada em outro município, do outro lado da baía, mas que está intrinsicamente ligada aos festejos, sendo o local “oficial”

escolhido para saída da Romaria dos Homens, os participantes contam que a primeira Romaria ocorreu em 1958 e desde então essa tradição é mantida até os dias atuais realizando o mesmo trajeto. É importante destacar que, paralela a Romaria principal, é bastante comum às pessoas que moram na região saírem de suas comunidades em procissão, junto aos demais membros da mesma comunidade, com faixas e carros de som identificando a paróquia e o santo ao qual a comunidade é dedicada.



Figura 10 - Primeiro registro fotográfico da Romaria dos Homens encontrada no acervo da Mitra, do ano de 1958. Fonte: Mitra Arquidiocesana, 2017.

O que foi descrito acima pode ser observado no mapa que segue e dá uma dimensão da abrangência espacial da Festa, a seguir descreveremos os espaços com maior riqueza de detalhes para que seja compreendido o significado da Festa:



Figura 11 - Mapa de identificação dos espaços utilizados durante o período de festa. Fonte: Google Earth. Adaptação: Luciane Freitas da Silva, 2017.

2.2.1 Convento da Penha, Campinho e Parque da Prainha

O parque da Prainha é identificado como o berço da colonização em solos capixabas, pois foi pela Prainha que os portugueses adentraram as terras do Espírito Santo e iniciaram a colonização. Segundo Oliveira,

> a vinte e três de maio de 1535, oitava de pentecostes (domingo), a caravela de Vasco Fernandes Coutinho aportou à sua capitania, aproando em uns terrenos baixos, ao fundo de uma enseada, bem junto ao monte moreno, à esquerda da entrada da baia – que julgaram ser um rio (OLIVEIRA, 2008, p.37).

O local tem importância histórica para a cidade e abriga inúmeras construções ainda do período colonial, como o 38º Batalhão de Infantaria da Marinha, o Forte Piratininga e a Igreja Nossa Senhora do Rosário. Além de outras construções que datam do início do século XX, como o Museu Homero Massena e a Casa de Memória. O local que, nos primeiros anos de ocupação europeia, se tornou a primeira vila da capitania, é hoje um cenário composto por um misto de elementos antigos e contemporâneos, pois suas construções antigas remontam o tempo colonial, ao mesmo tempo em que a composição atual do bairro demonstra uma ocupação imobiliária e comercial muito forte na região.

Já o espaço do Parque da Prainha fica às margens das moradias e comporta uma grande área gramada para lazer, uma parte de estacionamento, uma quadra de futsal, um campo de bocha e uma pequena colônia de pescadores. Se posicionando de frente para o mar, ao lado direito, localiza-se o morro do Convento, coberto por uma faixa de mata atlântica (área de proteção ambiental), que vai até o cume a igreja.



Figura 12 - Fotografia panorâmica do espaço Parque da Prainha, durante a Festa da Penha do ano de 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva, 2017.

Durante a Festa da Penha, é montado, pela organização, um palco na área de estacionamento, abarcando toda a parte gramada. Ao lado do palco, monta-se uns galpões

para acomodar os barraqueiros que levam roupas, lembrancinhas, objetos devocionais, camisas e outros utensílios para atender aos devotos e turistas que por ali circulam. Além do galpão, é possível verificar por todo espaço do parque, barraqueiros que se fixam ali para vender alimentos aos participantes.

De acordo com o subsecretário de Cultura da Prefeitura de Vila Velha, Eliomar Mazoco,

> A Prefeitura é responsável pela programação cultural da festa. A festa tem uma programação religiosa, que é feita pela igreja, pela arquidiocese com o guardião do Convento, e tem uma programação cultural. Antigamente era chamada de pagã, Festa pagã que exatamente essa montagem da estrutura de uma praça de alimentação e uma estrutura para a venda de produtos artesanais religiosos. Além de uma programação cultural que é feita nesse espaço com artistas da cidade (MAZOCO, 2019).



Figura 13 - Fotografia do galpão montado para receber vendedores de souvenirs durante a Festa da Penha do ano de 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva, 2017.

A média de duas quadras do Parque da Prainha, antes de começar a subir as ladeiras do Convento, a primeira identificação é o portal de entrada para o Convento, onde se localizam vans que possuem contrato com o Convento e são autorizadas a cobrar pelo transporte até o Campinho, trajeto ainda possível de ser realizado por carros, no entanto durante a Festa é proibido o acesso de carros não autorizados, uma vez que o estacionamento localizado no Campinho do Convento é utilizado pelas ambulâncias e para comportar o público participante das missas. A ladeira do Convento possui sete voltas por dentro da mata, é pavimentada com paralelepípedos, e tem cerca de 1.200 metros de altitude até o Campinho.



Figura 14 - Fotografias da entrada e estradas que dão acesso ao Convento da Penha. Registrada por Luciane freitas da Silva, 2017.

O Campinho é uma planície aos pés do penhasco, nesse local encontra-se a capela, datada de 1562, cuja construção é atribuída à Frei Pedro Palácios em homenagem a São Francisco de Assis. Os relatos de Frei Venancio Willeke (1906 – 1978), de 1973, descrevem que esse foi o local onde o corpo de Frei Pedro Palácios foi encontrado. Ao lado da capela, existe um mirante reinaugurado recentemente, cujo nome é cantinho São Francisco de Assis. Mais dois mirantes estão localizados um pouco mais adiante à capela, além de uma lanchonete que funciona seguindo as normas e horários do Convento, em frente à ladeira dos carros, há um altar fixo para celebrações e missas com maior público. Durante os eventos vinculados à Festa da Penha, conforme mencionado, a parte central que comporta o estacionamento é isolada e proibida de ser acessada por veículos, uma vez que o espaço é utilizado para abrigar as pessoas que vão para participar da missa. Somente as vans que trabalham para o Convento são autorizadas a subirem até o Campinho e descerem, transportando aqueles que por algum motivo não conseguem subir a pé. Além desse espaço, há a ladeira conhecida como ladeira da penitência, ela é calçada por pedras brutas, chamadas de pé-de-moleque. É um caminho paralelo à estrada principal, mais curto, por dar menos voltas, contudo, é de difícil acesso por ser mais íngreme e estreita do que a ladeira por onde passam os carros. Esta é exclusivamente utilizada por pedestres, muitos chamam de ladeira dos escravos, uma vez que seu calçamento de pedras é produto do trabalho dos escravos.

As fotografias adiante apresentam o espaço do Campinho e uma das vistas que se tem em relação ao Convento.



Figura 15 - Fotografias retiradas durante a Festa da Penha no ano de 2017, para ilustrar o Campinho do Convento. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.

Durante esse percurso, é possível perceber o quanto os espaços estão inseridos no processo espiritual. Ao percorrer os dois acessos, seja a estrada principal ou a ladeira da penitência, é muito comum se deparar com pessoas subindo, rezando, cantando, pagando promessa, seja de joelhos, seja levando algum objeto como forma de agradecimento, sozinhos ou acompanhados. A maioria sobe em silencio contemplando a vista, alguns param para tirar fotografias e registrar a paisagem, esse momento remete-se a um tempo de preparação para a chegada ao Santuário.

Acessando ao Campinho a pé ou com veículo, para chegar ao Santuário (que fica no topo do penhasco), ainda restam aproximadamente 116 degraus, o que corresponde a 154 metros de altitude. Percorrendo metade desse caminho, chega-se a um corredor cercado por um lado da rocha que comporta a edificação principal e do outro um espaço fixo construído para organização do Convento, ali fica a secretaria dele, na qual também é possível comprar utensílios religiosos, mas, sobretudo, tal secretaria existe para organizar a agenda dos eventos que envolvem o Convento e a irmandade que ali reside. Um pouco mais adiante do espaço descrito, existem duas salas (vide figuras abaixo), a primeira na qual fica a imagem de devoção que peregrina durante a festa, nela também são depositados os objetos em forma de agradecimento aos pedidos realizados, essa sala é denominada sala dos milagres e a outra sala que comporta um espaço utilizado como museu, que abriga exposições temporárias sobre o Convento, os franciscanos e a história do Espírito Santo. Esses espaços ficam abertos durante todo o ano para receber turistas e devotos, mas durante a Festa, elas possuem uma programação especial.



Figura 16 - Fotografias retiradas durante a Festa da Penha no ano de 2018, para ilustrar a sala dos milagres e a sala de exposições do Convento. Retiradas por Luciane Freitas da Silva, 2018.

No topo do penhasco está erguido o Convento, o início da sua construção ocorreu em 1566. O Convento passou por algumas restaurações e ampliações, a principal delas foi concluída em 1660, indicando que ali ficara pronta a extensão da pequena capela que existia, dando origem ao Convento da Penha. Atualmente, além da capela e sua extensão na parte lateral, encontram-se nas paredes da capela quadros do Convento da Penha, pintados por Vitor Meireles, encomendadas por Frei João Costa, entregues em 1877, e as obras sacras de Pedrina Calixto (filha de Benedito Calixto), que assinou as mesmas nos anos de 1926 a 1927. Ao final desse corredor, avista-se uma janela identificada pelos capixabas como a janela mais famosa do estado, por conta da vista que se pode ter acesso por ela, conforme podemos vislumbrar nas imagens abaixo. Em frente, ao passar pelos quadros, tem-se o acesso à escada de entrada da igreja, nas quais as laterais são cobertas com pedras de granitos esculpidas com datas, nome de famílias e frases de agradecimentos, todas em homenagem à Nossa Senhora da Penha.



Figura 17 - Fotografias da parte interior do Convento da Penha, da esquerda para a direita, placas de devoção, janela "mais famosa do estado" e interior da capela. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.

A importância histórica e arquitetônica do espaço descrito acima foi reconhecida nacionalmente, em 1943, quando Convento e seu conjunto arquitetônico foram tombados pelo Iphan como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, inscrito nos livros de Belas Artes e histórico.

A disposição dos três ambientes descritos pode ser geograficamente identificada e melhor visualizada no mapa abaixo:



Figura 18 - Espaços identificados nessa pesquisa como "complexo Convento da Penha". Fonte: Google Maps. Adaptação: Luciane Freitas da Silva, 2016.

2.2.2 Igreja Nossa Senhora do Rosário

A Igreja do Rosário tem uma grande importância no que tange à história do Espírito Santo. Trata-se da primeira igreja construída na capitania do Espírito Santo, conforme pode ser identificado no livro organizado pela Secretaria de Cultura do Estado – Secult (2009). Assim que os portugueses se fixaram na capitania e iniciaram a construção da primeira vila, o local foi escolhido pelo donatário e foi erguida a Igreja, seguindo a conformação indicada por Portugal. Basílio Daemon nos adverte que o Padre Afonso Brás e seu irmão, chegaram em 1551 e notando a insuficiência da capela existente, deram começo a obras para ampliá-la e consagrá-la a Nossa Senhora do Rosário.



Figura 19 - Fotografia da fachada da Igreja de Nossa Senhora do Rosário em Vila Velha, ES. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.

A Igreja do Rosário possui uma forte relação com o Convento. Em um dos restauros da Igreja, foi mantida a porta lateral direita, que dá vistas ao Santuário do Convento. Segundo seus frequentadores, a relação da porta, para o público, ocorre em forma de respeito e interação de ambas as construções.

Durante a festa, a missa final da Romaria dos Deficientes acontece em frente à Igreja do Rosário, justamente pelo fato de o Campinho e o Convento serem de difícil acesso para quem tem mobilidade reduzida. Durante os dias comuns, essa Igreja recebe missa apenas uma vez no mês. Já durante a Festa, ela abre somente para acolher os eventos ocorridos relacionada à festa.

A Igreja de Nossa Senhora do Rosário foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, inscrita no Livro Histórico, em 1950.

2.2.3 Santuário do Divino Espírito Santo de Vila Velha

Como o próprio nome do santuário faz referência, ele é decorrente do dia de chegada dos portugueses em solo capixaba. Conforme salienta o autor José Oliveira, tudo ocorreu no dia pela Igreja dedicado à terceira pessoa da Santíssima Trindade, ao rio e à vila logo iniciada foi dado o nome de Espírito Santo, depois esse nome foi estendido a toda a capitania (OLIVEIRA, 2008). Ou seja, a construção do referido Santuário, iniciada em 1952, partiu de um religioso que tomou posse na Diocese do Espírito Santo, Dom José Joaquim Gonçalves, que teve como meta a construção, em Vila Velha, de um Santuário em honra ao Divino Espírito Santo, já que o mesmo teria a ver com a origem do nome dado ao estado.



Figura 20 - Fotografia do Santuário Divino Espírito Santo de Vila Velha. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2018.

Esse santuário fica cerca de 2 km de distância do Convento da Penha e, por possuir uma estrutura maior com auditório e salas espaçosas para reuniões, acabam acontecendo lá alguns eventos durante a Festa da Penha. Tal santuário, é administrado pelos franciscanos, sendo ele uma construção, que acolhe por tradição a Romaria das Mulheres, que sai daí com a imagem em caminhada até o Parque da Prainha. Além disso, nas observações em campo no ano de 2017, lá foi presidido um seminário sobre a devoção mariana, nesse ano também ocorreu o concerto da Orquestra sinfônica do estado do Espírito Santo, esse ultimo que se repetiu nas edições de 2018 e 2019, conforme explícito na programação.

2.2.4 Praça Duque de Caxias

A Praça Duque de Caxias, localizada no centro da cidade de Vila Velha, fica entre o Santuário do Divino Espírito Santo e o acesso ao Convento, a Igreja do Rosário e ao Parque da Prainha.

Ou seja, esse espaço de vivência cotidiana entre moradores e visitantes, durante a Festa, se transforma num ponto de acesso a quem vem participar dos acontecimentos. Durante as Romarias, é possível identificar uma grande movimentação de ônibus aos arredores da Praça, pois os romeiros vêm a pé, mas retornam para suas casas nos ônibus da comunidade que frequentam. Além disso, é da praça que partem algumas Romarias que fazem um percurso menor, como é o caso da Romaria das pessoas com deficiência.



Figura 21 - Fotografia panorâmica da Praça Duque de Caxias em Vila Velha. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2018.

2.2.5 Catedral metropolitana de Vitória

A Catedral Metropolitana, tal como ela é erguida hoje, faz parte do projeto de modernização cultural de Vitória, esse projeto ganhou destaque na capital do estado, principalmente, na primeira metade do século XX.



Figura 22 - Fotografia da fachada da Catedral Metropolitana de Vitória. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2015.

O espaço onde existe a Catedral hoje era localizada a antiga igreja Matriz de Vitória. O templo continua mantendo como santa principal Nossa Senhora da Vitória. A atual arquitetura possui características neogóticas e chama a atenção o seu interior composto pelos vitrais recebidos como doações de famílias italianas (SECULT, 2008).

Essa edificação localizada na cidade de Vitória, atual capital do estado, fica cerca de 14 km de distância do Convento da Penha. Durante a festa, ele se torna ponto de encontro dos romeiros que fazem a procissão denominada Romaria dos Homens, da Catedral até o Parque da Prainha, cortando ruas dos municípios de Vitória e Vila Velha, pelas quais as pessoas seguem caminhando, seguindo a imagem da santa de devoção.

Percebe-se, assim, que a maior parte desses espaços são locais reconhecidos como Patrimônio Histórico. Além disso, o próprio Convento da Penha e a Igreja do Rosário são pontos importantes para a história e cultura capixaba. A Festa da Penha está inserida num ciclo de referências culturais, não só edificadas, mas também naturais, pois em volta do Convento existe uma porção da Mata Atlântica que é Patrimônio Natural. Além disso, tem as referências imateriais com manifestações culturais como as bandas de Congo que participam da Festa e são elementos importantes da cultura capixaba.

Remetendo-se a isto, algumas dicotomias são muito claras, por exemplo, entre o silêncio experimentado no Convento e o barulho cotidiano da região que o mesmo está inserido. Tal dicotomia não deixa de fazer alusão ao silêncio – lugar sagrado; barulho – lugar profano. Além disso, existe o fato de que o Convento fica a cerca de 800 metros de altitude cercado por matas, dando a sensação de proximidade com o céu, proporcionando paz, plenitude e tranquilidade, ao contrário da região ao redor, localizada no centro da cidade de Vila Velha, que possui muita circulação de veículos automotores, lojas, centros comerciais, dando uma sensação de incômodo, até pela falta de circulação de ar devido à construção de prédios altos. Por outro lado, a Festa da Penha ocorre também na parte baixa trazendo a imagem da santa e consequentemente o Convento para perto das pessoas que, muitas vezes, veem de longe para ter essa experiência religiosa.

2.3 A Festa da Penha: Observações em campo nos anos 2017 e 2018

Durante a Festa, nos anos de 2017 e 2018, participei enquanto pesquisadora, com o intuito de perceber como a festa acontece, desde sua organização prévia até o dia do encerramento. *In loco* foi possível notar que a festa necessita de uma quantidade grande de voluntários para auxiliar na organização de cada evento que ocorre. Dentro da festa, é possível identificá-los desde a subida da ladeira, indicando o caminho, prestando informações, quanto nas missas auxiliando nos rituais cristãos.

A representante da Associação dos Amigos do Convento, entidade que auxilia na organização da Festa, afirmou, durante a pesquisa de campo, que o Convento conta com mais de quinhentos voluntários que atuam durante as missas e oitavários. Além desses, existem instituições parceiras que auxiliam financeiramente, com disponibilização de ambulâncias, na organização dos espaços, na confecção de cartazes e panfletos entre outras coisas (ARLETE, 2018).

Mesmo em anos distintos, a Festa não altera em grandes proporções sua programação religiosa, as missas, Romarias e oitavários ocorrem nos mesmos dias e horários. Segundo Ana Maria, que é uma das organizadoras da Festa responsáveis pelas Romarias, a Festa é organizada por uma multidão de pessoas. No entanto, ela é pensada por três entidades, a Província Franciscana, Mitra Arquidiocesana e a Associação dos Amigos do Convento da

Penha. Essas três são responsáveis por elaborar a programação e pensar nas atividades que estarão incluídas na semana.

O que é perceptível em campo é que as pessoas, de um modo geral, gostam de encontrar uma estrutura esperando-as no percurso das Romarias, no próprio Campinho do Convento ou até mesmo na Prainha. Contudo, não são esses fatores que fazem com que as pessoas frequentem a festa. As pessoas se preparam para participar da Festa anteriormente e a impressão que fica é a que, embora essa organização exista, ela não é construída na intenção de tornar a Festa mais organizada e agradável para os participantes e consequentemente para perpetuação da narrativa de festa religiosa histórica. Nessa perspectiva, Ana Maria (2017) acrescenta que

> "sinceramente, assim é o que costumo dizer, a Festa da Penha acontece mesmo se não tiver ninguém organizando, não precisa a gente organizar, basta ter alguém lá pra rezar a missa, elas sabem, sabem o dia, o local que a festa acontece, então a gente precisa saber também isso, nós não podemos dizer o que eles tem que fazer, eles [os fiéis] sabem o que tem que fazer, o que a gente procura é facilitar.

2.3.1 Primeiro dia:

Conforme já mencionado, a Festa da Penha tem duração de nove dias, iniciando no domingo de Páscoa, no qual ocorre a primeira Romaria – a dos Cavaleiros, e a missa de abertura que também marca o início do oitavário.

No ano de 2017, dia 16 de abril, no Parque da Prainha, por volta das 10 horas da manhã, os romeiros que vêm à cavalo são recebidos para uma missa celebrada em função deles. Já a missa de abertura, acontece no domingo de Páscoa, às 14h30, no Campinho do Convento. Ela é presidida pela área pastoral de Vila Velha, município ao qual o Convento está situado, e é ministrada pelo Arcebispo de Vitória. Segundo expõe, Ana Maria Lemos (2017), no domingo também é comum ocorrer 'a fincada' do mastro na Prainha, realizada pelas bandas de Congo. Tal mastro permanece fincado durante toda a festividade. Essa atividade de fincada do mastro é mais um elemento que demonstra a sobreposição de referências culturais, pois este se trata de um elemento dos festejos das bandas de Congo e não da Igreja Católica e acabam sendo incorporados nessa festa.



Figura 23 - Fotografia retirada na missa de abertura da Festa da Penha, 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva.

2.3.2 Segundo dia:

Na segunda-feira, tanto no ano de 2017 quanto no ano de 2018, a área pastoral da região serrana ficou responsável pela missa do segundo dia do oitavário, realizada no Campinho, no período da tarde. No dia 17 de abril do ano de 2017, ocorreu no auditório do Santuário Divino Espírito Santo o seminário Mariano que trouxe à tona discussões como a importância de Maria no cristianismo e as diversas faces de Maria.



Figura 24 - Fotografia retirada durante o seminário Mariano que ocorreu na Festa da Penha no ano de 2017. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.

No ano de 2018, esse seminário não ocorreu, mas todos os dias o palco que permaneceu montado na Prainha, recebendo apresentações culturais no período da noite. Foi possível perceber em campo que, do segundo dia em diante, a circulação de pessoas aumenta gradativamente.

2.3.3 Terceiro dia:

Na terça-feira, tanto no ano de 2017 quanto em 2018, a missa do oitavário ficou sob responsabilidade da área pastoral de Cariacica e Viana. Entre os dias da semana, no ano de 2018 esse dia, 03 de abril foi o mais movimentado. Era possível perceber, nas subidas e descidas, o quanto o Campinho enchia de devotos e turistas, mesmo estando um dia chuvoso e frio, fator que geralmente inibe as pessoas de saírem de casa.

Nesse mesmo dia, tanto em 2017 quanto em 2018, ocorreu também no Campinho do Convento, uma benção aos casais no período da noite.

2.3.4 Quarto dia:

Na quarta-feira, dia 19 de abril de 2017, o oitavario com missa foi de responsabilidade da área pastoral Benevente, um dos grupos que vem de fora da grande Vitória compreendendo

cerca de três a quatro horas de viagem. À noite, seguindo a programação cultural da festa, teve apresentação de teatro do grupo Shalom, conforme apresento na imagem abaixo.



Figura 25 - Fotografia do elenco de teatro grupo Shalom. Retirada por Luciane Freitas da Silva, 2017.

Em 2018 durante a noite ocorreu apresentações de artistas capixabas no palco montado na Prainha. A seleção desses artistas fica sob incumbência da Secretaria de Cultura de Vila Velha. O Sub Secretário de Cultura do município de Vila Velha, esclarece que "Os shows culturais são arcados pela prefeitura. Mesmo o show cultural que tem no dia do encerramento que geralmente é com um Padre cantor é a prefeitura que arca" (MAZOCO, 2019).

2.3.5 Quinto dia:

No quinto dia do oitavário no ano de 2017 e também em 2018, a área pastoral de Serra e Fundão ficaram responsáveis pela missa. Seguindo as missas dos dias anteriores, esse rito aconteceu no Campinho do Convento.

À noite, às 19h30, o público contemplador da festa pôde acompanhar a apresentação da orquestra sinfônica do estado no santuário Divino Espírito Santo, localizado à cerca de 2km de distância do Convento.

2.3.6 Sexto dia:

Na sexta-feira 21 de abril de 2017, foi a vez da área pastoral de Vitória organizar e presidir a missa do oitavário, assim como na terça-feira, que corresponde ao terceiro dia da

Festa, a área do Campinho permaneceu muito movimentada do início ao fim da missa, mesmo após o término da missa, muitas pessoas subiam ao Convento para comtemplar a vista e a imagem da santa. À noite, em 2017, teve a apresentação “cantando com Maria” com jovens oriundos de comunidades carentes. Essas apresentações noturnas propiciam aos amantes do Convento e de sua vista espetacular uma visão inédita e rara, uma vez que o Convento não funciona normalmente após as 17 horas, exceto na semana da Festa da Penha.

Já no ano de 2018 ao mesmo tempo em que aconteceu, no Campinho do Convento, apresentação noturna de música franciscana, a partir da sexta também ocorriam as apresentações contidas na programação cultural da festa, das 17h30 em diante, na Prainha, se apresentaram as bandas capixabas, na sexta encerrou com a apresentação de uma das bandas mais famosas do estado, a banda Casaca.

Em entrevista com o representante da Prefeitura de Vila Velha, na secretaria de Cultura, foi passada a informação que essas bandas que são selecionadas para se apresentarem durante a Festa da Penha no palco cultural. Tal seleção é feita pela própria Prefeitura, que possui um cadastro de artistas capixabas. Segundo Mazoco (2019), “nós temos um cadastro de artistas daqui da prefeitura na secretaria. Vai sempre de acordo com a disponibilidade financeira. Uns mais caros e outros mais baratos, dependendo da disponibilidade financeira do ano, a gente tem um perfil de cachê que a gente se adepta a esses artistas”.

2.3.7 Sétimo dia:

No ano de 2017, ocorreu pela manhã, às 08 horas, no Campinho do Convento, a missa com a Diocese de São Mateus, uma das regiões mais longínquas do estado. Concomitante a organização dessa missa, ocorreu a saída da Romaria das pessoas com deficiência (vide figura 17), que partiu da Praça Duque de Caxias, também às 08 horas, em direção a Igreja Nossa Senhora do Rosário, onde receberam a imagem da santa e ocorreu uma missa para abençoar os romeiros e romeiras.



Figura 26 - Fotografia da Romaria das pessoas com deficiencia, ja na chegada, em frente a igreja do Rosário. Retirada por Luciane Freitas da Silva.

Às 11 horas, aconteceu a Romaria dos Adolescentes (vide figura 18). Eles partiram do parque da Prainha, ainda quando a missa da Romaria das pessoas com deficiência estava ocorrendo e seguiram com destino ao Campinho, subindo a ladeira do Convento. Após essa missa, a imagem da Santa foi transportada para Vitória, de onde iria sair com a Romaria dos Homens à noite. Completando o penúltimo dia do oitavário, aconteceu, às 14h30, a missa presidida pela Diocese de Cachoeiro de Itapemirim, também no Campinho.



Figura 27 - Fotografia da Romaria dos Adolescentes subindo a estrada do Convento em direção ao Campinho. Retirada por Luciane Freitas da Silva.

Sem dúvida, a noite de sábado é o momento em que a movimentação de participantes aumenta consideravelmente. A Romaria dos Homens é o evento que atrai a maior quantidade de fiéis em toda a semana de programação, ela possui um percurso de 14 quilômetros, saindo, oficialmente, da Catedral Metropolitana de Vitória e partindo em direção ao Parque da Prainha. No ano de 2017 a estimativa foi de 500 mil pessoas participando somente nessa Romaria. Em 2018 foram aproximadamente 700 mil pessoas participando dessa Romaria. Em conversa com uma das organizadoras do evento, Ana Maria, ela destaca a impossibilidade de quantificar os participantes desse evento com exatidão, uma vez que:

> Sim é verdade, e você falando isso, se você pegar as primeiras fotos da Romaria, era uma coisa que você podia chamar de Romaria, você sabia onde começava e onde terminava e o percurso era esse, hoje em dia como a Festa cresceu demais, a gente não dá conta, então consideramos Romaria também esses diversos lugares de onde as pessoas saem, saem com trio elétricos, vem a pé, tem gente que sai da Serra, tem um grupo de Guarapari imenso, que vem também caminhando, então a Romaria para eles tem outro percurso, a Romaria oficial sai da catedral, mas tem as outras que sai de diversos lugares, ai fica difícil até você medir a quantidade de pessoas que participam, a gente não tem potência né (LEMOS, 2017).

Abaixo ilustra-se o percurso que a Romaria segue, acompanhando a imagem peregrina, que sai da catedral de Vitória em sentido à Prainha de Vila Velha.

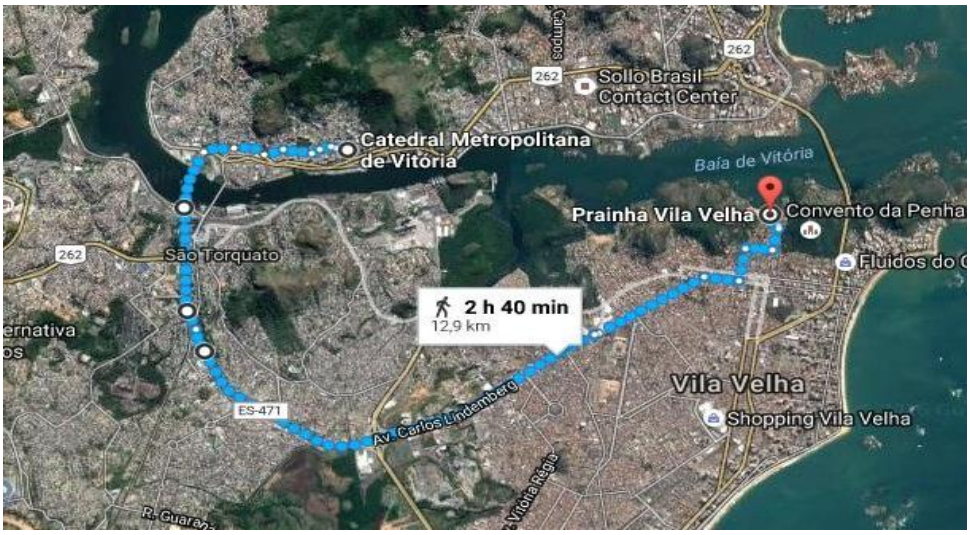


Figura 28 - Trajeto feito na Romaria dos Homens. Fonte: Google maps. Adaptação: Luciane Freitas da Silva.

Esse trajeto é feito pela maior parte dos fiéis. É na catedral que eles se concentram, porém, conforme informado pela entrevistada, Ana Maria (2017), muitas comunidades católicas saem de suas paróquias em diversos municípios do estado e se encontram os fiéis

vindos da Catedral numa rodovia principal, chamada Rodovia Carlos Lindenberg, que é fechada para que os romeiros percorram. A missa da chegada, da Romaria dos Homens, costuma acontecer por volta das 23 horas no Parque da Prainha, na noite de sábado para o último domingo da semana de festa.

Passando pela rodovia interditada, é possível identificar nas margens da rodovia, vendedores ambulantes que vendem bebidas em geral, inclusive alcoólicas, e comidas, como cachorro quente, churrasquinho e pipoca. É possível, também, identificar admiradores da procissão que ficam às margens das rodovias observando as pessoas passarem e aguardando a passagem da imagem. Existem os postos de abastecimento, que são montados pela prefeitura do município para servir copos e garrafas de água aos romeiros. Há, ainda, grupos de devotos que, para cumprir suas penitências e em forma de agradecimento por milagres atendidos, servem, no caminho da Romaria, lanches e sucos, além de comprarem objetos de fé, como terços e fitinhas, para serem doados à multidão. Um fato notório dessa Romaria é que, embora seja a Romaria dos Homens, na qual muitos pais, filhos e netos são vistos caminhando juntos pelas ruas em procissão, é possível identificar muitas famílias completas que seguem juntas, mulheres que vão sozinhas e grupos de comunidades católicas que levam um estandarte com o nome de sua comunidade, muitas vezes seguidos de pequenos trios elétricos. Alguns grupos fazem camisetas específicas para os participantes de sua comunidade com o intuito de se identificarem na multidão.

Enquanto ocorria a preparação e peregrinação da Romaria dos Homens, dia 07 de abril de 2018, no lugar de chegada dos romeiros, a Prainha, recebeu apresentações culturais a partir das 16h fechando com a banda de forró, trio Mafuá, que se apresentou no mesmo palco da missa da Romaria dos Homens, horas antes da missa.



Figura 29 - Registro fotográfico da Romaria dos Homens no ano de 2017. Fonte: Conventodapenha.org.br/fotos.

2.3.8 Oitavo dia:

No domingo pela manhã, ocorreu a missa do último dia do oitavário com a diocese de Colatina, às 08 horas, no Campinho. Aconteceu, simultaneamente, a Romaria dos Motociclistas, que recebeu a benção no Parque da Prainha às 10 horas da manhã. No período da tarde, todos se preparam para a Romaria das Mulheres, com um número reduzido em comparação com a Romaria dos Homens, acontece no último domingo da programação da festa, por volta das 16 horas. Nessa, é possível verificar uma maior concentração de mulheres, embora também tenha participação masculina e de famílias inteiras que vão acompanhar suas matriarcas. Na Romaria dos Homens, o objeto símbolo da fé, além do terço mariano que é utilizado em todas Romarias, são as velas acesas à noite dando um toque decorativo na procissão, já na das Mulheres o símbolo são os balões coloridos, que deixam o percurso com um ar de alegria (conforme pode ser visto na fotografia abaixo).

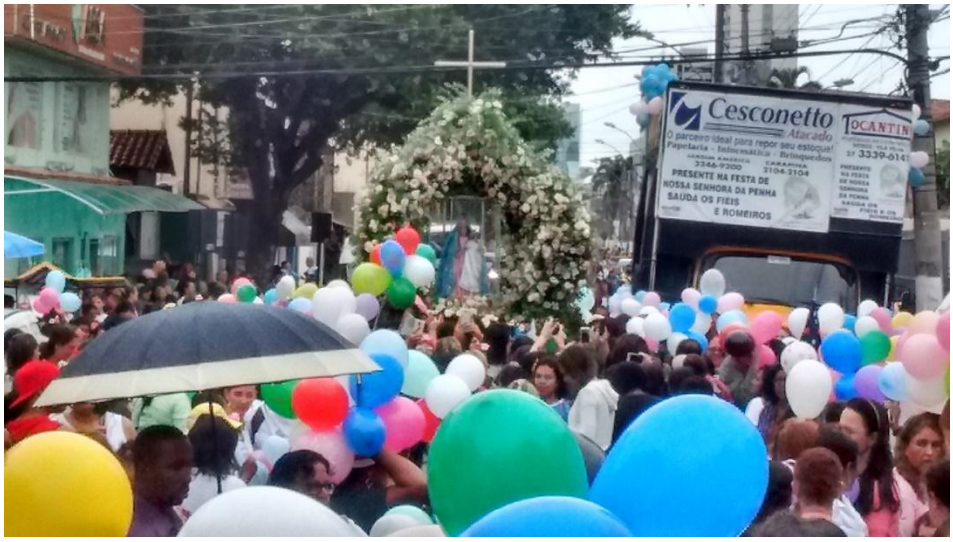


Figura 30 - Fotografia da Romaria das Mulheres da Festa da Penha, 2017. Registrada por Luciane Freitas da Silva.

A Romaria das Mulheres percorre um trajeto menor do que o percorrido na dos Homens. A procissão sai do Santuário de Vila Velha, passando pelo centro do município até o Parque da Prainha de Vila Velha, onde ocorre a missa de chegada.

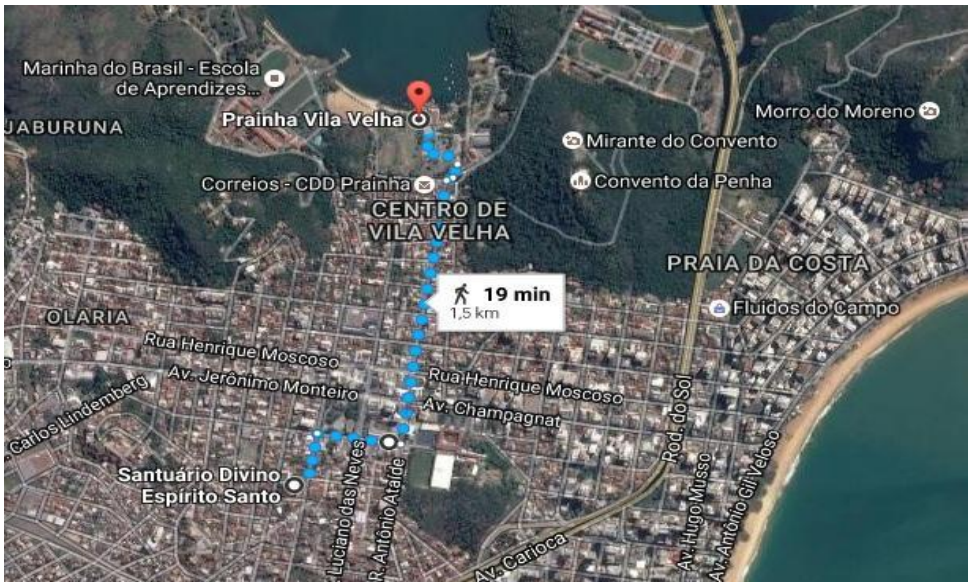


Figura 31 - Percurso realizado na Romaria das Mulheres. Fonte: Google maps. Adaptação: Luciane Freitas.

2.3.9 Nono dia:

Na segunda-feira, o dia efetivamente de Nossa Senhora da Penha, em que ocorre o encerramento da Festa. Desde 2019 é reconhecido por Lei como Feriado para além de

municipal e agora em todo território do estado do Espírito Santo. A entrevistada Monica, representante da Associação do Congo em Vila Velha participou juntamente com a Mitra e os Franciscanos na elaboração do projeto em que originou a solicitação de tornar dia de Nossa Senhor da Penha feriado. Ela adverte que o feriado estadual facilita a vinda dos grupos de Congo do interior do estado para participar da Festa, uma vez que muitos trabalham e não podem se afastar de suas localidades sem perder o dia de trabalho (MONICA, 2020).

Na segunda, dia 24 de abril do ano de 2017, ainda pela manhã teve missa no Campinho do Convento com os seminaristas em formação, ocorreu a saída, às 08 horas, da Romaria dos Ciclistas que percorreu cerca de 9 km, chegando à Prainha às 10 horas. Ao mesmo tempo, no Campinho, ocorria a missa com as pastorais sociais e a subida das Bandas de Congo que cantaram e dançaram pelas sete voltas na estrada do Convento até chegar ao Campinho para receberem a benção.



Figura 32 - Fotografias da Romaria das Bandas de Congo. Retiradas por Luciane Freitas, 2018.

A missa de encerramento é um evento que atrai, consideravelmente, os fiéis. Por se tratar do último evento da festa, muitas comunidades e paróquias se organizam para saírem de seus respectivos municípios, em ônibus. Durante a semana, conforme pode ser observado, a festa é dividida em atenção às regiões, no entanto, no encerramento, todas as dioceses se organização para ir em grupo com suas respectivas comunidades católicas, além dos visitantes que vão por conta própria desgarrados desses grupos. A praça do Centro da cidade, que se localiza próximo ao Convento, fica repleta de ônibus e muito movimentada durante todos os eventos, mas o dia do encerramento da Festa essa movimentação aumenta consideravelmente. Após a missa de encerramento, ocorrem shows de artistas católicos convidados. Em 2017 a apresentação do Padre Anderson Gomes e da cantora Flávia Dornellas. Já em 2018, após o

encerramento, ocorreu show do cantor católico Thiago Brado, em seguida apresentaram-se a dupla sertaneja Edson Mineiro e Goiano e a banda Bem-Ti-Vi.



Figura 33 - Missa de encerramento da Festa da Penha, registrada no ano de 2016. Fonte: Conventodapenha.org.br/fotos.

No fim de semana, a adesão é maior e fica comprometida a circulação por entre o público, muitas pessoas se aglomeram nas ruas, e são muitos eventos acontecendo simultaneamente. Por exemplo, no sábado, enquanto ocorria no Campinho do Convento, o penúltimo dia de oitavário, pelas ruas próximas ao Convento acontecia a Romaria das Pessoas com Deficiência, que terminou com a missa realizada na Igreja do Rosário. E a Romaria dos Adolescentes que se iniciou na Prainha, subiu a ladeira em procissão e se encontrou com a diocese de São Mateus já no Campinho que estavam aguardando a chegada dos Adolescentes para a benção dos mesmos e prosseguimento da missa.

CAPÍTULO 03: A HISTÓRIA ORAL COMO MÉTODO DE PESQUISA NO CASO DA FESTA DA PENHA

Embora a história oral seja uma ferramenta muito utilizada na contemporaneidade, nem sempre foi aceita sem questionamentos na comunidade científica tendo sofrido altos e baixos no que tange à sua utilidade e a autenticidade na produção de conhecimento ao longo dos anos. Se iniciarmos uma reflexão cronológica acerca da suposta criação do que vem a ser reconhecida, séculos depois, como História Oral, vamos nos deparar com o início das primeiras civilizações do mundo. Antes de existir a escrita, a história era contada e conhecida nos mais diferentes contextos por meio da oralidade. Os anciãos, em diversas civilizações, eram considerados os mais sábios, em consequência de seu vasto conhecimento acumulado durante anos de existência e eram aqueles que podiam contar acerca dos saberes e histórias do passado.

As memórias de experiências humanas (construídas através dos sentidos) eram os únicos recursos de que as pessoas dessas culturas dispunham para o armazenamento e a transmissão do conhecimento entre as gerações, o que tornava a inteligência intimamente ligada à memória. Exemplares dessa função de guardiões da memória são os *griot*[15] na África Ocidental como também, Heródoto[16] e Tucídides[17], na Grécia Antiga, em ambos os casos, a oralidade era fonte para os estudos históricos. Esses importantes nomes se perpetuaram na história por sua tarefa de guardião da memória e da história, mas esse papel não se restringe apenas ao passado, um exemplo atual são os grupos indígenas, que também dão importância para a figura do ancião. Não obstante, nesses e em outros grupos, a transmissão de elementos culturais é realizada oralmente e são os idosos, em geral, que desempenham essa função fundamental. Em outras palavras, em diversas culturas oralizadas do passado remoto, mas também atuais, os anciãos e/ou funcionários responsáveis por preservar a memória de uma sociedade eram dignos de respeito e contemplação por todos. Com o surgimento da escrita o conhecimento da humanidade passou a ser registrado, o que significou por um lado a menor perda de conhecimento, uma vez que não dependia apenas da memória humana, contudo, por outro lado restinguiu o acesso ao conhecimento as pessoas letradas. Sobre o assunto a pesquisadora Marieta Ferreira afirma que,

---

[15] Conceito retirado do livro: SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 277.
[16] Conceito retirado do livro: SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009, p.286.
[17] Conceito retirado do livro: SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009, p.286.

> Até 1870, a história, na França, era uma disciplina sem real autonomia, dominada pela literatura e pela filosofia e subordinada ao jogo político das conjunturas. A pesquisa histórica estava sob o controle dos eruditos tradicionais, hostis à República, e não havia um ensino especializado de história (FERREIRA, 2002, p.316).

Antes da fase dominada pelos positivistas, como Charles Seignobos e Langlois, quem ocupava o lugar do historiador eram diplomatas, membros da igreja e da nobreza. Essas figuras dominavam a construção dos estudos históricos. Ou seja, pessoas de posse e de grande notoriedade na sociedade, que não se preocupavam com métodos de estudos históricos.

Contudo, com o passar dos anos e a cientificação do conhecimento, mais precisamente com o desenvolvimento da concepção de mundo positivista, a tradição oral passou a ser questionada enquanto uma fonte documental confiável. Nessa perspectiva, a pesquisadora Marieta de Moraes Ferreira (2002) afirma que surgiu uma condição indispensável no quadro de afirmação dos historiadores profissionais para fazer uma história científica, isto é: a necessidade ter uma visão retrospectiva. Ou seja, a produção de conhecimento histórico como disciplina, que possuía um método de estudo de textos que lhe era próprio, passou a ter como prática regular a decifração de documentos. Assim, a construção da ideia de objetividade do historiador considerava como fundamental o distanciamento em relação aos problemas do presente, entendendo que só o recuo no tempo poderia garantir uma distância crítica.

Essas regras foram tomando forma no final do século XIX, por meio dos trabalhos de autores como Charles Seignobos (co-autor) e Charles Langlois, de *Introduction aux études historiques*, manual publicado em 1898, no qual eram definidas regras de escrita da história, com o desígnio de divulgar os procedimentos e princípios da prática da história científica entre os jovens estudantes e historiadores. Na sua definição, a história tinha como objetivo descrever o passado por meio de documentos, ouseja, lia-se, nos documentos escritos e oficiais, as sociedades passadas e suas metamorfoses. O documento e sua crítica eram assim essenciais para distinguir a história científica da história literária (praticada pela geração precedente). Porém, essa metodologia intensificou os estudos políticos da sociedade antiga e medieval, por serem períodos situados no passado e distantes do presente, dando brecha para o desenvolvimento de novas correntes históricas.

É consenso na historiografia atual a importância da criação da revista francesa *Annales*[18], em 1929, e da *École Pratique des Hautes Études*, em 1948, por dar impulso a um profundo movimento de transformação no campo da história. Essa geração de pesquisadores

[18] Conceito retirado do livro: SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009, p. 36.

questionou a hegemonia da História Política e a seleção de fontes históricas dos historiadores positivistas, que dava lugar a uma história elitista, política e factual. Em contrapartida, o grupo dos *Annales* defendia uma nova concepção em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado.

Em continuidade a construção de novos problemas e novas interpretações no campo da historiografia, a partir da década de 1980, registraram-se transformações importantes nos diferentes campos da pesquisa histórica. Revalorizou-se a análise qualitativa e resgatou-se a importância das experiências individuais, ou seja, deslocou-se o interesse das estruturas para as redes, dos sistemas de posições para as situações vividas, das normas coletivas para as situações singulares. Paralelamente, ganhou novo impulso a história cultural, ocorrendo um renascimento do estudo do político e incorporando à história o estudo do contemporâneo (FERREIRA, 2002).

A oralidade, que era considerada fonte privilegiada entre pesquisas da Antropologia, passou a ser utilizada por outras áreas das Ciências Humanas e Sociais. No caso da História, a volta para as fontes orais constituiu um campo de saber chamado de História Oral.

A reintrodução da História Oral aconteceu, no decorrer do século XX, mais especificamente nos Estados Unidos, quando um grupo de historiadores constituíram suas próprias instituições, lançaram revistas e realizaram vários seminários. Esse método se desenvolveu mais amplamente a partir da criação do gravador, ainda nos anos de 1950, e logo se difundiu pela Europa.

As pesquisadoras Julia Matos e Adriana Senna (2011), em seus estudos sobre fontes orais, assinalam que essa nova forma de abordagem foi criada em meio aos conflitos e movimentos de grupos minoritários como grupos feministas e sindicalistas, que buscavam visibilidade. Pregava-se o não conformismo ao sistema, isto é, uma história alternativa em relação a todas as construções historiográficas anteriores. Nesse contexto, entra em cena o que as autoras chamam de segunda geração de historiadores orais. Mais ambiciosos, não tomavam a fonte oral como um complemento, mas sim como "outra história". A partir de 1975, ocorreram encontros e projetos coletivos em todo o mundo, apontando para uma nova expectativa em relação à História Oral. Esse processo marcou o início da chamada terceira geração de historiadores orais "após essa terceira geração se iniciar, criaram-se verdadeiros grupos de historiadores orais" (MATOS, SENNA, 2011, p.99). Na década de 1980, se difundiram reuniões internacionais sobre o tema e, a partir de então, foram criadas diversas associações de historiadores orais.

Com início em 1990, entrou em perspectiva uma nova geração de pesquisadores, a quarta geração, em decorrência de fatos conjunturais que deram margem para a expansão da História Oral, tais como a queda do Muro de Berlim e os estudos stalinistas, que passaram a ser interesse dos historiadores. Assim, as fontes orais foram mais amplamente exploradas, muitos historiadores passaram a compreender a importância da história do tempo presente, para o entendimento da qual as fontes orais são essenciais. Portanto, estruturou-se uma metodologia e uma organização teórica dentro do que passou a se chamar de História Oral. Essa geração estava muito mais ligada à História Cultural e à utilização de depoimentos e experiências pessoais e/ou coletivas para construir narrativas históricas a respeito de um evento, esse aspecto fez com que o olhar do historiador mudasse o foco também, ou talvez o foco alterado é que tenha contribuído para a mudança de perspectiva histórica (MATOS; SENNA, 2011).

Existe, hoje, um lugar de importância e reconhecimento para a História Oral, dentro do campo historiográfico, embora muitos pesquisadores ainda não deem seu devido valor. Existem aqueles, portanto, que defendem o depoimento, a fotografia, a música, a dança como fontes históricas. Para Verena Alberti, uma peculiaridade do documento de história oral é o privilégio da recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu, sem perdas como ocorre num documento antigo escrito (ALBERTI, 2004).

3.1 A importância da memória coletiva para o entendimento da Festa da Penha

A "memória" é um conceito que já foi abordado por vários autores e por meio de uma gama diversificada de vieses e referenciais teóricos. Podemos dizer que a memória é um dos elementos que nos caracteriza como seres humanos, pois é por meio dela que construímos nossas noções identitárias e de pertencimento grupais.

Para compreensão da História Oral enquanto método de pesquisa, é importante entender a relação íntima que ela estabelece com a memória.

Segundo o historiador Jacques Le Goff,

> a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta, quer nos outros quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (LE GOFF, 1990, p.461).

Um dos pressupostos de Jacques Le Goff é que o conceito de memória opõe ao de história, pelo contrário, os dois são constantemente trabalhados pelo historiador como pressupostos que servem de apoio e influenciam o trabalho histórico ao longo do tempo.

O historiador Peter Burke (2000) acrescenta que memória é uma reconstrução do passado, uma vez que o ato de lembrar e escrever sobre assuntos aleatórios não são atividades ingênuas e inocentes como julgavam até uns anos atrás. Existe uma preocupação real com o tempo presente, contudo, existe a vontade de registrar a história não contida em manuscritos oficiais, a história das massas, das minorias que geralmente passavam invisíveis.

O sociólogo Maurice Halbwachs (2006) contribuiu para diversas áreas do conhecimento, inclusive a história, na criação de uma classificação conhecida como "memória coletiva". Levando em conta essa categoria, ele postula que o fenômeno de recordação e localização das lembranças não pode ser efetivamente analisado se não forem levados em consideração os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória.

Em sua obra intitulada "Memória Coletiva", ele expõe suas ideias a respeito dessa classificação, uma parte importante de sua obra, trata da relação da memória coletiva e o espaço. Para ele, os seres humanos buscam no espaço que vivem certa estabilidade, posto que a sociedade imóvel contraponha a agitação vivenciada internamente e cotidianamente, para além disso, existe um desejo que as coisas não mudem de lugar, um apego afetivo por objetos, casas, árvores, ruas, entre outras coisas. Essa é uma forma de pensar a memória coletiva, muitos espaços embora vistos por óticas distintas se apresentam para pessoas diferentes como lugares de vivência em comum, que possuem histórias em comum para contar.

Le Goff, ao pensar a proposta de memória coletiva defendida por Halbwachs (2006), reintera que:

> A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Mas a memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder. São as sociedades cuja memória social é sobretudo oral ou que estão em vias de constituir uma memória coletiva escrita que melhor permitem compreender esta luta pela dominação da recordação e da tradição, esta manifestação da memória (LE GOFF, 2011, p. 476).

O entendimento de memória coletiva, nesse sentido, diz respeito aos fatos do passado que são compartilhados e/ou experienciados pelos grupos sociais. É o que faz com que os indivíduos pertençam a determinada comunidade por terem um passado comum. Mesmo que a experiência individual traga detalhes diversos ao vivido, a experiência coletiva é comum.

Além disso, quando nascemos há uma base de memória que nos é apresentada como repertório por nossos antepassados seja no âmbito familiar ou de grupos sociais mais amplos, como a escola. Esse é o caso dos participantes da Festa da Penha, muitas pessoas de diferentes lugares unidas por experiências com os espaços físicos e geram uma memória coletiva daquele grupo.

Um elemento importante para construção da memória coletiva são os chamados lugares de memória. Esse conceito foi elaborado em meados do século XX, pelo o historiador francês Pierre Nora (1993). Podemos compreender o "lugar de memória" em dois viés: o lugar físico construído através de uma materialidade, museus, arquivos, cemitérios, coleções, comemorações, tratados, monumentos, santuários, como também no viés do lugar simbólico, que remete a um acontecimento vivido por um grupo de pessoas, que muitas vezes já nem estão vivas, e, ainda assim, trazem uma representação para uma maioria que não participou do acontecimento.

A existência dos lugares de memória e os esforços pela sua perpetuação é um reflexo da possibilidade do esquecimento que esses lugares estão sujeitos. Como ressalta Nora, "[...] se o que [os lugares de memória] defendem não estivesse ameaçado, não se teria a necessidade de construí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que envolvem, eles seriam inúteis" (NORA, 1993, p. 13).

Espaços como o Convento da Penha, a Prainha, a Igreja do Rosário e a Catedral de Vitória foram lugares construídos durante a colonização do estado do Espírito Santo e, ao mesmo tempo, lugares com outra importância para aqueles que frequentam a Festa. Para essas pessoas, além dos espaços físicos que os unem, existe o que esses lugares representam. Principalmente por serem espaços religiosos marcam a história de muitos indivíduos, pois a religião ainda é uma ferramenta de controle social, os comportamentos dentro de um espaço tido como religioso é determinado pelos ritos ditados no momento, logicamente é o espaço e as celebrações que vão trazer para a sociedade a separação fundamental entre o mundo sagrado e profano.

Levando em conta que, na concepção de Pierre Nora (1993), não existe memórias espontâneas e que é preciso preservar fragmentos do passado, os diversos espaços pelos quais a Festa da Penha transita servem como espaços documentais das transformações das Festas. Isso porque, ao longo do tempo, a Festa da Penha foi ganhando novas dimensões e abrangendo espaços cada vez maiores. Nas entrevistas realizadas, foi perceptível como os espaços são importantes para o estabelecimento das memórias da Festa. As narrativas acerca

das Festas estabelecem, assim, uma relação sincrônica entre o evento que se narra e o local em que ele aconteceu.

3.2 As críticas

As principais críticas acerca da História Oral são baseadas no pensamento que defendia que para se fazer história era preciso técnica e métodos que só poderiam ser aplicadas a documentos escritos distantes do tempo presente. Ou seja, a separação entre passado e presente era colocada de forma radical.

Esse campo de atuação do período contemporâneo, baseado na História Oral acabou se transformando em monopólio dos historiadores denominados amadores. A explicação para essa situação deve-se ao fato de que o período recente não exigia uma farta cultura clássica, nem o controle dos procedimentos eruditos do método histórico (positivista). Os que se interessavam pelo contemporâneo concebiam a pesquisa histórica como um meio de ação política. Mas como justificar que historiadores profissionais como os próprios Seignobos e Lavisse (historiadores precursores do método positivista) escrevessem livros sobre o período contemporâneo, já que os mesmos defendiam que não era possível aplicar o método positivista em fatos recentes, uma vez que o objeto para se tornar fonte de estudo precisava estar no passado. Os precursores do positivismo afirmavam que o objetivo deles não era produzir fatos novos, mas divulgar interpretações novas de fatos já conhecidos. Para tanto, abordavam a história política e factual por meio de fontes oficiais (FERREIRA, 2002).

Há alguns aspectos críticos que envolvem a utilização da fonte oral, sendo as principais críticas quanto à confiabilidade da fonte, pois os depoimentos orais seriam fontes subjetivas, relativas à memória individual, às vezes falível ou fantasiosa. Entretanto, acerca desse ponto, Paul Thompson argumenta que nenhuma fonte está livre da subjetividade, seja ela escrita, oral ou visual (MATOS, SENNA, 2011). A afirmação da história como uma disciplina que possuía um método de estudo de textos que lhe era próprio, que tinha uma prática regular de decifração de documentos, implicou a concepção da objetividade como uma tomada de distância em relação aos problemas do presente. Nessa perspectiva muitos sociólogos, principalmente os ligados a Durkheim, criticaram o método histórico criado por Langlois e Seignobos, que visava garantir essa objetividade. Em contraponto aos pesquisadores positivistas está Marieta Ferreira (2002) ao afirmar que “o recuo no tempo não

garantia a objetividade da história, pois todo historiador é tributário da sua época". (FERREIRA, 2002, p. 315).

A nova geração da conhecida *École des Annales* se propôs a repensar o método histórico de pesquisa e passou a questionar a hegemonia da História Política, apontando-lhe suas lacunas, principalmente na escolha da abordagem, baseada nos fatos grandiosos e nos líderes desses movimentos. Em contrapartida, esse grupo defendia uma nova concepção, em que o econômico e o social ocupavam lugar privilegiado. A conhecida história total ganhava corpo por meio de estudos realizados por autores como Lucien Febvre (1878 - 1956) e Marc Bloch (1886 – 1944). Esses dois historiadores propõem a elaboração de uma história problema, ou seja, uma história feita por meio de questionamentos, nos quais não são privilegiados apenas fatos políticos e diplomáticos através da figura dos grandes homens, dos grandes heróis nacionais vivendo uma história sem conflitos e tensões, e sim, buscando os indivíduos no seu fazer cotidiano, sendo esses sujeitos e objetos da história, e mostrando as permanências, rupturas e tensões existentes ao longo das temporalidades históricas. Nesse contexto, é identificada a necessidade da História Oral, uma vez que as pessoas comuns não eram registradas em documentos oficiais, só era possível entender a totalidade de sua existência através de relatos muitas vezes resgatados das memórias de uma sociedade (FERREIRA, 2002).

No entanto, essa crítica não se fundamenta mais, uma vez que já possuímos arquivos e centros de pesquisas especializados em fontes orais, os quais guardam as fitas, filmagens e transcrições das testemunhas. Esses arquivos possibilitam aos pesquisadores realizar estudos de tempos passados através da metodologia da história oral. Assim, como as pesquisas em fontes escritas (jornais, revistas, livros, entre outros) somente são possíveis a partir de arquivos cuidadosamente identificados, selecionados e categorizados, os estudos da oralidade também dependem dessa organização. Esse também é o ofício do historiador, zelar e documentar informações oriundas de pesquisas com a metodologia de história oral.

Verena Alberti (2004) historiadora e pesquisadora sobre o assunto em questão, nos adverte,

> como dissemos e repetimos em um sem-número de debates em centros, universidades, encontros e congressos no Brasil e em outros países, a história oral é legítima como fonte, porque não indus a mais erros do que outras fontes documentais e históricas. O conteúdo de uma correspondência não é menos sujeito a distorções factuais do que uma entrevista gravada (ALBERTI, 2004, p.14).

A História Oral também possui seus entraves, não é possível sua aplicação em períodos muito remotos somente pode ser empregada em pesquisas sobre temas contemporâneos, que a memória dos seres humanos alcance, para que se possa entrevistar pessoas que dele participaram, seja como atores, seja como testemunhas. E é por isso que a ideia de um banco de dados de entrevistas se torna tão necessária e útil, pois, com o passar do tempo, as entrevistas assim produzidas poderão servir de fontes de consulta para pesquisas sobre temas não contemporâneos.

3.3 A História Oral como fonte de pesquisa

Atualmente a História Oral pode ser entendida como um método, uma disciplina ou uma técnica de pesquisa. O objetivo é adquirir relatos orais como fontes para a compreensão do passado, ao lado de outros documentos, como fotografias e documentos escritos. A História Oral utiliza-se de fontes orais, que podem ser exercidas em diferentes modalidades e são coletadas por meio de entrevista oral, podendo essa ser anotada ou gravada. A História Oral está concentrada na realização de entrevistas com pessoas comuns que participaram de algum evento, ou testemunharam acontecimentos, levando em conta conjunturas e visões de mundo, como forma de se aproximar/ desvendar seu objeto de estudo. Como consequência, o método de História Oral produz como fontes de consulta as entrevistas e questionários (que só podem ser realizadas com autorização prévia do entrevistado). Para outros estudos, é importante que as gravações sejam transcritas, para caso de perda do áudio, podendo ser reunidas em um acervo aberto a pesquisadores. Trata-se de estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos sociais e etc. que traz à tona depoimento de pessoas que participaram ou os testemunharam (ALBERTI, 2004). Segundo a pesquisadora Verena Alberti, a História Oral é a

> possibilidade de reconstituir a história através de suas múltiplas versões; captar a lógica e o resultado da ação através do seu significado na linguagem do ator, ou seja, desvendar o jogo complexo das ideologias com a ajuda dos instrumentos que nos são oferecidos pela própria ideologia (ALBERTI, 2004, p.13).

Alguns pesquisadores, como Julia Matos e Adriana Senna (apud. JOUTARD, 1996, p.44), defendem que a "História Oral sempre esteve dividida em duas correntes: uma próxima das Ciências Políticas, voltada para as elites e os notáveis, e outra interessada nas populações ditas sem história, situada na fronteira da Antropologia".

Vale ressaltar que, no final do século passado, existiam duas tendências no desenvolvimento da utilização da história oral, a saber: a norte americana; que privilegiou a formação de bancos de depoimentos orais, laboratórios que se espalharam por todo mundo, sendo que no Brasil, universidades já aderiram a tal projeto, como por exemplo, o acervo disponível da Fundação Getúlio Vargas (FGV)[19]. Assim, o intuito dessas instituições é de produzir material, conservar e disponibilizar o acervo de entrevistas sob sua guarda para um possível uso no futuro. Já a vertente europeia, por sua vez, privilegiava a lógica de investigação científica, sem que as entrevistas dela resultantes fossem necessariamente colocadas à disposição de um público de pesquisadores, mas fossem utilizadas apenas para uma pesquisa específica na qual foi necessário realizar uma dada entrevista (ALBERTI, 2004, p. 20).

3.4 A história oral e sua importância no ofício do historiador

Trabalhar com História Oral exige do pesquisador um elevado respeito pelo outro, por suas opiniões; atitudes; posições; preferências religiosas e políticas. São todos esses elementos que tornam o entrevistado importante para o pesquisador. A visão de mundo do entrevistado norteia seu depoimento e imprime significado aos fatos e acontecimentos narrados por ele. Todo discurso é individual e particular de cada depoente, mas é constituído também de elementos construídos no coletivo, importantes para a compreensão da história de seu grupo social e de sua geração, ou seja, o meio em que o entrevistado vive. Muitas das vezes, até mesmo a ausência de elementos, por incrível que possa parecer, também é um vestígio importante.

No campo da História Oral, o historiador trabalha similarmente a um investigador. Entretanto, analisar um discurso não é tarefa fácil, conquistar confiança das pessoas para entrevistá-las com conforto também não, pois conseguir que os entrevistados fiquem a vontade para falar abertamente é um trabalho árduo. No exercício desta pesquisa, as entrevistas foram pensadas com o intuito de abarcar o público participante da Festa em sua pluralidade, a ideia era contemplar as diversas formas de olhar a Festa que poderiam ser extraídas. Inicialmente, percebemos que era apropriado entrevistar quem organiza a Festa, e

[19] Informações extraídas do site: https://cpdoc.fgv.br/acervo/historiaoral/base. *Acesso em* 20 de julho de 2020.

identificou-se que tal processo ocorria por três entidades: duas religiosas, sendo elas, a Província Franciscana e a Mitra Arquidiosana; e uma popular, a Associação dos Amigos do Convento da Penha. A partir das observações em campo, foram identificados como personagens importantes, um funcionário terceirizado, que trabalha na cantina do Convento há vinte anos; um turista que vai ao Convento por outros motivos que não estão associados à devoção e fé; um representante da Prefeitura de Vila Velha que estivesse inserido nas demandas que partem da Festa da Penha e alguém que fosse devoto e que por anos frequentasse a Festa também como expectador.

Outro ponto importante na realização de entrevistas diz respeito à escolha dos entrevistados, segundo Verena Alberti, "as escolhas dos entrevistados não deve ser predominantemente orientada por critérios quantitativos, por uma preocupação com amostragens, e sim a partir da posição do entrevistado no grupo, do significado de sua experiência" (ALBERTI, 2004, p.31). Nas entrevistas realizadas por mim, a escolha dos entrevistados, culminou nos seguintes critérios: o envolvimento afetivo com a Festa, representada pelos religiosos e católicos; olhares que fugiam da expectativa comum, como foi o caso do Sr Felisberto, uma pessoa que durante vinte anos participa da Festa a trabalho, mas que assiste a chegada do público que sobe as ladeiras do Convento, não só na semana de Festa, mas durante todos anos e que, inclusive, poderia nos apresentar uma análise comparativa: a relação institucional da Festa com outras esferas de poder e a experiência turística vivenciada durante a Festa. Mais adiante apresentarei cada entrevista e como foi o processo de entrevista com cada um dos entrevistados.

Outro fator a ser observado é que a contribuição da História Oral será cada vez maior na sociedade do futuro, na qual as fontes escritas tendem a perder terreno e as fontes orais vão se tornar cada vez mais confiáveis e fidedignas. Isso se deve, por um lado, ao avanço tecnológico e, por outro ao espaço que pessoas comuns estão ocupando onde contar as histórias dos heróis não é mais a prioridade, o momento histórico atual foca o olhar nas ditas minorias. Assim, qualquer indivíduo pode ter algo interessante para narrar sobre si mesmo e sobre o grupo a qual pertence.

A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui. Ela se impõe, assim, como primordial para compreensão e estudo do tempo presente, pois, somente por meio dela podemos conhecer os sonhos, anseios, crenças e lembranças do passado de pessoas anônimas, simples, sem nenhum *status* político ou econômico, mas que viveram os acontecimentos de sua época (MATOS, SENNA, 2011).

Um documento escrito, em geral, não transmite, por exemplo, emoções, embargos na voz motivados por ira, saudade e choro. Numa entrevista, é possível captar o envolvimento emocional da pessoa com o objeto de pesquisa. Além disso, muitas coisas que dizemos em uma entrevista não seriam ditas em um documento escrito. Esses fatores são importantes e vantajosos no trabalho com fonte oral.

3.5 A utilização da História Oral no caso da Festa da Penha

No estudo de caso que apresento no escopo deste trabalho, foi de suma importância entrevistar pessoas que participam e estejam envolvidas com a Festa da Penha. Apresentarei as entrevistas realizadas aqui, a princípio, não como fonte de análise, mas como parte da pesquisa, uma vez que também faz parte do trabalho do historiador a produção de fontes históricas. A Festa da Penha se revelou um tema muito complexo, uma vez que envolve públicos diferentes, por isso o interesse pela diversificação na hora de escolher os entrevistados.

Não é possível falar da Festa da Penha, tal qual ela funciona hoje, se não fosse a observação em campo e as entrevistas e conversas realizadas pelas ladeiras do Convento. Observar a semana de Festa e como ocorre a movimentação no Convento e arredores também foi importante, pois os lugares associados à Festa carregam os valores dela. A Festa se torna importante a partir das pessoas que a fazem existir e os lugares aos quais são atribuídos valores. No nosso entendimento, os tais lugares de memória.

3.6 As entrevistas

Para realização das entrevistas, foi solicitada aos entrevistados a autorização de utilização do áudio para fins de pesquisa, principalmente por uma questão de respeito aos entrevistados que são agentes importantes no processo de construção da pesquisa. Vale esclarecer que todos autorizaram previamente a reprodução da entrevista.

A escolha dos entrevistados foi pautada na busca de agentes que poderiam contribuir para conhecimento de outra visão da Festa, que não fosse somente a dos devotos que compõe o centro da Festa. Buscar-se-á, assim, identificar como a Festa é pensada e organizada pelas instituições responsáveis.

3.6.1 Entrevista número 01: O Centro de Documentação da Mitra arquidiocesana e a Festa da Penha.

A entrevistada número 01, Giovana Valfré, formada em Biblioteconomia, é responsável pela criação da Coordenação de Documentação (CEDOC) da Mitra. Atualmente é coordenadora do setor, no qual podemos encontrar documentos referente às rotinas administrativas das paróquias, e documentos antigos no que tange à trajetória da Igreja católica no estado do Espírito Santo. Giovana é também pesquisadora e tem um vasto conhecimento acerca da formação do catolicismo no Espírito Santo. Ela foi a principal idealizadora do projeto que culminou na organização e digitalização do acervo fotográfico da CEDOC, o qual possui fotografias da Festa da Penha da década de 1920 em diante. O intuito desta entrevista foi perceber como era feita a coleta de dados para compor o arquivo da CEDOC, qual a motivação em manter um acervo documental sobre a Festa, e como o Centro de Documentação se relaciona com a Festa da Penha.

No dia 17 de agosto de 2017, em comemoração ao dia do Patrimônio, ocorreu um evento organizado pelo Iphan - Superintendência do Espírito Santo, em que Giovana foi convidada a participar e apresentar seu trabalho realizado no acervo documental da Mitra. A partir desse evento, tomei conhecimento do trabalho em questão e o surgiu o interesse em conhecer um pouco mais sobre o trabalho realizado por ela.

Data do arquivo: 30 de Novembro de 2017
Duração: 42 min e 54 segundos
Entrevistadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistada 01: Giovana Valfré

Pesquisadora: *Bom dia, como já havia conversado com você por telefone, o meu interesse é em saber um pouco sobre o acervo que vocês possuem e como organizam esses documentos. Qual é a importância da CEDOC (Centro de Documentação) para a Mitra? E há quanto tempo você está trabalhando aqui?*

Entrevistada 01: *Eu trabalho na arquidiocese há trinta anos, mas o CEDOC é um projeto meu, quando ainda estava na faculdade, comecei a observar, trabalhando há muitos anos e tendo passado por vários setores e departamentos, que não existia um controle de*

documentos, não existia um local que pudesse guardar os documentos, não eram só documentos, eram documentos históricos que contavam a história desse lugar, dessa Igreja e consequentemente a história do povo capixaba, porque isso passa pela história da Igreja. Já que os livros de batismo e casamento antes da República eram os que contavam a vida das pessoas, não existia certidão de nascimento. Eu comecei a observar isso e elaborei um projeto e apresentei ao Dom Luiz e ele autorizou a dar início a esse projeto, conseguimos os recursos, construímos e reformamos toda a área, onde hoje está o CEDOC, e os documentos começaram a chegar. Os primeiros documentos já estavam aqui na Mitra, recolhemos estes, que estavam guardados, os históricos, em uma sala que recebia a luz do sol da tarde e tinha muita umidade no carpete, e, por esse motivo, muitos documentos foram perdidos. Descobrimos muitas fotografias, observamos que uma parte das fotografias estavam molhadas porque no início dos anos 2000, houve um problema com uma calha que molhou a sala e consequentemente, as fotografias. Justamente o acervo de Dom Luiz Scortegagna, então removemos os documentos e fotografias para o espaço atual do CEDOC. Houve a necessidade de organizar as fotografias, imaginávamos que o acervo fotográfico possuía em torno de três mil fotografias, chamamos uma bibliotecária especialista em fotos, e ela confirmou que a média era essa; fizemos um projeto para a SECULT, para organizar, higienizar e separar esse material, criando um catálogo. O projeto foi aprovado, e o primeiro recurso para trabalhar com fotografia foi de R$30.000,00 (trinta mil reais). Convidamos um grupo de profissionais e estudantes das diversas áreas: Design, Biblioteconomia, Arquivologia, para trabalhar com essa documentação. Com o trabalho em desenvolvimento, descobrimos uma quantidade muito maior de fotografias, em torno de doze mil fotografias, dessas, digitalizamos seis mil fotografias, que estão no acervo.

Percebemos que possuíamos um grande problema: tínhamos um volume muito grande de fotografias, mas não sabíamos a história daquelas fotografias, não sabíamos o que tinha naquela foto, ou quem eram aquelas pessoas, muita coisa, ao longo do tempo. Até o próprio Dom Geraldo, que foi um seminarista, depois padre, e consequentemente se tornou bispo, sendo posteriormente transferido para Mariana (MG), se tornando presidente da CNBB, ele em seu tempo aqui, escrevia atrás das fotos, informações que só possuíamos por essa razão.

Tínhamos um padre Cônego Mauricio de Matos Pereira, ele morreu com mais de cinquenta anos de vida religiosa, e conhecia muitas coisas, o que contribuiu muito com o projeto de identificação das fotografias, mas muita coisa infelizmente nós não conseguimos identificar. Fomos separando, fazendo trabalhos de pesquisas, por exemplo, em uma foto, a

paisagem era o Convento na parte de trás, com uma faixa falando sobre o tema de uma campanha da fraternidade, procuramos o ano que daquele lema, e descobrimos a data aproximada da foto. Um verdadeiro trabalho de investigação, claro, que muitas informações foram perdidas; eu tenho muita experiência com a Igreja, com diversos setores dela, participo e trabalho há muitos anos, mas muitos do grupo da pesquisa não possuíam essa vivência, essa história, e passaram por cima de muitos documentos.

Depois da higienização, começamos a separar, criamos um acervo para Dom João Baptista Corrêa Nery, o primeiro bispo; o segundo bispo Dom Fernando de Souza Monteiro; o terceiro bispo Dom Benedicto Paulo Alves de Sousa; o quarto bispo Dom Luiz Scortegagna; o quinto bispo Dom José Joaquim Gonçalves; o sexto bispo Dom João Batista da Mota e Alburquerque e o sétimo bispo Dom Silvestre Luiz Scandian, mas o acervo de Dom Silvestre Luiz Scandian ainda não está com o CEDOC, está com a sua equipe, pois ele ainda está atuando. Temos poucos documentos dele, os mais antigos já estão guardados no CEDOC, mas não são públicos, documentos da vida dele, ordenação, família.

Compramos papel neutro, para acondicionar a fotografia, presa com filme de poliéster, quando pegamos a foto no arquivo, não temos contato com ela, mas ela tem um número em sua parte de trás, e um código no próprio papel, exemplo, Dom João Batista Correa Nery, é identificado como JBN, Dom Fernando de Souza Monteiro, como FSM, Dom Luiz Scortegagna, como LCS, então, criamos os códigos e numerações para cada fotografia, de maneira que, se acontecer de alguém reconhecer que possui um item do nosso acervo, que por ventura tenha ficado guardado, em um setor, escondido em uma gaveta, temos como incluir essas fotografias no acervo sem nenhum problema, sem alterar nada, apenas incluir.

Nesse trabalho, o primeiro momento foi de divisão, separação, houve um segundo projeto, que foi a digitalização; utilizamos um scanner profissional, grande, uma vez que as fotografias possuíam diversos tamanhos, e esse acervo é o que os pesquisadores acessam aqui.

Pesquisadora: *Esse primeiro projeto foi apenas para organização, catalogação e higienização? Isso foi em qual período?*

Entrevistada 01: *Em 2012. Fizemos uma limpeza com pincel de cerdas naturais e com pó de borracha. Claro que temos fotos furadas, rasgadas, fotos perdidas e que mantivemos, apenas porque tem alguma informação, mas não tivemos como restaurar a fotografia. Isso não conseguimos fazer aqui; acondicionamos as fotos em arquivos de aço, separados por cada bispo, como informei no início. Esse acervo, além de servir para*

pesquisa é utilizado todo mês, como material para uma coluna na Revista Vitória, chamada Arquivo e Memória, buscamos sempre inserir uma imagem que conta um pouco da história [Nesse momento a entrevistada mostra para a pesquisadora, um exemplar da revista], as fotos são belíssimas, tudo que encontramos são fotografias que foram guardadas ao longo do tempo, com vários fotógrafos famosos de Vitória.

Pesquisadora: *Era justamente o que eu ia te pergunta: se eram fotos tiradas apenas pela Igreja ou se houve doação de outros fotógrafos?*

Entrevistada 01: *Não, teve doação, quem tem mais fotografias é Dom Silvestre Luiz Scandian, logicamente e Dom João Batista da Mota e Alburquerque, ele era fotogênico e amava ser fotografado [risos], e o período dele foi durante o milagre econômico no Espírito Santo: industrialização, crescimento econômico do estado, então ele apareceu em várias inaugurações de prédios enormes, como os primeiros prédios grandes do Centro de Vitória, inauguração da luz elétrica na praça Costa Pereira; do Porto de Tubarão. Então ele está presente dentro do contexto. Antes do Concílio Vaticano II, que é um marco na Igreja do mundo, ele era um bispo muito pomposo, andava com os paramentos bordados a ouro, era gordinho, vindo de uma família nobre do sul do Brasil, estudioso de música, erudito. E, quando acontece o Concílio Vaticano II, percebe-se nas fotografias, que ele se transforma em um outro Dom João, no Concílio ele faz o pacto das catacumbas e, nesse pacto, ele promete ser pobre como os pobres, ele retira aquelas roupas, tira o nome, que era João Baptista Motta, ele tira o "p" do Baptista e o segundo "t" do Motta, começa a ser mais simples e volta a Igreja mais para os pobres e percebemos também a mudança nas fotografias dele, ele é quem possui mais fotografias, são 1.700 (mil e setecentas) fotografias dele.*

Pesquisadora: *Qual é o período dele?*

Entrevistada 01: *1957 ele passa a ser o sexto bispo do Espírito Santo, 1958 o Papa cria a Arquidiocese de Vitória e ele se torna o primeiro Arcebispo da Arquidiocese de Vitória, permanecendo até 1984, quando faleceu, em 27 de abril de 1984.*

Pesquisadora: *Nossa, que memória boa.*

Entrevistada 01: *Quando você trabalha direto com isso sim. Dom Silvestre já era seu Arcebispo coadjutor, veio para Vitória com esse título, quando ele faleceu, imediatamente, Dom Silvestre assume a arquidiocese e ficou vinte anos, até o ano 2004; de 1984 a 2004, quando ele saiu depois do atentado que ele sofreu, ele pediu a renúncia do cargo ao Papa.*

O menor acervo que temos é o de Dom Nery, pois fotografias, nos anos de 1895 a 1901, eram caríssimas. O Espírito Santo sempre foi muito atrasado em relação a muitas

coisas, então não temos praticamente nenhuma fotografia dele, com exceção das fotos oficiais dele, e algumas fotos de foto. Dom Fernando ainda tem um acervo um pouco mais interessante, por exemplo, a Vila de Iconha, em seu inicio. Dom Benedito já possui maior quantidade, se não me engano, tem vinte e sete fotografias. Dom Scortegagna tem mais de quatrocentas fotografias, muito interessante, fotos da década de 50, pois ele foi bispo de 1933 a 1950, quando faleceu, na década de 1940 a diocese de Vitória fez cinquenta anos, e ele realizou no centro de Vitória, um Congresso Eucarístico Diocesano, imagina ver as fotos belíssimas desse evento parando toda Vitória, tudo parado, uma maquete do Convento da Penha em plena Praça Oito, gigante, bispos chegando de todos os lados, autoridades civis, religiosas eclesiásticas, alguns apostólicos, e tudo isso foi vivido aqui, e existe a fotografia, ele fez um acervo belíssimo deste momento, que chamamos de Congresso Diocesano, foi 1945. Então Dom Scortegagna tem um acervo bem bacana. Após ele ficar aqui por cinco anos. Dom José Joaquim Gonçalves, veio, e começou a organizar, a diocese, para criar a arquidiocese, ele fez esse pedido ao Papa, porque tinha de dividir o interior, uma vez que não era possível, mesmo com missionários dar conta dos fiéis do interior, atender a Igreja de lá, por isso ele pediu para dividir a diocese do Espirito Santo, e organizar tudo, ficou por cinco anos, ele tem um acervo muito pequeno, ele deu posse ao cabido diocesano, que é o conselho presbiteral, temos as fotos do cabido, muito bonitas. Quando ele foi embora, chegou o Dom João Batista da Mota e Albuquerque, que veio do Rio de Janeiro, ele era Monsenhor no Altero da Glória, reitor do seminário São José do Rio de Janeiro, e veio como sexto bispo e, logo em seguida, passou a ser o primeiro arcebispo da Arquidiocese de Vitória, tendo um acervo belíssimo. Dom Silvestre já chegou no boom da fotografia.

Dom Luiz é muito pior, porque é no boom da fotografia digital, aí imagina o que significa, tenho até medo quando vier para cá, porque, como organizar, pois eu não sei como eles guardam, como catalogam todo o material, porque do contrário, será muito difícil achar.

Então, Dom Silvestre chegou, tendo seis mil fotografias, tendo fotografias de vários momentos, é possível visualizar ele fazendo visita pastoral no bairro São Pedro, quando eram apenas palafitas, no meio do lixo, você consegue perceber o crescimento da cidade nessas fotografias, vamos acompanhando como a Igreja mudou, como as pessoas mudaram e como a cidade mudou. A Igreja mudou, os bispos mudaram, é uma outra Igreja, totalmente diferente daquela Igreja clerical, do início, de Dom Nery, vamos vendo a beleza da Igreja mais popular nos outros bispos.

Dom Luiz é um acervo que ainda não dá para falar, o acervo ainda é pessoal, está

dentro da secretaria dele, ainda não tivemos acesso.

De Dom Silvestre, o que veio para nós, é um acervo muito bacana, temos fotos dele novo, menino, com os pais, com os irmãos, fotos bonitas.

Pesquisadora: *Interessante. Eu participei do seminário organizado pelo IPHAN no dia do Patrimônio do ano passado. Eu lembro que você comentou sobre, aliás, na sua apresentação, você levou uma fotografia e expôs da Festa da Penha. Acho que uma delas era uma das mais antigas, se não a mais antiga que vocês têm registros aqui.*

Entrevistada 01: *É uma que estão os policiais*

Pesquisadora: *É uma Romaria, eu acho.*

Entrevistada 01: *É a Romaria dos Homens, acho que a primeira.*

Pesquisadora: *Que é nas Cinco Pontes, se não me engano.*

Entrevistada 01: *Isso, a primeira Romaria a partir de Dom João, porque ele retomou a Romaria, transformou a Romaria em dos homens, não deixando as mulheres participar, ele incentivava e participava das Romarias, já existiam Romarias, mas sem dúvidas essa de 59 é um marco.*

Pesquisadora: *Que interessante, por que ela já existia, mas não era chamada de Romaria dos Homens?*

Entrevistada 01: *Não era chamada de Romaria dos Homens não, era apenas motivada, ele motivou a Romaria. Quem vai falar bem das Romarias é o Carniele que fala das Romarias, a história do Convento ao longo dessa devoção popular*[20].

Pesquisadora: V*ocê consegue me dizer em qual período, de qual bispo, vocês identificaram mais fotografias da Festa da Penha?*

Entrevistada 01: *Dom João, primeiro porque ele assumiu a Festa da Penha, ele era Mariano, assumiu como se fosse dele, tomou conta da festa. Quando acabava a Páscoa, no dia da Páscoa à tarde começava o Oitavário, ele se mudava para o Convento da Penha e só saia de lá, quando acabava a festa, ele saia acabado, já saia de férias para descansar, mas ele ficava durante todo o tempo na Festa da Penha, lá no Convento, participando de tudo, vivenciando todos os momentos.*

Pesquisadora: *E essa relação, por exemplo, hoje eu vejo que a organização da festa é feita tanto pela Mitra, quanto pelos Franciscanos, quanto pela Associação dos amigos do Convento, fico me perguntando como era essa relação, sempre foi assim? Ou existia um momento em que a Mitra era a principal organizadora e os Franciscanos não participavam,*

[20] Não foi possível realizar entrevista com o referido Padre, uma vez que não consegui localizá-lo.

você sabe?

Entrevistada 01: *Não sei dizer. Eu acho que durante muito tempo, os Franciscanos faziam essa festa, até Dom João*[21] *chegar e começar a se meter, de maneira até fazer a sua mudança para o Convento, coordenando toda a Festa da Penha, depois a Arquidiocese entrou em alguns momentos da festa, como por exemplo, na missa das pastorais sociais, que é uma missa que acontece no domingo de manhã e na segunda de manhã, acontecendo até hoje, se não me engano, e missa da Romaria, que era a missa da pastoral operária, quem preparava tudo.*

Pesquisadora: *Entendi, aí tinha as participações.*

Entrevistada 01: *Isso, fora isso não tinha Festa da Penha afinal, não tinha essa grande participação da Arquidiocese, depois a Arquidiocese começou a participar, até porque nos grandes eventos, onde estão os bispos, têm liturgia; o grupo de liturgia; a liturgia oficial da Arquidiocese; a arquidiocese começou a preparar e organizar tudo, mas isso eu acho que não é daquele tempo.*

Pesquisadora: *Entendi*

Entrevistada 01: *Era Dom João que fazia mesmo as coisas e preparava do jeito dele, com ajuda de uma ou outra pessoa. E em muitos dos casos do Convento.*

Pesquisadora: *Entendi. E você chegou aqui antes dessa organização do acervo?*

Entrevistada 01: *Sim.*

Pesquisadora: *Desse acervo fotográfico que vocês têm aqui. Você já trabalhava aqui? Não existia esse setor, você trabalhava em outro setor?*

Entrevistada 01: *Não. Cheguei para trabalhar aqui em 1987, na livraria popular da Arquidiocese, que era um setor que chamamos de setor de distribuição de material, então, todo material da arquidiocese saia desse setor, era separado e entregue. Era um setor com uma carência muito grande de organização, e eu cheguei para organizar e dar um atendimento melhor para as comunidades, não eram só os padres que vinham, as comunidades também vinham pegar os livrinhos, as caminhas, os folhetinhos. De lá, fui para o setor de comunicação, em que fiquei um tempo fazendo a Santa Missa em seu Lar, produzindo. Da comunicação, voltei para a secretaria da Mitra, diretamente ao atendimento ao Padre "Aerola", na época, fazendo a parte de secretaria, de lá fui para a comissão Justiça e Paz, onde fiquei por onze anos, é uma instituição da Igreja ligada aos direitos humanos, e de lá, eu vim pra cá. Nesse meio tempo, ainda passei pela secretaria da Cúria, na secretaria*

[21] Dom João atuou como Bispo do Estado entre os anos de 1957 a 1984.

da Cúria, acabou que eu participei de vários momentos. Quando eu era da livraria, ela era ligada ao departamento pastoral, então a parte da pastoral, e fora que eu sempre fui atuante na paróquia, então tenho essa vivência pastoral também.

Depois quando trabalhei na Cúria, eu tive muito contato com a documentação de paróquia da Cúria, processos de casamentos, solicitações de impedimento matrimonial, todo aquele processo que passa pela Cúria dos casamentos, e outras questões, que eu participei, então eu tinha bastante ligação com essa documentação.

Pesquisadora: *Entendi. Então a Cúria ela é só responsável, só por essa relação dos documentos?*

Entrevistada 01: *Por isso aqui tudo.*

Pesquisadora: *Eu queria entender qual a diferença da Cúria para a Mitra?*

Entrevistada 01: *Mitra é a entidade jurídica, é a Mitra que assina a minha carteira de trabalho, que responde civilmente pela Igreja, qualquer processo que for responder, a Mitra Arquidiocesana é o nome oficial de qualquer paróquia, nome jurídico. Qualquer paróquia vai se chamar Mitra Arquidiocesana de Vitória, cada um tem seu CNPJ separado, ligado aqui, mas cada uma é Mitra Arquidiocesana de Vitória. Então, nenhuma Igreja é dona de si mesma, tudo pertence à Mitra Arquidiocesana de Vitória.*

Pesquisadora: *A Cúria é como se fosse um nome fantasia?*

Entrevistada 01: *A Cúria é o lugar oficial onde o bispo dá atendimento e governa a Igreja de Vitória, com vários departamentos: a Mitra Arquidiocesana de Vitória, que é a parte jurídica, que cuida dos funcionários, paga os salários, o departamento pastoral, o tribunal interdiocesano, com as questões jurídicas, leis da Igreja, direitos canônicos e Caritas Arquidiocesana, que é o braço social da Igreja. Entendeu? Então a Cúria é isso tudo. Então quando eu falo secretariando a Cúria, é secretariando diretamente com os bispos, do setor onde o bispo trabalha.*

Juridicamente é Mitra, agora Cúria Metropolitana é o local. Por exemplo: quando chamam, vamos lá na arquidiocese, já falei muito isso, antigamente, minha mãe, quando vinha, falava: eu vou lá na pastoral depois. A pastoral era isso aqui. Ou assim: Vou lá na arquidiocese, a arquidiocese é um território imenso, com quinze municípios, mil comunidades, oitenta e tantas paroquias, então, você não vai na arquidiocese.

Pesquisadora: *Entendi.*

Entrevistada 01: *Então, é tudo aqui, atender a esses setores todos.*

Pesquisadora: *Fazem parte.*

Entrevistada 01: *Então, estou no meio de todo mundo.*

Pesquisadora: *É.*

Entrevistada 01: *Então, estou ligada diretamente à chancelaria da Cúria. O chancelar da Cúria é ele quem responde sobre a documentação.*

Pesquisadora: *Você me disse que o trabalho que executaram aqui, foi em decorrência da sua formação, você se formou em que?*

Entrevistada 01: *Biblioteconomia.*

Pesquisadora: *Por isso que despertou esse interesse em cuidar desse material?*

Entrevistada 01: *É. Eu estava fazendo a disciplina de conservação e preservação e aquilo me chamou muita atenção, a questão da qualidade do papel, da guarda, da conservação e vi que aqui a situação estava calamitosa. Então do projeto inicial, fotografei, informei como tudo estava, chamou muito a atenção porque estava em uma situação muito difícil. Até porque, padre não é arquivista, não é bibliotecário, não tem essa formação, mas ele que tem o poder, ele que determina, ele que pode, ele que tem acesso a todos os arquivos. Então, foi difícil, até quando começamos, tínhamos todos os documentos, mas ninguém queria os entregar aqui, tínhamos só os livros, alguns quase destruídos. Então eu comecei a perceber, que eles chegavam aqui nesse estado, porque a paroquia não é arquivo. A paroquia, muitas vezes, é um local insalubre para os livros, porque ela tem muita madeira, guardavam-se os livros em armário de madeira, alguns até com cupim.*

Pesquisadora: *Armários de ferro?*

Entrevistada 01: *De ferro pode, mas tem que ser de aço, por causa da ferrugem. O que eles faziam: O livro estava rasgando, eles mesmos consertavam, colocavam papel contact, aí tinha livro rosa, vermelho, verde, amarelo. Um dia eu abri um livro, tinha um pedaço de pão dentro, em outro livro, tinham desenhado uma casinha e uma florzinha no registro de batismo, deve ser algum secretário que leva o filho para o trabalho; livro sujo, de alguma coisa que caiu, estavam certamente comendo e preenchendo o batismo; manchas de café em cima. Começamos a orientar, fazendo cursos, o primeiro era curso de arquivo para secretários, depois surgiram outras demandas, o que hoje é um curso de um dia inteiro que fala de arquivo, mas não somente de arquivo.*

Pesquisadora: *Entendi. Então vocês fazem os cursos também com as comunidades, com as paróquias.*

Entrevistada 01: *Com os secretários paroquiais, com todos os secretários, todos os anos, fizemos o décimo primeiro esse ano.*

Pesquisadora: *Interessante. Porque percebemos o sentimento da pessoa com aquele material, de entregar, a importância, a relação afetiva das pessoas.*

Entrevistada 01: *Dom Mauricio, quando era vigário geral, fez uma carta solicitando, que mandassem pra cá, os registros dos últimos vinte e cinco anos dos batismos e os últimos cinquenta anos de livros de tombo. Muitos padres não entregaram, porque a Cúria não cuidava de nada, desaparecia com tudo, ou falavam que não iam entregar, então não entregavam. Hoje ainda tem uma ressalva, de que quando os documentos vêm para cá, eles estão na paroquia, se você precisar do seu registro de batismo, eles não vão te cobrar nada, geralmente não cobram, Vila Velha acho que cobra, está cobrando até mais caro que nós. Quando ele vem pra cá, temos todo um custo, pra manter funcionário, pra limpar esse livro, para monitorar esse livro, monitorar o arquivo, fazer toda a demanda: que é chegar, fazer o inventário desse documento, fotografar esse documento, colocar no acervo. Então temos um custo, fazer essas certidões, principalmente, as certidões para cidadania italiana, porque as pessoas pagam muito dinheiro pra fazer a cidadania e não queriam pagar aqui R$10,00 (dez reais), R$ 15,00 (quinze reais) na certidão, antigamente, considerando que hoje o custo é de R$100,00 (cem reais) que é o modelo que usamos. Mas infelizmente é caro, realmente você manter, de você procurar, emitir certidão.*

Pesquisadora: *No fim das contas, é um valor simbólico, para manter tudo funcionando e a facilidade, de você chegar, porque hoje você tem o arquivo organizado, é muito mais fácil de você localizar esse arquivo, do que se tivesse tudo amontoado.*

Entrevistada 01: *Sim, e sujo. Tinham professores que entravam aqui, porque eles permitiam, entravam, fotografavam tudo. Como não tinha norma, permitia hoje, aí amanhã esqueciam, e não permitiam a entrada, e os professores não podiam continuar a sua pesquisa, então era desse jeito. Era muito difícil, então, criamos normas e critérios para poder pesquisar, não pode fotografar, para proteger. O livro era levado de cabo a rabo, tanto que muita coisa sumiu, muita coisa desapareceu, muita coisa foi arrancada, rabiscada, isso tudo por predador humano mesmo e também porque não tinham um controle, a pessoa ficava sozinha no arquivo, fazendo o que queria, um calor miserável, poeira por todo quanto é lado, já pensou? Quantas vezes eu fui lá e me deparei com muita gente, muitos alunos da UFES. Depois criamos normas, e a professora queria colocar todas as fotografias no site, e aqui não fazemos isso porque não temos autorização da Santa Sé para fazer, para colocar os livros todos assim.*

Tá vendo aqui, é Dom Geraldo [a entrevistada mostra fotografias para a pesquisadora].

Essa não é muito antiga, de 1987, que é Dom Geraldo aqui e a visita da imagem de Nossa Senhora da Penha, quando ela faz uma peregrinação pelas paróquias aqui da arquidiocese.

Pesquisadora: *Eu vou olhar então, para ver os outros exemplares de outros meses. Interessante. Porque pode divulgar muitas pessoas não sabem o acervo que vocês têm.*

Entrevistada 01: *Não sabem, algumas pessoas dizem que quando recebe a revista, primeira coisa que se vê é o arquivo e memória, as pessoas tem paixão por foto antiga. Já coloquei na revista foto antiga, já coloquei pedaço de um livro, que o imperador batizou uma criança no Espírito Santo e está registrado no livro, foram padrinhos, tem o nome da pessoa e sua Majestade Dom Pedro II, no batismo da menina, fizemos um recorte e publicaram isso, dizendo que o imperador passou por aqui e batizou uma criança em Domingos Martins.*

Pesquisadora: *Não era como é hoje, esquecemos como as coisas eram difíceis.*

Entrevistada 01: *Pra você ver, de Dom Nery, não temos fotos dele, só a foto oficial, mas naquele tempo, nem máquina fotográfica não tinha, fotógrafo era caro, era um especialista, uma pessoa que fazia.*

Pesquisadora: *E esse acervo, hoje em dia, vocês recebem muita gente em busca das fotografias?*

Entrevistada 01: *Das fotografias menos, mas em busca de documentos de cidadania, todo dia. Chega gente pedindo certidão, não só para cidadania, mas certidões para casamento, para ser padrinho de batismo, de criança, para comprovar que você é crismado e batizado, eles solicitam e emitimos. Fazer pesquisa para pós-graduação em Maria, Nossa Senhora, do Convento da Penha, de pesquisador, tem uma doutoranda pesquisando sobre a Igreja de Santa Luzia, ela vem aqui pesquisar. Tem vários, que vamos acompanhando ao longo do tempo, estudantes, geralmente mestrando e doutorando, pouco ou alguma coisa de graduação.*

Pesquisadora: *E vem turmas, aqui?*

Entrevistada 01: *Vem, geralmente o primeiro período de Arquivologia, todo ano, vem pra ver como é o trabalho. Até ontem, eu publiquei uma foto, no descarte dos documentos contábeis, de 2009, que descartamos agora; no ato de descarte, picotamos, então vira uma montanha de papel, pois são mil e tantas comunidades, oitenta e cinco paróquias, aquele mundo de papel, nisso tirei uma foto. Nisso, alguma professora da UFES me mandou mensagem, se eu poderia ir lá falar sobre essa experiência para os alunos dela. Então é muito legal.*

Pesquisadora: *Essa troca né, ou eles vêm.*

Entrevistada 01: *Ano passado, naquela feira de profissões, foi a primeira vez que eu fui na feira, me convidaram para falar da minha experiência aqui, como profissional da área.*

Pesquisadora: *Que interessante. Eu te agradeço muito pela sua atenção, vou voltar aqui outras vezes, porque a pesquisa só está no começo, tem muita coisa pela frente. Então eu te agradeço, e por último, eu queria te pedir, se você me autoriza a usar algumas informações que temos conversado aqui na minha pesquisa?*

Entrevistada 01: *Sim, claro.*

Entrevistada 01: *Só mais uma coisa. Quando fomos fazer a pesquisa histórica dos cinquenta anos da arquidiocese, fomos na Casa Maio, que fica perto do shopping, logo depois da Praça do Papa, um cerimonial, lá no cerimonial ele só tem fotos e pinturas do Convento da Penha, todo enfeitado, tudo que se refere ao Convento da Penha. Muito legal.*

3.6.2 Entrevista número 02: A organização das Romarias na Festa de Nossa Senhora da Penha.

A entrevistada número 02, Ana Maria, também é funcionária da Mitra Arquidiocesana há dez anos. A indicação para entrevistá-la partiu da entrevistada número 01, Giovana Valfré que, ao finalizar a entrevista, mencionou a ser uma das pessoas da Mitra que está mais envolvida com a Festa no que tange à sua organização, portanto, para entender a Festa, considerou - se importante entrevistá-la.

Em seu trabalho diário, lida diretamente com as pastorais distribuídas nas dioceses do estado do Espírito Santo. Durante a Festa da Penha, ela auxilia na organização como um todo. É uma das principais personagens responsáveis pelas reuniões para estabelecer a programação da Festa e também por fazer a articulação das Romarias, que ocorrem no transcurso da festa.

Data do arquivo: 30 de Novembro de 2017
Duração: 25 min
Entrevistadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistada: Ana Maria Lemos

Pesquisadora: *Bom dia, a senhora me autoriza a gravação dessa entrevista para a pesquisa conforme expliquei a senhora?*

Entrevistada 02: *Com certeza, claro.*

Pesquisadora: *Então, como eu havia te informado a minha pesquisa é sobre a Festa da Penha, né? Eu tenho buscado alguns parceiros para a gente construir essa narrativa sobre a festa porque já tem um tempo que eu tenho pesquisado e identificado que não tem muitas fontes escritas e o que identifico são mais informações transmitidas oralmente. E aí, eu queria saber de você há quanto tempo você trabalha aqui na Mitra, há quanto tempo você trabalha com a Festa da Penha?*

Entrevistada 02: *Em primeiro lugar, eu quero agradecer o seu interesse em pesquisar a história da Festa da Penha, porque é bem verdade o que você diz, ela tem uma tradição oral muito forte, o que fez a festa se manter, né? Então é legal a gente resgatar essa história, essa memória, alguma coisa para um futuro próximo aí. Eu trabalho aqui na arquidiocese já há nove anos, então há nove anos que eu colaboro mais como funcionária na Festa da Penha, porque nos outros anos, nos anteriores, eu era apenas uma voluntária. Desde que entrei aqui, a gente tem criado e tem crescido o número de pessoas para organizar a Festa, crescemos junto com o crescimento da Festa. Muito mais do que há nove anos e esse ano ela tem crescido um pouco mais.*

Como ela é composta: a Festa da Penha é preparada por três instituições importantes, são elas a Província Franciscana, a Mitra Arquidiocesana e a Associação dos Amigos do Convento da Penha que também desempenham um papel importante na manutenção do Convento. Agora, os verdadeiros protagonistas da Festa são os voluntários, eles que realmente fazem a Festa acontecer, essas instituições somente articulam, também reunir um grande número de pessoas para pensar as coisas não dá certo, né? Por ser uma festa muito grande precisa ter essa articulação. Atualmente a gente tem uma média de aproximadamente quinhentos voluntários, só o Convento da Penha tem duzentos, e a gente movimenta outros; tem a corrente da Penha, as lideranças das Romarias, então, em termos pastorais, a história vai longe porque é muita gente envolvida. Então não dá pra dizer que eles não organizam, porque eles organizam sim, de uma certa forma bem de perto, fora a participação também, que é uma coisa bem grandiosa. Por exemplo, para a festa de 2018, nós já começamos a nos reunir, desde setembro que tivemos as primeiras reuniões, em agosto nós fizemos uma avaliação para sentir o que a precisava mudar, interferir, e, a partir de setembro, nós começamos nossas reuniões regulares, pensando também em tudo que é preciso para infraestrutura. Isto é uma coisa que preocupa, né? Porque assim como a festa é na nossa casa, a gente tem de deixar tudo arrumadinho, então precisa ter uma infraestrutura de palco, funcionamento, patrocinadores para que a gente possa investir, agora, é uma festa que

não é muito cara não, porque é um momento de muitas doações de diversos setores empresariais, sempre encontramos muita abertura, muitos parceiros, mas mesmo assim a gente carece de recursos para fazer, né? E então isso já vem sendo organizado. Nessa festa, a gente mexe não só com a estrutura dos patrocinadores da festa, mas a gente mexe também com a estrutura do funcionamento das cidades, então é preciso uma parceria com os municípios. Vamos até os municípios, um dos mais envolvidos é o de Vila Velha, né? Temos as Romarias que saem daqui de Vitória e acaba que precisamos também que ter um pacto com eles, tem a questão do policiamento, do trânsito, e sempre a temos tido muito apoio, parece assim que essa potência religiosa que o povo capixaba tem se torna fica muito evidente nessa festa, encontra-se muito boa vontade das pessoas em participar. Então essa é a estrutura maior.

Pesquisadora: *E é impressionante, porque eu vejo que a Romaria dos Homens, por exemplo, a principal sai aqui da catedral, mas existem várias ramificações, se observarmos a lindemberg*[22] *tem muitas pessoas de fora desse percurso oficial, como isso funciona?*

Entrevistada 02: *se você pegar o acervo fotográfico das primeiras Romarias dos Homens, que está completando 60 anos este ano, aquilo sim era o que a gente podia chamar de Romaria, a gente sabia onde começava e onde terminava e o percurso era aqui. Hoje, em dia como a Festa cresceu demais, não tem como controlar isso, então consideramos Romaria também os vários lugares de onde as pessoas saem, os grupos de organizam com trios elétricos, vem a pé, tem gente que vem da Serra, tem um grupo de Guarapari imenso que vem também caminhando, então a Romaria para eles tem outro percurso. Então, na verdade, temos a Romaria oficial que sai da Catedral, mas contamos com essas outras, aí fica até difícil medir quantas pessoas participam, a gente não tem assim, nem potência [pausa] para medir, por exemplo, se você olhar na extensão da segunda ponte, que é o lugar que concentra mais romeiro, você vê um mar de pessoas que é impossível de contabilizar, então a gente conta com isso na Festa também, com adaptações que os tempos modernos trazem para nós. Há algum tempo era impensado que a Romaria poderia começar em Guarapari, hoje começa, até nisso, nessa organização temos que estar sempre atentos a essas mudanças. Então, por exemplo, outra questão importante é a Romaria dos Motociclistas, no ano passado nós tivemos cerca de mil motos, isso é muita moto no eixo viário e, infelizmente, nem todos no espírito da Romaria, então a gente teve algumas dificuldades de controle, então esse ano nós*

[22] Rodovia Carlos Lindemberg, refere-se a uma das principais Rodovias no município de Vila Velha, durante a Romaria dos Homens é fechada e usada apenas para peregrinação dos romeiros.

estamos tentando fazer somente a benção dos capacetes, [pausa para atender um padre que aparece para cumprimentá-la].

Pesquisadora: *você estava falando sobre a Romaria dos Motociclistas...*

Entrevistada 02: *pois é, como aumentou muito o fluxo nesse ano estamos sugerindo que não desçam a Romaria e venham só para a benção dos capacetes, isso também vai ser conversado, e pensado para que a Romaria possa ter o caráter que ela tem, que é uma caminhada em busca de algo maior, e isso precisa ser feito com uma mínima qualidade, não pode impactar tanto a cidade assim a ponto de acabar perdendo a finalidade.*

Pesquisadora: *Aproveitando que você falou da mudança dessa Romaria, me fala um pouco das mudanças que ocorreram nas outras Romarias?*

Entrevistada 02: *Luciane, todas as Romarias cresceram muito, a das mulheres, por exemplo, é super curta, são só dois quilômetros, mas hoje em dia você vê gente que fica pela rua esperando a Romaria passar, essas pessoas não caminham do comecinho, mas às vezes pegam a Romaria no caminho e continuam seguindo, ou nem vem só ficam na estrada para ver a Romaria passar, isso é muito comum. Só que, assim, a tradição delas saírem, é isso que eu queria dizer, que mesmo com o crescimento se mantém a tradição, e isso faz também que ela perdure por tantos anos, e a tradição é sair do santuário. Antes vinha com um carro de som só, que puxava a Romaria, agora não, isso eu estou falando de dez anos atrás, agora é preciso mais de um trio, para dar conta de acompanhar toda Romaria, se não também fica sem sonorização, isso vem pedindo da gente outras providências e tudo no sentido de crescer, que é maravilhoso para nós de ver que é um momento muito intenso.*

Pesquisadora: *Entendi. E Você havia dito para mim que antes de você começar a trabalhar aqui, porque você trabalha aqui há nove anos, você já ajudava como voluntária, você tem uma ideia de quanto tempo isso?*

Entrevistada 02: *eu acho que anteriormente, uns dez anos eu trabalhei como voluntária, eu não fui assim, uma voluntária do Convento, porque hoje em dia tem os grupos de voluntários do Convento estabelecidos, mas o nosso voluntariado era assim, preparar os terços das Romarias, cantar, animar, era mais de participação de povo, mas todo ano a gente estava lá, então já tem uns vinte anos que eu estou envolvida com a Festa.*

Pesquisadora: *E, nesse tempo, você tem visto mudanças positivas e negativas como você já ressaltou, o que você acha que ainda é empecilho para a Festa ocorrer ou algo que sempre traz dificuldade na organização.*

Entrevistada 02: *eu acho que o saldo é extremamente positivo, quando a gente*

aponta algo negativo é mais pela necessidade de adequação da nossa parte, do que algo que impeça a Festa de acontecer, por exemplo, eu relatei o caso das motos que é um problema que estamos tendo de lidar hoje, mas se pensar direito é porque mais pessoas querem estar lá, mais pessoas estão nos procurando, então até o que é um problema, não é só um problema para nós. A gente que tem de estar se reformulando para atender a todos que procuram.

Pesquisadora: *E como surgem essas Romarias dentro da Festa?*

Entrevistada 02: *Você me fez uma pergunta interessante, muitas eu não sei te falar, algumas surgem por conta própria, um grupo começa a vir, esse grupo vai aumentando, ai a gente vê que precisa de uma atenção, procuramos, como no caso dos motociclistas o sindicato que organiza para negociar a rota, horário, como isso vai entrar na programação da Festa. Começamos a negociar com os vigilantes, com o poder público, que fornece para a gente toda segurança e fomos tomando medidas. Então eu chamo isso não de um empecilho, mas desafios para nós entendermos melhor o nosso tempo e nosso povo, a cada ano a gente busca mais policiamento e segurança para tornar a Festa bem segura para que ninguém deixe de participar por causa de medo. Na Romaria dos Homens que é mais extensa já tem uns três anos que construímos torres de observação, fica um policial lá do alto para poder verificar. Temos cuidado também com a saúde, já tem uns três anos que temos convênio com a Unimed e eles disponibilizam ambulância em todo percurso. Isso são coisas que não aparecem, mas que precisamos cuidar; pode acontecer de passar mal, toda aglomeração de pessoas pode ter isso. Vamos orientando também as pessoas, para se hidratarem, para não cansar muito, essas coisas sempre ficam difíceis de poder controlar. É uma Festa de massa, então tem coisas que a gente consegue prever e organizar e outras que não. Mas graças a Deus, nesses anos todos que estou aqui, nunca teve uma intercorrência mais grave durante a Festa, então hoje nossos maiores desafios são esses. Mas nada que chegasse ao ponto de pensarmos em não fazer a Festa, pelo contrário, o saldo é muito positivo, são tantas histórias lindas que muitas vezes só chegam até a gente depois de dias. Uma das coisas que me comove muito também é como os policiais, mesmo a serviço, se rendem a magia da Festa, nós temos muito apoio também dos policiais militares, da marinha, do exército, corpo de bombeiros e eles participam de uma forma assim, para além da escala deles, eles estão lá uniformizados para servir pela Festa, isso é muito bonito.*

Pesquisadora: *Verdade, é muito bonito de ver a entrega, mesmo de quem está a trabalho, o envolvimento dessas pessoas com a Festa é algo espetacular. Agora, como é essa relação com os policiais, marinheiros que trabalham na Festa?*

Entrevistada 02: *temos também a Romaria dos Militares, né? No começo era apenas dos marinheiros, depois foi abrindo, e o próprio capitão relata que muitos que vêm ali, que o procuram, vêm pela festa, pelo movimento, lógico que os católicos vêm em peso, mas a gente trabalha com coisas invisíveis, mas a graça está ali, é um verdadeiro mistério.*

Pesquisadora: *Legal. E assim, a relação com as prefeituras, estado, como acontece? Eles ajudam na organização?*

Entrevistada 02: *a gestão dos prefeitos interfere muito, a interlocução com uns é melhor do que com outros, como acontece em qualquer situação da vida, mas nunca ficamos desamparados não, mas, sinceramente, assim é o que costumo dizer, a Festa da Penha acontece mesmo se não tiver ninguém organizando, não precisa a gente organizar, basta ter alguém lá pra rezar a missa, elas sabem, sabem o dia, o local que a festa acontece, então a gente precisa saber também isso, nós não podemos dizer o que eles tem de fazer, eles [os fiéis] sabem o que tem de fazer, o que a gente procura é facilitar, que essa devoção, essa Festa que já é deles, que ela aconteça. A gente tá lá para facilitar, para interferir para deixar melhor, não tem como interferir para colocar barreira, dizer não vai, não tem como! Nossa interferência é no intuito de levar conforto para quem participa. As pessoas passam o dia todo no Convento, é preciso ter oferta, por isso ampliamos a lanchonete, para servir a todos, tem que ter água, banheiro arrumadinho, é o mínimo. Acho que elas iriam mesmo se fosse no meio do mato, mas o perfil da Festa é acolher, fazemos para que as pessoas voltem no ano seguinte porque se sentiram bem em participar.*

Pesquisadora: *Eu queria saber qual momento da festa que mais te cativa, o que mais te emociona e que impulsiona as pessoas participarem?*

Entrevistada 02: *muitas coisas me emocionam, mas uma das que mais me emociona é o momento, no fim das missas na prainha, que a imagem fica num lugarzinho mais alto, que a gente chama de altar, ou no campinho do Convento, e as pessoas precisam chegar perto, elas querem chegar para fazer uma oração. Às vezes a pessoa vem de longe, são idosos, e esperam por esse momento, isso para mim é um dos momentos mais lindos, eles conversam como se fosse uma pessoa, e é um momento que você vê a fé individualizada, o momento de cada um. Para muitas pessoas, levar uma flor do andor de Nossa Senhora é um prêmio, então é muito bonito, a gente vê a festa sempre no coletivo, mas aquele momento da fé individual. É lindo.*

Pesquisadora: *E eu queria te fazer só mais uma pergunta, sobre a marinha, eu vejo que eles participam mais de perto, estão inseridos na Festa, tem um motivo específico para*

ser eles?

Entrevistada 02: *Não. É mesmo por uma questão de proximidade, eles estão ali pertinho do Convento. Tem também o entendimento com os Capelães. A marinha sempre tem um capelão. Que inclusive é vinculada a capelania militar de Brasília, ele é designado a servir como qualquer outro oficial, mas por ter uma capelania ali facilita também, porque é um padre que se entrosa com a arquidiocese e eu acho que esse foi o motivo que facilita mais.*

Pesquisadora: *Muito legal. Uma Romaria que eu acho linda também, que eu nunca consegui participar é a das bandas de Congo. Foi a primeira que teve não é ?*

Entrevistada 02: *Na realidade, as bandas de Congo participam da abertura, no Domingo de Páscoa acontece a fincada do mastro na prainha, antes da Festa. Depois a Romaria mesmo acontece no dia da Festa, eles sobem a ladeira do Convento e chegam lá por volta das nove horas. Eu não sei exatamente te precisar essas informações, são muitos detalhes. Mas tem as datas certinhas. Depois posso ver o contato.*

Pesquisadora: *Agradeço à senhora pela disponibilidade e parabenizo pelo lindo trabalho que exerce para que a Festa aconteça.*

3.6.3 Entrevista número 03: A Festa de Nossa Senhora da Penha sob a ótica dos franciscanos.

Frei Paulo Roberto é o atual Guardião e Reitor do Convento da Penha, em exercício desde 2015. O Convento da Penha, por se tratar de um bem Tombado, recebe a visita técnica do Iphan mensalmente. Na ocasião da entrevista, quem fazia a fiscalização era Elisa Taveira, a superintendente do Iphan no Espírito Santo, que foi a pessoa que me inseriu no Convento e me apresentou o Frei Paulo. Agendamos, então, uma conversa com o objetivo de conhecer qual o envolvimento dos franciscanos que residem no Convento com a Festa da Penha.

Nessa perspectiva, ao nos encontrarmos ainda no corredor da casa administrativa, Frei Paulo já iniciava falando a respeito da Festa. Assim, a conversa iniciou-se antes mesmo de chegarmos a sala de reunião. Ao chegar na sala, o interrompi, para pedir a autorização para gravação, quando ele falava da Romaria dos Homens, que é o ápice da Festa da Penha.

Data do arquivo: 02/02/2018
Duração: 43 min
Pesquisadora: Luciane Freitas da Silva

Entrevistado: Frei Paulo Roberto Pereira

Entrevistado 3: *[...] Então assim, a Romaria dos Homens é uma das Romarias; sempre querem organizar melhor é uma fala comum e tal, e eu sempre digo: "não", não dá! Ela é espontânea, vai gente na Romaria dos Homens que nunca mais vai voltar à igreja, e vai gente na Romaria dos Homens que é o grupo do futebol, é o grupo de beber, de amigos é o grupo de bar, eu venho caminhando e eu vejo as camisas, "Romaria do bar não sei o quê" não é patrocínio e nem nada, é a turma que toma cerveja toda semana que vem. Então não tem como eu institucionalizar a Romaria dos Homens. Ela é grandiosa, porque é espontânea, e a Festa da Penha em grande parte é assim também. Tem um caminho de organização da Festa que passa pelas comunidades católicas, esse caminho já está trilhado, esse caminho é abrangente, a gente consegue juntar muita gente nas comunidades católicas, consegue, mas tem outro filão, que faz a Festa gigante, mas isso não é demérito para a organização, pelo contrário, então a organização tem que considerar isso, por exemplo, estamos organizando a próxima Festa. Já está na hora de mandar para as comunidades os cartazes, mas a gente só consegue atingir esse grupo de gente, pelas comunidades, pela estrutura da Igreja Católica. Que é um jeito bom de abranger, porque é bem capilarizado, você tem diocese, paróquia, comunidades, movimentos, serviços das comunidades então envolve muita gente, claro, que envolve, mas não é essa turma que faz Festa da Penha, essa turma consegue fazer um pouco da Festa da Penha, o outro tanto é espontâneo. E isso é interessante, aí entra o Convento como identidade, a Penha como marca para a identidade capixaba, mesmo aqueles que não são católicos, é uma coisa harmonizada. O pensamento é, eu não participo, porque é uma festa católica, mas existe o respeito por celebrar aquilo que nós somos. Nós somos acolhimento, nós somos hospitalidade, nós somos turismo, nós somos cultura, pessoal já entendeu isso e acho que isso facilita a Festa.*

Jesus vida verão[23] *acontecia aqui na Prainha, depois foi para praia da costa, agora está em Itapoã, mas em todo lugar tem reclamação, porque para o trânsito, porque faz isso? faz barulho, então, esse terror na Festa da Penha a gente ainda não tem.*

Pesquisadora: *foi bom o senhor falar a respeito disso, porque observo que a Romaria fecha a Lindemberg, que é uma das principais vias de acesso aos municípios Cariacica, Vila Velha e Vitória, e mesmo assim não tem reclamação?*

[23] Refere-se a um Festival Gospel, organizado pela Igreja Batista, que ocorre no estado há mais ou menos vinte e cinco anos. Disponível em https://www.jesusvidaverao.com.br/sobre. Acesso em 01 de agosto de 2020.

Entrevistado 3: *Então aí entram as prefeituras e o estado, para fazer rotas alternativas e tal, até para, mas, funciona bem.*

Pesquisadora: *Uma coisa que pude observar vindo na Romaria, foi que os guardas controlam muito bem o caminho oficial que a Romaria percorre, mas e as ramificações como funciona? Por que surgem pessoas vindo de ruas paralelas muitas vezes saindo de sua comunidades...*

Entrevistado 3: *É esse problema, quer dizer problema não, temos essa mesma situação com os ciclistas, tem o caminho oficial, mas tem também aqueles que vão saindo de tudo quanto é canto, isso é uma preocupação que a festa deve ter cada vez mais, é a segurança dessa gente toda, porque um acidente já mancha a organização por isso que olhando nesse sentido, suspendemos a Romaria dos motociclistas, deixamos suspenso esse ano. Pode ser que tenha uma preocupação do sindicatos achando que querem politizar a festa, a festa já está isentada disso, pode mesmo fazer, não é o local panfletário, mas a gente vive na realidade a gente vai esconder que estamos vivendo um momento político ruim? Não vamos esconder. E não é por conta do viés político e tal é porque dá acidente. Uma coisa curiosa que é um dado que a polícia militar trás para nós, a semana que antecede a Romaria, aumenta o número de roubo de motos, absurdo né? Mas é isso que acontece.*

Pesquisadora: *O senhor chegou aqui no Convento da penha como guardião tem três anos não é ?*

Entrevistado 3: *Essa é minha terceira Festa.*

Pesquisadora: *Interessante, então o senhor chega justamente no período da Festa?*

Entrevistado 3: *Exatamente. Eu morava aqui, já tem nove anos, mas, nos seis primeiros, eu acompanhava de longe, morava aqui perto, estava sempre na igrejinha do Rosário, no Santuário e nós sempre éramos envolvidos, mesmo que não de muito perto. Ajudava, porque somos da mesma família, mas de certa maneira eu tinha uma isenção, até participava muito da Romaria das Mulheres, porque sai dali debaixo (menção à Igreja do Rosário e Santuário de Vila Velha) e eu achava que me envolvia muito, mas estando aqui, percebo que é cinquenta vezes mais do que antes, e só cresce. Em dois anos, o número de turistas que visitam o Convento aumentou muito, estou falando de dois anos, não de vinte, é impressionante, acho que talvez pelo aumento de violência em outros estados vizinhos, tem feito as pessoas olharem mais para nosso Espírito Santo, e isso representou um aumento enorme de visitantes aqui, quem visita o ES, visita o Convento.*

Nós tivemos, no ano passado, uma exposição fotográfica, comemorando dez anos de

registro das fotos, aqui no Convento do pessoal da Faesa[24], que trabalharam voluntariamente na exposição, tirando as fotos durante a Romaria, e junto tinha um quadro, um registro de presença, todos os municípios do estado estiveram presentes, todos os estados do Brasil estiveram presentes aqui. Todos os estados! [voz alterada de excitação], isso foi feito por alto, não é uma pesquisa acadêmica, referenciada, mas foi um boca a boca que deu para fazer. Foi o que conseguimos, pois se diz muita coisa do Convento, mas não tem documentos. O Governo do estado já falou, vamos fazer uma pesquisa, eles mandaram o ofício, vamos fazer a pesquisa, e eu não vejo o resultado da pesquisa.

Pesquisadora: *Eu conheci uma pessoa da secretaria de turismo do estado e conversei um pouco com ela sobre a Festa e ela me disse que eles estavam mesmo em busca de fazer um mapeamento do público da Festa.*

Entrevistado 3: *É, esses dados, o Convento não tem condições de fornecer, não tenho nem estrutura para isso. Eles fizeram pesquisa em janeiro, fizeram em julho, agora estavam falando em fazer uma coisa moderníssima que seria mesmo uma pesquisa por IP, pelo celular, pelas empresas de telefonia, a gente iria conseguir mensurar isso com mais exatidão. Mas não tem resultado disso, infelizmente. Muita coisa que acontece é assim, pessoal está fazendo uma pesquisa sobre o mico[25], ótimo, ótimo, mas você vai se comprometer a trazer o resultado da sua pesquisa? O Instituto Jacaranema[26] veio fazer pesquisa sobre o bicho preguiça, muito bom, mas até hoje não vieram apresentar nada pra gente. Poxa, mas eu preciso desses dados, eu quero ter aqui um arquivo com essas coisas, porque senzala? Se dizem por aí que aquilo é senzala, mas que pesquisa arqueológica provou que é senzala? Eu custo acreditar, que o Convento pobre, num lugar pobre, hoje parece suntuoso, mas há quinhentos anos? Como é que você vai conseguir manter uma estrutura daquelas que a gente imagina de escravizados, isso nunca houve aqui, isso é difícil, mas não sou eu que estou dizendo, é só provar. O que eu sei é que para ter escravos era preciso ter muito dinheiro. Então é senzala, não sei se é senzala, eu preciso de um estudo arqueológico.*

Pesquisadora: *É, Frei, uma das grandes questões é essa, não é? Em razão da falta de documentação que eu até comentei com o senhor, muita coisa pode ser e não ser, mas de fato*

[24] Faesa é um Centro Universitário particular, que possui pólos em diversos municípios do estado do Espírito Santo. O principal deles fica no município de Vitória, capital do estado.

[25] Mico é uma espécie de macaco que possui a face esbranquiçada, em algumas referências denominam de saguis.

[26] Instituto Jacarenema de Pesquisa Ambiental é uma Organização sem fins lucrativos que trabalha pela preservação das áreas verdes do município de Vila Velha e do Rio Jucu que é o principal rio que abastece a cidade.

tem muita coisa aqui em potencial para ser estudada.

O senhor sempre morou aqui no estado?

Entrevistado 3*: Eu sou natural de Juiz de Fora, mas eu saí de lá em 1973, para fazer ensino médio fora já. Dali em diante, passei por muitas casas franciscanas, coincidentemente em missão na minha cidade nunca voltei, porque não temos casa lá.*

[a conversa tomou outro rumo falamos a respeito dos Conventos históricos e do Convento São Francisco situado no centro de Vitória]

Pesquisadora: *O senhor chegou a participar de alguma outra Festa da Penha, nessas andanças por aí?*

Entrevistado 3: *Menina, aqui em Campos tem, inclusive a gente está tentando contato para resgatar isso lá, e essa do norte do Rio de Janeiro é daqui, não é aquela Penha de lá não. Tanto é que é feita na Páscoa, aquela penha do RJ, é a Penha da França.*

Pesquisadora: *Isso é algo que queria entender, por que aqui é uma data diferente da do Rio de Janeiro. Por quê?*

Entrevistado 3: *Porque lá é a Penha da tradição francesa. Que conta a respeito de uma aparição de nossa senhora para alguém lá, numa gruta, essa aqui é alegria, é a missão franciscana missionária popular inclusive Frei Galvão nosso, também ia com uma estátua de Nossa Senhora pelos lugares. No Paraná, tem Nossa Senhora das Brotas, é um quadro que Frei Galvão deixou lá. Era o que ele tinha consigo, o quadro ele levava e através do quadro catequizava. E nós, Frei Clarencio pode falar melhor sobre isso, mas franciscanos e dominicanos trabalhavam juntos na evangelização popular, e como que você fala para o povo iletrado? Oração da Igreja é o Salmo, então a oração do povo as Ave Marias, então é da nossa tradição, então os mistérios do terço vão falando a história da salvação, muita gente pensa que o terço é para Nossa Senhora, mas o terço é um hino cristológico, é Jesus que está no centro do terço. Então nós franciscanos, além do rosário, difundimos por muito tempo a coroa das sete alegrias, mas as alegrias de Nossa Senhora sempre voltadas para o mistério de Jesus Cristo. O nascimento, os acontecimentos, todas as alegrias de Nossa Senhora até ela chegar no céu. E uma das grandes alegrias de Nossa Senhora é a ressureição, por isso nós celebramos na Páscoa.*

Então a Penha do Espírito Santo ela é essencialmente franciscana. Não é por causa de aparição de imagem e tal, por isso que ao digitar no Google Nossa Senhora da Penha, vai aparecer Rio de Janeiro, é mais famoso, além disso, tem a escadaria, um degrau por dia.

Nós temos poucas coisas escritas, itinerantes não escreviam muita coisa não, os

jesuítas tem tudo, até a hora do café da manhã, ficavam mais na atividade de aldeamento, de buscar os índios para catequizar e nós já íamos para o meio deles, e aí que hora que escreve? Então não tem. Agora quer fazer um bem para o Convento, faça uma pesquisa histórica. Onde a gente pode encontrar isso, nos Anais da Província Antiga, porque os freis vêm espontaneamente, eles vêm, eles não têm vinculação, então tem história que pode ter numa Província Antiga, numa sede antiga da Província pode ter, pode ser que a gente encontre alguma referência. Mas pouca. O que vamos ter é história dos cem anos para cá, porque aí já começa uma preocupação em guardar essas informações, fala e fala mesmo [risos], mas provar, se prova pouco.

Pesquisadora: *É infelizmente tem esse problema.*

Entrevistado 3: *E eu temo por isso, me incomoda, e eu não sou cientificista, mas um pouquinho de critério até para dar informação é importante, não em busca de verdade e tal, mas para a gente poder discutir, hoje a turma critica muito, não é? Mas você está falando a partir de onde? Isso é lenda. Aí caem os créditos, o mundo da academia desassociou da Igreja, porque acha que a matéria da Igreja não tem critério, claro que tem! São critérios diferentes do cientificismo, mas são critérios válidos.*

Pesquisadora: *Interessante o senhor me trazer essas informações, porque é uma das coisas que chamam atenção da história da Festa. Meu intuito é tentar produzir conteúdos que complementem a história dessa Festa, que é uma Festa muito importante para o Estado. Pensei em alguns caminhos, a fotografia é uma delas, um caminho desafiador, mas pode ser um viés, e nos cabe pensar outras formas de encontrar fontes que deem base para uma pesquisa.*

Entrevistado 3: *Isso é muito importante, as fotografias trazem essa transformação também, você está certa, é um caminho bem interessante de se pensar. Eu vi, por exemplo, ali na Casa da Memória, fotografias de uma época que não existia aterro, e o caminho feito era pela estrada do porto até chegar aqui. Aí estou aqui pensando nos rios, será que os rios sejam um caminho? É o que temos de informação é de setenta anos para cá, muitas coisas ficam escondidas por não sabermos. É uma história cheia de surpresas, não só pra gente, mas para o turismo, para a história. E se tiver alguma coisa está na nossa sede, em São Paulo.*

Pesquisadora: *E aí eu queria pedir sua ajuda como eu posso abordar os freis aqui do Convento, os mais antigos, que participam da Festa.*

Entrevistado 3: *Os daqui não vão ajudar muito. O Frei Clarencio vai ajudar no*

contexto histórico, acho que vale a pena conversar com ele, os nossos que estão aqui há um pouco mais de tempo, eles não vivem a Festa nessa dimensão, são mais de ações do dia a dia.

Pesquisadora: *E como eu posso conseguir o contato desse Frei?*

Entrevistado 3: *Eu te encaminho os contatos por e-mail. Por exemplo, o Osmar ele faz o terço grande há dez anos, ele é uma pessoa interessante de conversar com ele.*

Pesquisadora: *Frei muito obrigada pela sua atenção, vou mantendo o senhor informado e se eu precisar te procuro de novo, viu? [risos]*.

3.6.4 Entrevista número 04: A visão do turista sobre a Festa da Penha.

Lorena é natural de São Paulo, veio para o Espírito Santo passar temporada de férias na casa de amigos e resolveu visitar o Convento e conhecer a Festa. Durante horário de almoço, ela estava posicionada em um dos mirantes que o Convento possui. Eu, então, avistei uma moça que tirava fotografias da vista do Convento e iniciei uma conversa sobre a vista. Percebendo que ela tinha um vocabulário diferente do capixaba, imaginei que poderia ser uma turista, fui indagando sobre sua chegada e ela informou que sempre que vinha visitar, mas fazia um tempo que não vinha ao estado. Não obstante, pedi autorização para entrevistá-la.

Data do arquivo: 05/04/2018
Duração: 06 min
Entrevistadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistado: Lorena Flores

Pesquisadora: *Boa tarde, como te informei, faço uma pesquisa sobre essa Festa que está acontecendo aqui, e queria te pedir uns minutos para conversarmos. Tudo bem se eu gravar? É só para a pesquisa mesmo...*

Entrevistada 04: *Tudo bem. Tranquilo. Mas só não posso demorar.*

Pesquisadora: *Vou ser breve pode deixar. Então, minha pesquisa é sobre a Festa da Penha, estou acompanhando a Festa todos os dias para conhecer melhor a Festa e também conhecer melhor as pessoas que frequentam aqui... queria saber um pouco de você, você está aqui a passeio, mora aqui?*

Entrevistada 04: *Eu não sou daqui não, mas namorei uma pessoa daqui uns anos atrás, fiz muitas amizades e acabei mantendo esses amigos, de vez em quando, eu venho para*

cá para matar a saudade do mar e dos amigos. Confesso que nunca tinha vindo aqui, mas sempre ouvi falar bastante, toda vez que eu vinha, todo mundo falava que eu precisava vir na tal Festa. Mas meus amigos não são religiosos, então a gente nunca vinha, sempre deixava para depois. Dessa vez coincidiu das minhas férias serem no mês da Festa, aí vim visitar o Convento, porque a vista aqui em cima é muito maneira! Cheguei aqui e tomei um susto, não esperava tanta gente, fiquei até meio sem graça, porque queria tirar foto nos locais e tinha gente rezando em toda parte [entrevistada sorrir espantada]. Mas é bonito de ver.

Pesquisadora: *Você então resolveu participar por curiosidade?*

Entrevistada 04: *Não eu nem vim para participar, eu vim para tirar fotos e tal, só que alguém comentou que estava rolando a Festa e aí aproveitei para matar essa curiosidade. Vim sozinha ontem, fui à praia aproveitar a manhã, almocei e subi aqui, cheguei na hora em que tinha começado o culto, aqui estava bem cheio, aí fiquei no mirante, quase nem tirei foto, fiquei com vergonha, aí fui embora.*

Pesquisadora: *Entendi. E o que você achou? Já tinha vindo aqui antes, não é? Estava diferente?*

Entrevistada 04: *Já! Vim aqui algumas vezes. Nossa, muito diferente. Assim, quando eu vinha estava meio a meio, tinha muita gente que vinha para rezar e tal, mas tinha muito turista também, às vezes mais turista até. Dessa vez, eu subi já vi um pessoal no morro já cantando louvores. Estava tudo diferente. Aí cheguei aqui, o culto estava rolando aqui embaixo, tinha muita gente, [faz gesto com a mão que faz alusão a um espaço muito cheio]. Passei aqui por trás, fui tirar foto no mirante, mas tinha muita gente sentada virada para lá [apontou para o altar], fiquei sem graça de tirar foto, esperei um pouco, mas estava demorando acabar, aí fui embora chateada, porque não tinha tirado fotos legais.*

Pesquisadora*: [risos] aí resolveu voltar hoje?*

Entrevistada 04: *Ah! Hoje eu marquei com uma colega aqui, daqui a pouco ela chega pra gente ir ao cinema depois, por isso não posso demorar. Mas hoje consegui tirar boas fotos, quando você chegou eu estava ali tirando foto, não foi? Pelo menos não volto sem foto no Convento, e esse terço aqui fica lindo demais na foto.*

Pesquisadora: *Foi sim. [risos] e você já tinha visto uma festa religiosa, já tinha participado?*

Entrevistada 04: *Então, eu participei algumas vezes lá em São Paulo, minha mãe sempre ia, mas grande assim não, era pequena, nem se compara e teve gente me chamando aqui para ir às Romarias, é isso não é? Depois que cresci parei de frequentar, não frequento*

nenhuma Igreja não, mas gostei dessa Festa aqui, tem uns shows que acontecem lá embaixo, também, hoje mesmo tem uma banda que parece legal, estou até pensando em voltar de noite. Daqui a pouco estou frequentando mais que os católicos. [risos]

Pesquisadora: *[risos] Tem mesmo! O que você nota de diferente nessa Festa para as que você já foi?*

Entrevistada 04: *Ah... [pausa para pensar] não sei dizer ao certo, eu era nova, mas a quantidade de pessoas com certeza, outra coisa também é que tem muita gente nova, é mais velho que frequenta esse tipo de Festa, aqui é bem misturado e teve umas horas também que fiquei na dúvida se era católico, se era turista, mas assim, eu fiquei pouco tempo também não sei se foi impressão.*

Pesquisadora: *Claro, foi o que você percebeu no tempo que esteve aqui, eu compreendi. O que você viu que acha diferente que um turista faz e um católico não? Ou vice versa?*

Entrevistada 04: *Cara... na minha opinião são as fotos, turista tem cara de turista, né? Chega tirando foto de tudo, vem aqui para os mirantes para tirar foto da vista, quem é católico já vejo mais concentrado no altar, indo lá para ficar de perto participando dos cultos. Mas sei lá.*

Pesquisadora: *E você pretende voltar outras vezes?*

Entrevistada 04: E*u gostei bastante, não é nem tanto a parte católica, mas adoro lugar cheio com movimentação, gosto de lugar com vida, lá em São Paulo mesmo tem uma festa do padroeiro do dia da minha cidade, que todo ano vou, eles colocam barracas na rua, é bem pequena em relação a outras.*

3.6.5 Entrevista número 05: A Associação dos Amigos do Convento da Penha e a Festa da Penha

Arlette é atualmente a Presidente da Associação dos Amigos do Convento da Penha. Quando foi realizada a entrevista com Ana Maria e também com Frei Paulo Roberto, ambos afirmaram que os pilares da organização da Festa ocorriam por três Instituições: A Mitra, a Província Franciscana e a Associação dos Amigos do Convento da Penha. Nesse sentido, fui em busca de um representante da Associação que pudesse fornecer informações a respeito da Associação e em que medida a mesma está envolvida na organização da Festa.

Data do arquivo: 28/10/2019
Duração: 27 min
Entrevistadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistado: Arlette Uliana

Pesquisadora: *Bom dia, primeiramente gostaria de pedir autorização para gravar nossa conversa, para fins de pesquisa mesmo, assim eu não preciso tomar nota do que você falar e a gente pode conversar melhor.*

Entrevistada 05: *Ok, tudo bem.*

Pesquisadora: *Você estava falando sobre a Associação e como ela participa da organização da Festa...*

Entrevistada 05: *A Associação dos Amigos do Convento da Penha entra na organização da Festa, pois dentro do estatuto dela, nas atividades já estava descrito a organização da Festa. São três entes maiores que organizam a Festa, a Província franciscana, a Mitra Arquidiocesana e a Associação dos Amigos do Convento da Penha, há anos, ano atrás era organizada só por esses três, só que a Festa foi crescendo, quer dizer, com a ajuda de voluntários, tem um grande número de voluntários, agora, os cabeças pensantes que definem o que vai ser feito, o que não vai ser feito, são essas três entidades. Só que, como a Festa cresceu muito, vendo a necessidade de organizar melhor isso, e de nos profissionalizarmos com relação à organização da Festa da Penha, para tanto, além dessas três que eu citei, temos a participação voluntária da Ecos Eventos, voluntários, são todos voluntários, ninguém recebe nada, contratamos esse ano, uma assessoria de comunicação, essa realmente ela é paga, temos o pessoal da comunicação do Convento, o pessoal da comunicação da Catedral. Ou seja, nós somos esse grupo maior que pensa a Festa, a gente organiza, a gente pensa, nos reunimos, quando termina uma, logo em seguida já começa a organização da outra. Porque a gente faz uma avaliação da que passou e logo em seguida começamos outra. Nós começamos, acho que a primeira reunião desse ano foi em julho ou agosto, eu não me lembro bem, mas é logo em seguida, porque você tem que começar a pensar, primeiro, é uma Festa que tomou uma dimensão muito grande, mais de dois milhões de pessoas, então você precisa também correr atrás de patrocínio, porque a Festa sozinha com essas três entidades que falei não teria dinheiro suficiente para bancar uma festa dessa dimensão. Então, é quando a gente vai atrás dos patrocinadores, então, dependendo do que nós vamos arrecadar com os patrocinadores, que a gente faz toda programação, nós temos*

tido sorte, que graças a Deus esse povo tem ajudado bastante. Tanto é que, no ano passado, pela primeira vez, nós conseguimos montar uma santa lá na praça do papa, uma santa iluminada, porque o dinheiro que entrou foi suficiente para pagarmos também isso daí. Porque você tem toda uma infraestrutura que precisa organizar, porque não é assim, é muita coisa para você pensar, é a programação tanto religiosa, até a programação cultural, montagem de palco, aí você tem que envolver o serviço público, prefeitura, estado, que aí vem segurança, corpo de bombeiros, ambulâncias. É muita coisa envolvida e é preciso uma estrutura muito grande. Então, você vê a Festa é em abril do ano que vem, semana que vem já teremos reunião para fechar a programação.

Pesquisadora: *É realmente uma festa que pede essa organização. Eu vi que a Vale do Rio Doce está com a logo dela no panfleto, como é a participação dessas empresas?*

Entrevistada 05: *Tanto a Arcelor[27], como Banestes[28], a Cesan[29], esses são nossos patrocinadores fiéis, todo ano a gente já vai correr atrás deles para saber quanto eles vão poder ajudar. E tem outras empresas que vem voluntariamente para ajudar. Esse ano, por exemplo, a Arcelor mandou voluntários que pintou aquele muro da Ladeira da Penitência todinho, o coral deles vem cantar, eles também, além de auxiliar financeiramente, enviam voluntários, mão de obra que nos auxiliam também.*

Pesquisadora: *Muito legal isso, falando em mão de obra, há quanto tempo a senhora está aqui se dedicando à Festa?*

Entrevistada 05: *Eu sou fundadora da Associação, mais de vinte anos que eu estou aqui, nós vimos a necessidade que o Convento tinha de ter uma Associação para ajudar na manutenção do Convento, porque o dinheiro que entra é... porque aqui não depende de dízimo, aqui vem gente de todo o mundo, não tem aquele fiel frequentador só daqui. Então os franciscanos não tinham condições financeiras de estar mantendo o Convento, tanto é que nós entramos depois trocamos toda a fiação elétrica, já trocamos o telhado duas vezes, pintura, todo ano a gente faz a pintura do Convento, então isso tudo foi vendo mesmo que os franciscanos, a província sozinha não estava dando conta. Então nós, um grupo de voluntários, nos reunimos e criamos essa Associação, e eu, ainda na época da criação, tem*

[27] Refere-se a uma siderúrgica produtora de aços longos instalada no Espírito Santo com distribuição em todo o país. Fonte: https://brasil.arcelormittal.com/a-arcelormittal/quem-somos.

[28] A Companhia Banestes é um banco múltiplo controlado pelo Estado do Espírito Santo. Fonte: https://www.banestes.com.br/institucional/index_companhia.html.

[29] Companhia Espírito-santense de Saneamento (Cesan) é a empresa que abastece água, bem como coleta e trata esgotos sanitários do estado.

eu e Lígia, que ainda somos da Associação desde a época da criação dela. Já fui secretária, já fui presidente do conselho, agora estou como presidente da Associação, e nós dependemos muito da ajuda dos sócios, porque é do dinheiro dos sócios que fazemos tudo, vai depender do quanto a gente arrecada.

Pesquisadora: *Entendi, e você tem uma média de quantos sócios tem hoje?*

Entrevistada 05: *Hum... [pausa para pensar] Maria pode te dizer melhor, mas acho que são mais de dois mil sócios. Agora, nós temos sócios e sócios, tem aquele que é fiel, todo mês contribui, mas contribui com dez reais, às vezes sai até mais caro para a gente, porque a gente paga para elaborar o carnê, o correio cobra o envio, o banco cobra taxa do boleto, então às vezes, lógico que são sócios e a gente agradece a Deus porque é de grão em grão que vamos chegando lá.*

Pesquisadora: *Entendi, você já participava da Festa antes?*

Entrevistada 05: *Muito antes, eu moro em Vila Velha desde criança, e papai nos trazia, eu e meus irmão. Nós sempre participamos da Festa.*

Pesquisadora: *Desde criança você participa então?*

Entrevistada 05: *Sim, desde criança, aí eu fui vendo a evolução, houve um tempo que as missas eram aqui em cima no campinho, mesmo a Romaria dos Homens, ai já começaram a ver que aqui não comportava o número de romeiros que vinham na procissão, tanto é que passou lá para o parque da Prainha, a Romaria dos Homens, a das Mulheres e a Festa de encerramento, porque a quantidade de romeiros que vem para cá não teria condições de ser aqui em cima, ela foi crescendo. Quando eu participava, quando era pequena era tranquilo.*

Pesquisadora: *E a senhora se recorda de alguma coisa que seu pai falava, em relação aos anos que ele frequentou a Festa?*

Entrevistada 05: *É, assim, papai trazia todos os filhos. Até uma vez meu irmão, hoje ele está com 66 anos, ele se perdeu, aí procura Elvecio, ele se perdeu [risos], fomos nós procurar meu irmão por todo canto. Papai, ele vinha, já tinha 85 anos e subia a pé, e eu chamava pra ele vir de van, não, ele queria vir a pé. Histórias, eu não lembro de nenhuma, só essas coisas mesmo. Mas uma coisa é que a Festa sempre foi tranquila, nunca teve relatos de roubo, de confusão. Não vou dizer que não acontece, porque claro que acontece, uma coisa ou outra, mas coisas pequenas que não afeta o público, às vezes um passa mal, o que é normal, devido ao esforço que fazem, mas a fé que move essas pessoas é muito grande e muito bonita. Você vê idosos, jovens todos subindo a pé, muitos de joelhos... outra coisa que eu tenho observado também é que aumentou muito o número de visitantes aqui, é bem*

verdade que tem muito turista.

Pesquisadora: *Eu ia até te perguntar isso mesmo, porque sabemos que turista o ano inteiro a gente encontra muitos por aqui, mas durante a Festa, é comum encontrar turista, qual seu olhar sobre isso?*

Entrevistada 05: *Ah você vê gente de vários lugares, a gente nota pelo sotaque, até pessoas que não são católicas, de outras religiões, às vezes por curiosidade, para saber como que é, e o turista ele vem em qualquer horário. Então não importa se está tendo uma missa, eles não participam da missa, mas sobem para ver o Convento. A vista daqui que é muito bonita, então eles estão sempre por aqui.*

Pesquisadora: *Você já participou ou já ouviu falar de outras festas em homenagem a Nossa Senhora da Penha, em outros estados ou municípios?*

Entrevistada 05: *Não. Eu já participei do Círio de Nazaré, em Belém, coincidiu com um congresso que eu participei, e estava acontecendo o Círio, aquela festa que é grandiosíssima. Outras não, já fui a menores, outras festas católicas, mas nenhuma dessa dimensão. A Festa daqui, entre as festas marianas, é a terceira maior pelo que dizem, só perdendo para o Círio e Aparecida.*

Pesquisadora: *E já aconteceu de vocês avaliarem que a Festa não deveria acontecer, por algum motivo de força maior?*

Entrevistada 05: *Olha, pelo menos no período que eu estou a frente, não. Sempre conseguimos executar a Festa.*

Pesquisadora: *E quais as dificuldades positivas e negativas que a senhora percebe durante a festa? Que acabam surgindo?*

Entrevistada 05: *Ah não, mas isso aí, a gente tem que fazer reunião com eles, porque, por exemplo, a gente tem tido problema com a Romaria dos Ciclistas, antigamente não, era tranquilo, hoje em dia a gente recebe relatos de motociclistas que vêm fazendo aquele barulho, empinando motocicleta, até mesmo de roubo de motos, porque a gente só dá a benção. A função de monitorar no caminho é com o poder público. Então, isso aí é uma coisa que a gente tem que estar sempre pensando, tem a questão de segurança da Romaria os Cavaleiros, dos Ciclistas, dos Deficientes, então é uma coisa que a gente se preocupa. Porque, mesmo que a segurança seja com o poder público, envolve a Festa da Penha, a gente se preocupa muito com isso, fazemos reuniões para ver toda a logística, a própria Romaria dos Homens, ela tem crescido absurdamente, então se não mudar todo ano a forma de monitorar isso, acaba virando bagunça.*

Pesquisadora: *E a Romaria dos Homens sempre fez esse percurso que faz hoje, saindo da catedral?*

Entrevistada 05: *Sempre. Essa Romaria já tem mais de 60 anos. Se não me engano, essa Romaria quem implantou foi Dom João Batista de Albuquerque, que trouxe para cá. A gente fala hoje Romaria dos Homens, mas até costumo dizer que é da família, porque vem homem, mulher, criança, vem gente empurrando carrinho para vender coisas e tudo.*

Pesquisadora: *Essas Romarias, tem uma pessoa que vocês entram em contato para auxiliar na organização?*

Entrevistada 05: *Sempre tem alguém. A gente entra em contato com as comunidades. Romaria das Mulheres, a gente entra em contato com o Santuário que é quem dá as diretrizes. A Romaria dos Homens a gente tenta organizar sim para não vir aquele monde de carro de som. A gente tenta, mas, às vezes, não adianta, tem a paróquia e quer trazer um carro e também não dá para proibir, mas é isso, sempre tem alguém a frente para ajudar na comunicação com os grupos.*

Pesquisadora: *A dos motociclistas, por exemplo, é também algo que vem das paróquias?*

Entrevistada 05: *Ah, não, a dos motociclistas é uma demanda deles, começou por eles. Mas tem sempre aquele grupo que organiza e sempre fazemos contato com eles.*

Pesquisadora: *E as bandas de Congo eu vi que participam também, como é esse contato para que a Romaria aconteça?*

Entrevistada 05: *As bandas de Congo participam há muito tempo já. Depois eles se achegaram mais e pediram para ver seu podiam participar mais ativamente,*

Pesquisadora: *É legal a gente trazer essas questões, não é? Até porque é uma festa muito abrangente, e sobre a programação, geralmente, segue a mesma? Muda se precisar? Como funciona?*

Entrevistada 05: *A parte religiosa, cada dia é uma comunidade que fica responsável pela missa. Agora a parte cultural muda bastante, porque tem que ver junto com a prefeitura de Vila Velha, porque a prefeitura tem a parte cultural dela também.*

Pesquisadora: *E nesses nove dias de Festa que você está por aqui, auxiliando, qual o momento da Festa que mais te emociona? Te comove.*

Entrevistada 05: *Eu acho todos os momentos emocionantes, agora para mim são esses momentos que vejo muita gente, na Romaria dos Homens, das mulheres e até no encerramento da festa da penha. Que também vem a sensação de alívio, que deu tudo certo.*

Pesquisadora: *Para encerrar, eu queria te perguntar se tem alguém que você queira indicar alguém para conversar comigo, alguém que possa me ceder informações importantes sobre a Festa.*

Entrevistada 05: *Tem várias pessoas, tem o Deoclésio que sempre participa, os Freis evidente, a Maria da Luz que sempre ajudou muito na organização, tem o sr. Osmar que elabora o terço gigante, ele tem uma história legal com a Penha. Acho que isso.*

Pesquisadora: A*gradeço a disponibilidade e deixarei meu email e telefone também à disposição para vocês, caso precisarem falar comigo.*

3.6.6 Entrevista número 06: A produção do terço gigante da Festa de Nossa Senhora da Penha

Sr. Osmar é formado em medicina e é o responsável pela idealização e elaboração do terço gigante que fica exposto, durante os nove dias de Festa. O terço fica pendurado entre as duas palmeiras do Convento é também muito visado pelos expectadores da Festa, que buscam um bom ângulo para registrá-lo. Vide Figura abaixo.

Em contato com funcionários do Convento, durante a Festa da Penha de 2017, muitos indicaram ele para entrevista, por se tratar de alguém que exerce uma atividade voluntária durante muitos anos no Convento e ser conhecido por todos que convivem naquele ambiente. Ele também foi indicado pelo Frei Paulo Roberto. Nesse sentido, surgiu o interesse em saber quais eram as suas motivações e em que medida ele está envolvido com a Festa e o espaço em que ela ocorre.

Data do arquivo: 04/11/2019
Duração: 13:45 min
Pesquisadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistado: Sr. Osmar Salles



Figura 34 - Fotografia da esquerda - Terço de 2015. Fotografia da direita - Terço de 2017. Fotografias retiradas por Luciane Freitas.

Pesquisadora: *Eu queria te perguntar como sua história começou, como começou seu envolvimento com a Festa da Penha? Desde quando que você está envolvido? Quando foi seu primeiro contato com a Festa da Penha?*

Entrevistado 06: *A história é bastante conhecida, mas começou no momento em que eu fui ver o Papa Dom Paulo II, no Segundo Encontro mundial de Famílias, no Rio, isso foi em 1997. Então lá no Aterro do Flamengo, na missa e tal. Vi um terço pendurado no espaço, de isopor, de textura não era bola de gás, era de isopor. A minha tia que estava ao lado falou: "olha que interessante! Você não faria um desses não, para a gente lá abrilhantar a Romaria das mulheres?".*

Aí, eu a respondi: "tudo bem, vamos tentar". Fui até o Santuário, me forneceram o material, eu fiz o terço, contudo ficou pesado, peguei a peça e pensei: isso não vai subir de jeito nenhum. Então por coincidência eu subi no Convento. Olha, a história é essa, contei a história toda lá do Papa, da missa... Eu não queria perder a peça que havia feito, ficou bonitinha, tem toda uma história interessante. Contei para o Frei que me disse:"Ah, meu

filho, pendura ela onde você quiser!”. Questionei a ele se nas palmeiras poderia ficar bom, que me respondeu “Fique à vontade”. Reuni algumas pessoas para me ajudar na missão, o bombeiro pendurou a peça, A primeira nem era tão grande, era pequenininha, devia ter uns quatro metros de altura, menor do que esse daqui, [apontou para o terço de 2019].

Aí o Frei na época falou o seguinte: “O terço não tem que ir embora (como bola de gás) se perder no espaço, não ele tem que ficar no meio de vocês. Vocês tem que rezar o terço” Foi então que começou toda uma postura sobre o rosário em cima de uma falha, uma falha do esquema, daquilo que havíamos planejado previamente. Aí as pessoas começaram a mencionar que o terço deveria ficar a altura da mão, começaram a puxar o terço pra baixo, ele arrebentou, cada um levou um pedaço. Então, o segundo terço já foi feito para ficar ali mesmo na palmeira. Eu já fiz um pouquinho maior, a comissão pagou, E o terceiro eu fiz por minha conta.

Pesquisadora*:* *Isso tudo no mesmo ano?*

Entrevistado 06*:* *Não, não.*

Pesquisadora*:* *Esses três, foram em três anos seguidos?*

Entrevistado 06*:* *Não, não. Os dois primeiros foram feitos em 1998, porque 1997 foi quando o Papa chegou aqui. Foi no ano seguinte. Foi em outubro, mais ou menos. Então os dois primeiros foram um fiasco, pendurei apenas para não perder. O segundo que era levíssimo, também não subiu, aí fiz o segundo já com a intenção de ficar ali, era colocado no sábado da Festa. Então como você pode perceber é até meio confuso. Aí após passados por volta de quatro, cinco anos aí a Mitra e o Bispado pediram para colocar no sábado anterior à Festa.*

E A tradição passou a valer cinco, seis anos depois: Colocar no início da Festa, no Sábado de Aleluia, [um dia antes da abertura da Festa].

[o entrevistado recobra falar sobre o terceiro terço e quarto terços que produziu]

Então o terceiro eu fiz por minha conta, eu acho que foi de isopor, se não me engano. O quarto eu fiz todo de ferro e aço, iluminado, tinha aqueles anjos enormes segurando o terço de cima. Foi até um artista plástico da UFES (Universidade Federal do Espírito Santo) quem fez os anjos. Mas infelizmente esse terço despencou lá de cima, na hora que estava montando, despencou tudo. Duas lâmpadas quebraram, todo ele ficou inteiríssimo! Ah, o pezinho do anjo quebrou também, lá do alto até embaixo. Eu falei para o bombeiro: “Por mim, você não sobe mais, acabou a Festa aqui”. Aí ele falou assim: “Por mim, continua eu

vou trocar de novo". Eu disse: "Então a responsabilidade é sua". Esse bombeiro está comigo até hoje, desde o primeiro terço.

Pesquisadora: *Ele auxilia na armação do terço?*

Entrevistado 06: *No próximo ano vai completar vinte e dois anos que ele me auxilia. É o trabalho que ele doa para a Festa da Penha.*

Pesquisadora: ***E*** *hoje em dia você tem uma equipe?*

Entrevistado 06: *Com muito orgulho! Eu consegui parceiros enormes, amizades. O pessoal tem orgulho de estar ali e eu orgulho de tê-los perto de mim. Embora eu encabece uma equipe, mas eu não sou quem faz tudo. Não tenho condição de fazer tudo que está ali. Eu tenho marceneiros ótimos que me ajudam, que ganham madeira da Bridi*[30]*. A artista plástica que é minha cunhada, é designer de interior.*

Pesquisadora: *Todos voluntários?*

Entrevistado 06: *Tudo voluntário. Eletricistas, cada dia mais.*

[O entrevistado retorna a falar sobre o terço que caiu e quebrou algumas lâmpadas, relatando sobre como foi colocá-lo no lugar]

Entrevistado 06: *Estava tudo pronto. Então ele só pegou e colocou de novo. Foi isso. Colocou lâmpadas novas e tal. Aí no sexto ano é que pega o negócio, porque dois eu fiz por encomenda, um eu fiz por minha conta, o quinto já não quis mais fazer aí veio o sexto terço. Fiquei em um impasse: faço ou não faço? Começaram a me perguntar: "Você vai fazer ou não vai fazer?" mas não sabia se ela (a Santa) queria. Eu sempre tive essa relação com Nossa Senhora dessa forma. De onde eu morava aqui na Prainha dava pra ver o Convento de frente. Foi quando em um dia de madrugada eu em uma agonia danada, faltavam 30 dias para começar a Festa da Penha, eu sem nada, nem ideia, nada, nem vontade eu tinha, ficava entre o pensamento de quero fazer, mas não quero fazer. De madrugada, levantei fui para a varanda, falei assim com a Santa: "Como é que é você vai querer ou não vai querer? Manda um sinal". Essa foi minha oração. "A festa é tua você quer que eu ajude ou quer que eu fique quieto?". Aí fui dormir, no outro dia levantei cheio de ideias. Fui lá comprei um monte de coisa e fiz o terço. Ficou bonito, cheio de coisa, trabalhoso. Todos eles dão muito trabalho.*

Pesquisadora: *Imagino, é muito detalhe, não é?*

Entrevistado 06: *Não pensa que não dá trabalho não. Mas eu sempre ponho fé nesse trabalho, a minha e de todo mundo que está aí para que todos que olhem o terço possam*

[30] Empresa privada que fornece madeiras no estado do Espírito Santo. Fonte: https://bridimadeiras.webnode.com.br/sobre-nos/.

renovar sua fé. Que ele fosse essa fonte de ligação com o alto, através do terço que lembra Maria, entendeu? Eu estou fora, eu sou o mais babador da arte, e o que mais se enriquece da própria fé expressada no terço que já não é meu, é da fé. É dela! E sempre sai melhor do que eu imagino. E por aí foi, veio o sétimo, o oitavo… vai pra vinte dois anos, o do ano que vem, o projeto já está pronto aqui na minha cabeça.

Pesquisadora: *Todo ano é um terço diferente?*

Entrevistado 06: *É sempre diferente! O único que igual foi o quarto e o quinto.*

Pesquisadora: *Que foi o que ocorreu o acidente?*

Entrevistado 06: *Exatamente igual. É o que teve esse acidente. Uma vez uma pessoa me perguntou: "Porque você não faz um pra usar sempre?". Eu disse assim: "o que você me diria se sua mulher fosse a várias festas com o mesmo vestido?" Ele ficou calado.*

Pesquisadora: *Pronto, não é? [risos] Mas assim, o senhor já participava da Festa antes do terço?*

Entrevistado 06: *Não. Diretamente não. Ia lá participar e ia embora, mais nada.*

Pesquisadora: *Entendi. E a sua família é envolvida com a Festa hoje?*

Entrevistado 06: *Querendo ou não eles são.*

Pesquisadora: *É (risos). Acaba que por tabela é todo mundo envolvido, não é?*

Entrevistado 06: *Eles acham que eu sou muito, muito desorganizado. Mas no final da história sai. Eu perco a conta das coisas, eu não sei onde está a chave de fenda, é porque é muito material! E muita gente trabalhando, cada um deixa em um lugar diferente. Todo ano que tenho que comprar peça nova. Muita gente entrou e já saiu do grupo, e outros estão querendo entrar. É sempre assim.*

Agora os que estão comigo desde o início, que permanecem fazendo os trabalhos mais de marcenaria, de madeira e tal. Esses permanecem desde o início. Tem a Iris Brunele, que é minha cunhada, tem o Cinésio Ferrari, que tem uma marcenaria fantástica também. Olha, eu adio todos os meus compromissos durante o período da Festa da Penha, porque é época de fazer o terço. E eu não consigo fazer mais nada.

Pesquisadora: *Atualmente, você só coordena?*

Entrevistado 06: *A parte elétrica eu não sei fazer. Eu tenho ideia. Aí temos eletricista, mais dois que vão entrar. Um entrou dois anos atrás, e outro vai entrar agora, um engenheiro eletricista, vai entrar também. E a escola de samba vai querer entrar para ajudar.*

[Entrevista foi pausada por motivos de ocupação do Entrevistado 06 que precisou atender uma ligação]

Pesquisadora: *Hoje em dia o senhor participa de algum momento da festa, alguma Romaria?*

Entrevistado 06: *Na Romaria, eu só vou andar. Não tenho participação maior lá não.*

Pesquisadora: *Mas o senhor vem lá da Catedral de Vitória?*

Entrevistado 06: *Da catedral. Olha, é uma caminhada, hein! Você chega aqui com a coluna doendo.*

Esse ano acho que deu de 700 a 800 mil pessoas. Agora que é feriado oficial no Espírito Santo. Espera-se uma média de mais de 1 milhão, ou seja, vai ficar impraticável. Eles teriam de colocar duas vias de acesso para cá. O problema é que o prefeito desse ano liberou estacionamento da Champagnat[31] *dos dois lados.*

Pesquisadora: *É, aí fica complicado o trânsito?*

Entrevistado 06: *Aqui também na rua ali, liberaram o estacionamento, carrinho de churrasco e tudo mais, não dá. Nada de mesinha, quiser beber, bebe no bar, em pe. Na calçada dá aquele tumulto de gente.*

Pesquisadora: *É, acaba atrapalhando, não é?*

Entrevistado 06: *Com duas, três mesonas lá, sentado, bebendo e todo mundo se acotovelando, brigando. Não pode ter mesa ali! Se tiver, o cara vai ter que resolver isso dentro do bar. Esse ano eu deixei meu carro aqui, aí fui passar ali no cruzamento do Convento da Penha, Tinha gente até deitada no chão. Não consegui passar de carro. Eu tinha que atravessar e ninguém saía do chão. Pedi para saírem, que já era uma hora da manhã. Eles pegaram e apenas sentaram. E nenhum guarda ali para retirá-los, sentá-los nas calçadas.*

Pesquisadora: *E nesses anos que o senhor frequenta como devoto, o que tem notado assim de diferença nesta Festa, de anos para cá?*

Entrevistado 06: *As pessoas têm, não é sede de novidade, mas é sede de estar ali o tempo todo, tem gente que vai e fica o dia todo no Convento, dia inteiro! Comem, levam uma garrafa de água para tomar um banho de paninho. E fica ali porque faz parte da vida dela, faz parte do cotidiano, faz parte do espiritual estar ali absorvendo a energia toda que chega, todo mundo alegre, você não vê ninguém triste. Não existe briga em lugar nenhum. E todo mundo se comunica, se fala, é uma coisa assim impressionante! Há uma retomada da fé, entendeu? Tem um grande alento, você renova a cada ano, passa por cima de muita coisa, e*

[31] Uma das vias localizada nas proximidades da Prainha, durante a Festa se torna uma das principais vias de acesso aos frequentadores.

continua acreditando. A fé que te leva a caminhar dessa forma, e, se não tivessem esses eventos todos que acontecem Brasil afora, acho que o pessoal iria afundar! A Festa da Penha traz, a mãe traz isso. Podem vir e voltar que esse caminho vale a pena, vale a pena continuar caminhando, refaz a fé .

Pesquisadora: *O senhor disse que morou aqui perto?*

Entrevistado 06: *Eu morei aqui na Homero[32], bem mais para frente, mas o acesso era bem mais rápido. De lá eu via o Convento, via o pessoal entrando e subindo na ladeira ali no portão.*

Pesquisadora: *E deixa eu te perguntar, durante a Festa, o senhor vê que tem diferença, assim dos outros dias? Porque a gente sabe que o Convento recebe muito turista, não é? Diariamente. Isso a gente vê, até porque pode ir qualquer dia da semana no Convento que está sempre cheio, mas, durante a Festa, o senhor nota diferença, quando o senhor morava aqui, por exemplo, de volume de pessoas por aqui na região.*

Entrevistado 06: *Ah sim, eu senti muito quando eu saí daqui e fui morar na praia e lá eu perdi totalmente a visão de tudo, da participação das procissões de cavaleiro, ciclista, tudo. Eu saía de lá e vinha parar aqui só para ver. Então é uma energia incrível, e na praia eu não vejo nada disso, não sinto nada disso. Está distante, não ouço o sino da igreja, que é muito interessante no final de semana, sábado e domingo, você ouvia o sino da igreja batendo. E isso faz parte de toda uma história de vida no interior. O sino é um símbolo do venha viver a fé, venha participar.*

*Até hoje quando os sinos tocam todo mundo para e ouve, em qualquer lugar**.** Os chineses têm sinos também, outras culturas tem sino. E hoje eu sinto menos a Festa da Penha por conta de morar longe. Toda hora vendo gente de madrugada, ver gente passando, as procissões que eles fazem que vem lá de "não sei das quantas", de madrugada aparecendo cinco, seis horas da manhã e já subindo cantando, de repente lá uma santinha pendurada, e já vai subindo o Convento. Ou seja, se vivia a espiritualidade o ano todo não só na Festa. Na Festa que era aquela exuberância toda, e fazia muito bem a gente crescia junto, tinha vontade de sair de casa e juntar com o povo.*

Pesquisadora: *E você já observou em algumas dessas festas ou pessoas que te procuraram durante esse processo de confecção do terço pessoas que não são católicas?*

[32] Uma das ruas que dão acesso a entrada do Convento. Conhecida assim por abrigar um dos Museus da cidade de Vila Velha, o Museu Homero Massena.

Entrevistado 06: *Os próprios evangélicos amigos, eles falam: "continua assim, continua assim, não para não". Eles dizem: "Eu não sou católico, não tenho aqueles objeto como forma de devoção, mas tem tudo a ver com aura espiritual da Festa, continua assim!" Sempre recebo muitos elogios e votos de "continue, continue, não para não!". E já tive auxílio de muitos evangélicos que também deram contribuições financeiras. Por exemplo, Aquela imagem que está lá guardada ainda, de madeira, que eu liguei para a pessoa disse: "olha, sou fulano de tal, estou ligando porque você é uma pessoa artista que trabalha com E.V.A*[33]*. Eu tenho um trabalho para realizar nesse momento", e a pessoa falou assim: "eu sou evangélica, não adoto nenhum princípio católico, portanto, eu não posso te ajudar". E eu expliquei: "eu queria só uma orientação para eu conseguir fazer". Recebendo a resposta: "Vou te cobrar por isso". Prontamente respondi: "Não estou te pedindo para fazer nada de graça. Eu estou pedindo para você fazer um trabalho dentro da sua arte". E a resposta que tive foi: "Senhor, eu não vou servir para fazer nada na católica, ainda mais um boneco de pau". Infelizmente por vezes temos esses entraves. Outra vez, fui procurar uma artista plástica, ela é uma grande artista. Aí lá vou eu, realmente* [entrevista foi pausada para que o Entrevistado atendesse uma ligação]. *Ia fazer com laser, ai ela virou para mim e perguntou minha profissão, eu falei que era médico, ela falou assim: "Você deve ser um médico muito frustrado!". Eu perguntei por que ela dizia aquilo, e ela: "Porque você não é engenheiro, não é arquiteto e faz essa obra, então deve ser muito frustrado". Eu respondi: "Não! eu sou muito bem resolvido na profissão, e não me classifico, não me coloco como artista, nem como engenheiro, nem como arquiteto. Eu faço pela fé. Aproveito um dom, uma visão que eu tenho e faço as coisas". Aí, decidimos ali, o que ia fazer. Na semana da festa, faltando três dias para subir o terço mandaram um recado para mim, na verdade a secretária dela, informando que ela sentia muito, mas que não podia fazer que tinha muita ocupação. Eu pedi um mês e meio antes! Conversei com minha cunhada e conseguimos fazer a imagem. A imagem ficou pendurada no meio do terço, como eles viram que foi primeira página do jornal, que aquilo brilhava, toda elegante, feito de pedra (comprei em São Paulo aquela, porque na época não tinha aqui). Pouco tempo depois a secretária entrou em contato comigo para dizer que o terço ficoi bonito e que a artista (esqueci o nome dela agora) queria doar uma obra de arte dela aqui para ser leiloada durante a Festa. Eu disse: "Olha, eu fico muito lisonjeado, fico muito agradecido, honrado porque uma grande peça, de uma grande artista realmente vai*

[33] Tipo de folha de papel utilizada em confecção de produtos, artesanatos, lembrancinhas, enfeites e afins.

enaltecer muito a festa, mas eu não respondo pelo Convento". Passei o telefone do Frei, para entrarem em contato. Depois perguntei ao Frei se a pessoa tinha ligado, e como já imaginava, não ligou.

Pesquisadora: *Você lida muito com essas questões?*

Entrevistado 06: *Foi uma vez só, entendeu? É, porque a pessoa fica, na verdade elas querem se projetar em cima. Então teve uma artista plástica, artista mesmo que fez um anjo maravilhoso, que depois não sei onde foi jogado e tal. Todo dia ela colocava matéria no jornal sobre o anjo que ela fez, todo dia, era na Gazeta e demais jornais. Outro dia eu voltei a falar com ela, dois três anos depois, se ela podia fazer uma pintura do rosto de Cristo que fazia parte de uma composição lá do terço. E mostrei o desenho que eu queria, aonde ia ficar essa peça, todo o conjunto da obra. Ela falou assim: "Eu não posso criar mais nada, aí você me dá um tempo para eu fazer um orçamento". Eu já sabia que ia dizer não, posteriormente ela mandou o orçamento, seis mil reais. A peça desse tamanhozinho.* [fazendo gestos de peça pequena com as mãos].

Pesquisadora*: É, e assim só para finalizar Sr. Osmar, aonde que é confeccionado o terço?*

Entrevistado 06*: Na mesa do tanque lá de casa. Aí vai amontoando, vai cortando as peças miúdas, depois, ao longo do tempo, vai sendo montado para a varanda da minha casa. Minha casa vira um ateliê, uma verdadeira bagunça!*

Pesquisadora*: (risos) Por isso que eu estou perguntando, porque é grande o terço e as peças maiores?*

Entrevistado 06*: Não. As peças maiores, como a medalha e a cruz, saem direto da oficina lá para cima, não passa lá em casa.*

Pesquisadora*: Entendi. Lá para o campinho do Convento que o Sr. fala?*

Entrevistado 06: *É. As peças de metal, como são pequenas, ficam tudo em uma caixa, sabe? Lá em casa mesmo.*

Pesquisadora*: Então hoje vocês fazem de E.V.A?*

Entrevistado 06: *Não. Eu fiz um de E.V.A, que eu reaproveitei esse ano até, mas já usei isopor, cipó, alumínio, madeira.*

Pesquisadora*: Cada ano é uma? O que der para fazer vocês utilizam?*

Entrevistado 06*: É.*

Pesquisadora*: Entendi. Aí montar mesmo ele, montar ele é no campinho?*

Entrevistado 06: *A montagem é tudo lá em cima. Não pode.*

Pesquisadora*: E vocês fazem isso no sábado?*

Entrevistado 06: *Não. Sexta-feira Santa.*

Pesquisadora*: Ah, na sexta feira vocês montam e no sábado vocês penduram?*

Entrevistado 06: *Eu já tentei me colocar para montar em um galpão, tipo na escola de samba aqui da MUG*[34] *e o caminhão levar, mas no transporte ele sofre. Ele pode soltar, então não dá para levar ele pronto. Ele tem que montar lá, é difícil, você começa montar as 18 horas e termina meia noite, 01 hora da manhã.*

Pesquisadora*: E assim para finalizar, o que o senhor considera de importante da Festa da Penha para o estado, para nossa cultura. Em que você acha que isso é importante?*

Entrevistado 06: *A importância é que sempre traz à memória do povo a origem do próprio estado. A Festa da Penha está vinculada justamente com o nascedouro da civilização capixaba, do povo de Vila Velha, Vitória, que na verdade começa a partir daí. Então traz sempre de volta, de novo celebrando o início da vida cristã, o início da vida como um todo, da colonização do país, e do Espírito Santo, da capitania aqui do estado. Então a Festa é vinculada justamente à história, faz parte da história como tal. Em questão de hino, os donatários, enfim. Bom, é sempre a mãe que acolhe, quem foi a frente fui eu, e que trouxe a própria mãe. Quer dizer, não trouxe a mãe biológica, mas trouxe a mãe espiritual. E a mãe sempre esteve junto com o filho e formou esse povo que está aqui.*

Pesquisadora*: Entendi. E o senhor conhece alguém que acha importante de conversar?*

Entrevistado 06: *Tem. A família da Conceição Zampiere, que o pai dela era sacristão lá daquela época. E foi ele que plantou as duas palmeiras. Tem um zilhão de história para contar, porque a família se formou lá em cima. Eles nasceram lá naquela casa. Ele já morreu há muito tempo, e a mulher dele vai fazer noventa e sete anos agora.*

3.6.7 Entrevista número 07: A movimentação de turistas e devotos durante a Festa da Penha

Durante o tempo que estive em campo, com o intuito de dar visibilidade àqueles que trabalham na Festa e servem aos devotos e turistas que circulam pelos espaços, fui conversando com muitos funcionários do Convento. Normalmente, eles me citavam o senhor Felisberto, por ser o funcionário mais antigo do Convento e já ter vivido muitas Festas,

[34] Refere-se a escola de samba com sede no município de Vila Velha, bairro Glória. MUG – Mocidade Unida da Glória.

servindo a todos que passavam pela cantina do Convento.

Nesse sentido, na busca do contato do senhor Felisberto, estive no Convento algumas vezes para entrevistá-lo, mas infelizmente não consegui encontrá-lo, por conta de seu horário de trabalho que é em regime de escala. Ao conseguir seu número de telefone, ele me sinalizou um dia de menor movimento no Convento, fora do horário de missa, em que ele poderia me ceder a entrevista. O objetivo dessa entrevista é de obter o ponto de vista de um dos funcionários da cantina, que vislumbram toda a movimentação do Convento em todos os períodos do ano.

Data do arquivo: 06/11/2019
Duração: 09 min
Entrevistadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistado: Sr. Felisberto Santos

Pesquisadora: *Meu nome é Luciane, como eu informei ao senhor, meu objetivo aqui no Convento é conversar com as pessoas que vivem aqui um pouco sobre a festa da penha, como é a rotina do senhor trabalhando aqui no Convento. E primeiramente queria pedir autorização para gravar essa entrevista, o senhor me concede?*

Entrevistado 07: S*im, sem problema.*

Pesquisadora: *Há quanto tempo o senhor trabalha aqui no Convento?*

Entrevistado 07: *Há vinte e três anos*

Pesquisadora: *Vinte três anos então que o senhor acompanha toda essa movimentação aqui no Convento, não é? E como é o dia a dia do Convento?*

Entrevistado 07: *Todo ano tem muita gente aqui, muito turista, gente que vem de longe. Esse ano está tendo mais do que o ano passado. Parece que tá aumentando.*

Pesquisadora: *E a Festa da Penha, o que o senhor acha mais interessante na Festa, dessa movimentação toda que acontece?*

Entrevistado 07: *A festa aumentou muito também a participação das pessoas, você vê que as missas não são mais aqui em cima, já são lá embaixo, porque não cabe mais aqui.*

Pesquisadora: *Quando o senhor começou a trabalhar aqui a Festa era só aqui em cima?*

Entrevistado 07: *Era só aqui em cima, as missas a festa era tudo aqui, agora na cabe mais o pessoal.*

Pesquisadora: *E isso afeta o funcionamento da cantina? Vocês tiveram que mudar horário, por exemplo?*

Entrevistado 07: *Não, tranquilo, trabalho normal.*

Pesquisadora: *Mas, por exemplo, durante a Festa funciona num horário diferente, tem dia que abre a noite?*

Entrevistado 07: *Então, nos dias que tem missa à noite, a gente atende também, no contrário, é só durante o dia mesmo.*

Pesquisadora: *E a movimentação, precisa contratar pessoal extra para poder ajudar?*

Entrevistado 07: *Sim, durante a Festa sim, sempre vem diarista ai, um, dois para ajudar, porque é muita gente para atender.*

Pesquisadora: *E o senhor participa da Festa?*

Entrevistado 07: *Não tem como, estou trabalhando o tempo todo.*

Pesquisadora: *Mas mesmo não participando, imagino que o senhor vê muita coisa, teve algo que já aconteceu que te emocionou, que te admirou muito aqui?*

Entrevistado 07: *Olha, já vi várias vezes as pessoas subindo de joelhos por essa estrada aqui [aponta para a ladeira da penitência que é calçada de pedras muitas vezes chegam aqui com o joelho esfolado, calça jeans rasgada, joelho todo machucado e não é gente nova não viu]*.

Pesquisadora: *É um negócio que impressiona muito, né?E o senhor conhece muita gente que trabalha na organização da Festa?*

Entrevistado 07: *Conheço todo mundo, conheço bastante os voluntários, pelo nome ninguém, mas fisionomia quase todo mundo, porque eu estou sempre aqui, eles também. Eles estão sempre aqui na cantina.*

Pesquisadora: *E é comum o senhor ver gente que não é católica durante a Festa? Talvez pela conversa, o jeito enfim.*

Entrevistado 07: *Vejo sim, vem evangélicos, pessoas de outras religiões, vejo sim. Vem gente de tudo quanto é tipo de religião vem aqui. Porque também aqui é um ponto turístico.*

Pesquisadora: *E antes do senhor trabalhar aqui, costumava vir a Festa?*

Entrevistado 07: *Eu antes de trabalhar aqui eu vinha, sim. Vinha na Romaria dos Homens a pé da Catedral para cá [*fazendo menção ao Convento*], mas agora não tem como mais.*

Pesquisadora: *E como o senhor começou trabalhar aqui?*

Entrevistado 07: *Eu comecei trabalhar aqui através do meu irmão, ele trabalhava na coroa e vinha fazer entrega aqui em cima, porque antigamente vendia cerveja lá em cima, vendia tudo, e aí ele conseguiu para mim, na época conversou com o Frei Bertolino. O bar era lá em cima, onde é o museu hoje. Eu trabalhava lá e de lá mudamos para cá.*

Pesquisadora: *Entendi. E me conta o que de mais diferente o senhor já presenciou? Tanto triste, ruim como algo bom, coisas que te chamaram atenção.*

Entrevistado 07: *Olha, o que mais já me impressionou aqui foi o falecimento de um visitante. Ele era de Minas, veio visitar aqui, conhecer, subiu a pé, me disseram que ele já tinha feito duas pontes de safena, chegando lá em cima, ele olhando a vista desmaiou e acabou falecendo na hora.*

Outro dia um cara que mexe com o palanque aqui também, ele tava ali sentado tal, eu acho que se envenenou, não sei, e faleceu no palanque.São muitas coisas que a gente vê aqui.

Pesquisadora: *Muito triste, não é? E vocês acabam vendo isso tudo. O senhor acha que a Festa é importante? Mesmo para quem não é católico? Ou só mesmo para os católicos?*

Entrevistado 07: *Eu acho que para todo mundo, porque é um jeito de trazer gente para nosso estado, vem muita gente de fora, pessoal da Canção Nova*[35]*, isso é bom, a gente vai sendo reconhecido.*

Pesquisadora: *Entendi. E antes de encerrar, porque eu sei que o senhor está no seu horário de trabalho e não quero atrapalhar. Eu vi que tem uma barraca a parte da lanchonete que funciona só no período da Festa, que fica ali perto do mirante principal, vocês que tomam conta de lá também?*

Entrevistado 07: *Tem sim, tem o barracão como a gente chama, faz parte também, mas lá os voluntários trabalham de graça para ajudar o Convento.*

Pesquisadora: *E, aqui, a gente sabe que a movimentação é o tempo inteiro, todos os dias tem muita gente, mas durante a Festa aumenta muito essa movimentação?*

Entrevistado 07: *Com certeza, como tem as missas à tarde, e toda hora tem gente subindo e descendo, o serviço triplica.*

[35] A Comunidade Canção Nova é um corpo associativo de fiéis católicos carismáticos, formado de mulheres e homens; jovens e adultos; solteiros, casados e celibatários, sacerdotes e diáconos, que assumem a vivência mais radical da consagração a Deus feita nos sacramentos católicos (Batismo e na Crisma), em função do apostolado, numa vida em comunidade, conforme o estado de cada um. Fonte: https://www.cancaonova.com/

Pesquisadora: *O senhor me disse que vinha como visitante, vendo essas pessoas subindo e descendo as ladeiras do Convento, vindo aqui na cantina... te remete a lembranças do passado? Me conta aí uma historia de lembrança do senhor de quando vinha aqui como visitante.*

Entrevistado 07: *Sinceramente eu nem lembro direito, [risos], várias vezes eu fui na Romaria dos Homens, então eu lembro assim que, não sei hoje, mas uma vez que deixou marcado. Nós chegamos no portão ali, o portão estava fechado, começou um tumulto ali o guarda deu uns tiros para cima, pessoal saiu meio que caindo, um passando em cima do outro, derrubando as barraquinhas, é uma das recordações que tenho*.

Pesquisadora: *Entendi. Hoje o senhor já tem filho? É casado?*

Entrevistado 07: *Sim. Sim.*

Pesquisadora: *Então, por exemplo, quando o senhor vinha, já era casado?*

Entrevistado 07: *Ainda era solteiro.*

Pesquisadora: *Senhor tem quantos anos de casado?*

Entrevistado 07: *35 anos.*

Pesquisadora: *E o senhor vinha sozinho*?

Entrevistado 07: *Sempre vinha eu, meu irmão, um amigo que hoje em dia é até evangélico, meu primo. A gente saia do Aribiri, várias vezes nós íamos. Nós íamos para Catedral e voltava acompanhando a Romaria.*

Pesquisadora: *Estão te chamando, não é? Então agradeço Sr. Felisberto a atenção, desculpa atrapalhar viu e um bom trabalho para o senhor.*

Entrevistado 07: *Que isso eu que agradeço.*

3.6.8 Entrevista número 08: A Festa da Penha e o envolvimento da Prefeitura Municipal de Vila Velha

Mazoco, como é conhecido por todos, é integrante da Comissão Estadual de Folclore do Espírito Santo. Atualmente ocupa o cargo de Subsecretário na Secretaria de Cultura da Prefeitura Municipal de Vila Velha. Ele é a figura responsável por gerir a programação cultural que ocorre durante a Festa da Penha. Conforme já mencionado no capítulo 2 desta dissertação, concomitante a programação religiosa, também existe uma programação cultural que visa apresentar e divulgar a cultura local.

Nessa entrevista, é possível identificar aspectos de conflito entre as instituições que atuam na Festa, principalmente, por se tratar de uma Festa de grande adesão no estado e que movimenta financeiramente o município de Vila Velha e parte dos demais municípios.

Data do arquivo: 26/11/2019
Duração: 31 Min
Pesquisadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistado: Eliomar Carlos Mazoco

Pesquisadora*:* *Então Mazoco, como eu tinha te falado eu estou fazendo uma pesquisa de mestrado, e o meu mestrado vinculado ao IPHAN. E aí, dentro das demandas que a superintendência do Espírito Santo tem, é dar andamento a uma pesquisa sobre a Festa da Penha e o potencial dessa Festa enquanto Patrimônio Cultural do Estado, eu estou buscando, as instituições, pessoas que tenham conhecimento, estejam envolvidos de alguma forma e possam contribuir para a minha pesquisa. E aí, assim, existem dois caminhos, na verdade, que eu preciso da sua ajuda e da sua contribuição. Uma delas é voltada para questão do Congo, para o envolvimento do Congo. E a outra, é saber o envolvimento da Secretaria de Cultura na Festa da Penha. Então eu queria começar. Com você me falando um pouco da sua história. Como que você veio parar aqui na Secretaria de Cultura, sua formação.*

Entrevistado 08*:* *Eu sou formado em História, e sou folclorista, me limitei na área cultural. Você assistiu um videozinho da Festa da Penha, que a gente fez?*

Pesquisadora*:* *Da Prefeitura?*

Entrevistado 08*:* *Não, não. Da comissão do folclore.*

Pesquisadora*:* *Da comissão, não. Não tive acesso.*

Entrevistado 08*:* *Eu acho que está no site da comissão. Depois eu vou verificar aqui pra você assistir. É um video com retorno do Professor Gulherme dos Santos Neves, sobre a Festa da Penha. Aqui na prefeitura, a gente é responsável pela programação cultural da Festa. A Festa tem uma programação religiosa, que é feita pela Igreja, pela Arquidiocese com o guardião do Convento, e tem uma programação cultural. Antigamente era chamada de pagã. Festa pagã que é montagem da estrutura lá da alimentação, uma praça de alimentação e uma estrutura para a venda de produtos artesanais religiosos. Além de uma programação cultural que a gente faz nesse espaço com artistas da cidade.*

Pesquisadora*:* *Entendi. Aquela feirinha que fica então ali embaixo na prainha*

Entrevistado 08*:* *Isso!*

Pesquisadora*:* *É a prefeitura que organiza?*

Entrevistado 08*:* *É a prefeitura que organiza. Além dessa parte, a gente faz toda a logística que a cidade exige para a Festa. Toda mudança de trânsito quer seja feita na região da Prainha ou no resto da cidade quando chegam as procissões. Tudo é feito conosco aqui pela prefeitura. Trânsito, guarda-municipal, costura, que é o controle de ambulantes na região da Prainha. E, também, através da Secretaria de Turismo, que é a divulgação da Festa para destinos turísticos e uma pesquisa que geralmente a gente faz pela economia criativa junto com o turismo para é para ver o perfil dos visitantes que vem à Festa da Penha.*

Pesquisadora*:* *Que legal! Vocês fazem uma pesquisa. Mas isso é anualmente que vocês fazem?*

Entrevistado 08*:* *É, essa pesquisa está com dois anos seguidos. Nos últimos anos, ela não foi realizada. Geralmente essas pesquisas voltadas ao turismo no Espírito Santo são feitas pela Secretaria de Estado do Turismo. Tanto pesquisa de fluxo que determina a quantidade de pessoas, quanto a pesquisa de perfil que determina quem é turista, quem não é, qual o gasto do turista, qual a opinião dele sobre a Festa. Então, nos últimos dois anos, tem feito essa pesquisa de perfil, porque ela é mais barata e a gente consegue com uma boa assessoria executar ela pela prefeitura.*

Pesquisadora*:* *Entendi.*

Entrevistado 08*:* *A pesquisa de fluxo, que é a quantidade de turista que vem, é uma pesquisa muito cara. Então a prefeitura não tem recursos, nem gente técnica para isso. Então nessa precisamos da parceria do governo do estado, que por ele é possível contratar.*

Pesquisadora*:* *Entendi. E qual o perfil que vocês tem nesses dois anos analisados? O que vocês tem percebido?*

Entrevistado 08*:* *Olha, eu vou pedir depois que o pessoal do turismo pra te entregue o resultado da pesquisa para você trabalhar, mas, em linhas gerais são poucos os que são turistas no sentido clássico. Que vem de outros estados que se hospedam e que ficam na cidade mais 24 horas. Deveria ter mais, por se tratar de uma Festa tão grande como a Festa da Penha, nesse sentido ai, acho que a Prefeitura pode ajudar muito para expandir a visão turística da Festa.*

Pesquisadora*:* *Entendi.*

Entrevistado 08*:* *Então, na verdade a cidade recebe bastante devotos e romeiros, que vêm à cidade e geralmente retornam no mesmo dia. E isso é mais de 90% do público que vem a Festa da Penha. Há uma medição que fala em torno de dois milhões, dois milhões e meio de pessoas, mas essa medição é feita pela PM, (Polícia Militar). A gente não tem certeza desses dados, porque nunca foram apresentadas planilhas de como é que esses dados são levantados. Da mesma forma que a quantidade de pessoas previstas na Romaria dos Homens, também é um dado que vem por parte da PM. E eles devem ter lá, nunca descobri como eles medem. Já tentei falar com eles. Mas aí aparece no jornal: Ah, deu 60.000, aí os jornalistas acham esses números não sei aonde. Esse é um dado que é importante para você fazer, daí é importante a parceria com o Governo do Estado. Fora isso a gente tem um público que é, basicamente classe C e D. É um público que não realiza muitas despesas, realiza despesas básicas de alimentação, de compras de algum suvenir, lembranças. E faz a despesa com seu deslocamento e alimentação, então nós temos essa preocupação de tentar fazer com que boa parte se tornem turistas na cidade. O que é ser turista na cidade? É ficarem o tempo de permanência vinte e quatro horas, se possível se hospedando, e consumindo produtos e serviços na cidade. Esse número é muito pequeno ainda. Tanto a prefeitura, ainda, a gente não tem uma (embora eu confesso que não tem estudos precisos), mas a gente não tem nada que indique uma entrada de recursos nos cofres públicos vultuosos por conta da Festa. E a gente tem o setor empresarial da cidade que reclama muito que as pessoas não lucram com a Festa, os hotéis não enchem, os restaurantes não vendem. Quer dizer, tirando aquele público daquele comércio que está localizado ali no sítio histórico da Prainha, que tá mais próximo de ser acessado, fora dali, a cidade não tem nenhum retorno com a Festa da Penha, entendeu? Então o comércio da Praia da Costa não vende, os shoppings não vendem mais, os hotéis não vendem. A gente tem um projeto chamado "Selo do Turismo Religioso" que é uma tentativa da prefeitura junto com pessoal dos empresários da cidade de fazer com que esse devoto se transforme em turista. Permaneça mais tempo na cidade, se locomova pela cidade, visite outros pontos turísticos na cidade. E aí esse tempo de locomoção dele de permanência na cidade ampliando, evidentemente aumenta a despesa dele na cidade.*

A despesa ainda é muito baixa e basicamente esse é o perfil desse pessoal que frequenta, do público da Festa da Penha. Pessoas capixabas, dos 90%, quase 60, 70% da Grande Vitória. Então é aquele que a gente chama de bate e volta. Ou mesmo o que vem do interior, vem de manhã, não de ônibus, na Romaria, né? Vai na missa. Passeia de tarde ali,

no campinho, na prainha mesmo e depois pega o ônibus e volta para casa. Ele não circula pela cidade, não faz turismo pela cidade, entendeu?

Pesquisadora: *Entendi.*

Entrevistado 08: *Aí é um turismo bem focado mesmo no turismo de um devoto religioso.*

Pesquisadora: *Eu lembro que ali na Prainha, durante os anos que eu acompanhei a Festa, que acontece uns shows à noite, isso também é a prefeitura?*

Entrevistado 08: *É. Os shows culturais são da Prefeitura. Mesmo o show cultural que tem no dia do encerramento que geralmente é com um Padre cantor é a prefeitura que arca. E a gente procura fazer uma programação cultural para poder incrementar.*

Pesquisadora: *Incentivar as pessoas a permanecerem?*

Entrevistado 08: *A permanecerem e também para criar uma boa vitrine de amostra dos nossos artistas da cidade.*

Pesquisadora: *E como vocês selecionam esses artistas que se apresentam? É uma inscrição?*

Entrevistado 08: *Nós temos um cadastro de artistas daqui da Prefeitura na Secretaria. Vai sempre de acordo com a disponibilidade financeira. Uns mais caros e outros mais baratos, dependendo da disponibilidade financeira do ano, a gente tem um perfil de cachê que a gente se adapta a esses artistas.*

Pesquisadora: *Entendi.*

Entrevistado 08: *Agora a gente tem vontade de ampliar essa atividade cultural, inclusive trazendo artistas de nome nacional, porque ajuda a divulgar a Festa para além do ambiente do Espírito Santo. A festa é muito pouco conhecida fora da rede aqui do estado. A Festa da Penha é a terceira maior festa Mariana do Brasil. A primeira é a de Nazaré, Círio de Nazaré, a segunda de Nossa Senhora Aparecida. E a festa da Penha é desconhecida nesses outros locais, nós conhecemos, sabemos que ela ocorre, mas lá eles não conhecem a Festa que a gente tem aqui.*

Precisa achar uma forma de divulgar, contando com o visitante, com as redes sociais e, se possível, com a programação cultural de nível nacional, que permita uma divulgação também de nível nacional. É uma divulgação também que é cara, a prefeitura não tem recurso para fazer propaganda na mídia nacional chamando as pessoas para virem para a Festa da Penha.

Pesquisadora: *Sim.*

Entrevistado 08*:* *Do ponto de vista do poder público, nós não temos quando falamos de prefeitura recurso para isso, porque é caro. Então a gente também depende de uma parceria com o governo do estado para isso. Para poder estar divulgando a Festa e trazendo turistas, no sentido tradicional da palavra, para a cidade. Do ponto de vista da Igreja, talvez isso não seja uma necessidade, porque a Igreja não tem necessidade de turista, tem necessidade de devotos. E os devotos já vêm: dois milhões, dois milhões e meio. Então não tem que se preocupar em divulgar mais a Festa, porque ela já recebe uma quantidade de devotos enorme, que quase já não dá mais conta. E, também, não é uma preocupação da Igreja em divulgar como a gente sempre faz.*

Pesquisadora*:* *Eu ia te perguntar se ocorre diálogo entre Prefeitura e os Freis?*

Entrevistado 08*:* *Nós temos o diálogo entre a prefeitura com o guardião do Convento.*

Pesquisadora*:* *Frei Paulo?*

Entrevistado 08*:* *Frei Paulo do Convento. Nós planejamos juntos as atividades da Festa. A Festa da Penha aqui no estado, atualmente é organizada pela Mitra Arquidiocesana que tem uma empresa que faz isso. Aí, eu não estou falando agora como secretário, estou falando como uma pessoa, como pesquisador. Não acho que tenha muito boa vontade da Mitra, dessa empresa em abrirem.*

Pesquisadora*:* *Para incluir essa questão cultural?*

Entrevistado 08*:* ***É. P****orque eles já têm tudo muito certo para eles, entendeu? A Igreja já tem os patrocinadores. A Igreja não gasta praticamente recurso nenhum, tudo é patrocinado. Ou pela prefeitura ou pelas empresas que vão para o palco. E ela já ganha muito, recebe seus dízimos, vende suas lembranças. Também a gente não se mete nessa parte da Igreja, ela não abre esse assunto para prefeitura e a prefeitura também não pergunta e fica com a nossa parte, mas quando a gente viu os exemplos, por exemplo, do Danilo Pará*[36]*. Houve um seminário aqui agora de turismo, o rapaz do Círio veio. E lá a gente percebe que é diferente... Eles tem até uma Pastoral do Turismo. Que já é uma preocupação em que a Festa traga turista, que a Festa seja uma Festa religiosa, mas também seja uma Festa cultural para Belém. A gente vê lá, que eles têm essa preocupação de que a Festa dê esse retorno financeiro e reconhecimento a cidade.*

Pesquisadora*:* *Entendi.*

[36] O Entrevistado está se referindo a um evento que foi organizado pela Secretaria de Cultura da Prefeitura de Vila Velha, nesse evento teve a participação de um dos envolvidos com a Festa do Círio de Nazaré que ocorre em Belém/PA.

Entrevistado 08*:* *Aqui, a Festa da Penha se purgou desses elementos, assim, festas mais populares, se concentrou mais em no aspecto religioso. É diferente, lá no Pará não é assim, quando termina o Círio, a procissão do Círio, a cidade é tomada, vão ter mesmo o Carnaval Gay. Um desfile legal, festas técnico-brega na cidade inteira. Virou rock, não é? Não é o nosso caso aqui. Antigamente, quando eu era criança até era. A festa da Penha era quase que quatro dias de carnaval de novo, pra gente. Mas isso quando eu era, quarenta anos atrás. Isso mudou muito, hoje o perfil é esse, e essa é nossa preocupação.*

Pesquisadora*:* *Você acha que isso mudou assim, você como pesquisador, tem uma noção, uma ideia do que pode ter acontecido no caminho que fez essa mudança?*

Entrevistado 08*:* *Tenho. A igreja acho que os últimos bispos aí mais taciturnos. Então, eles foram purgando a Festa desses elementos, entendeu? A imagem da santa, por exemplo: hoje não tem um papel tão grande na Festa como tinha. Porque a santa sempre voltava de noite para o campinho, pararam com essa volta dela. Ela sempre tinha muitas miçanguinhas que as pessoas tiravam pra colocar no braço, fazer aquela pulseirinha, ficava amarrado na Santa. As pessoas traziam flores pequenas para jogar. Muito da tradição se perdeu. Se perdeu por questões da urbanidade, do mundo moderno, mas também porque não houve interesse em se preservar uma tradição. Então ela ficou muito circunscrita, eu acho, nesses últimos quinze anos, essa questão religiosa, ela foi purgada muito de elementos da cultura popular, com exceção das Bandas de Congo, principalmente, as bandas daqui da Barra do Jucu, Bandas da Serra, Bandas de Vitória, também sempre participam. Amores da lua, por exemplo, é uma Banda de Congo que sempre veio, há anos, há décadas vem na Festa da Penha. Então é uma devoção grande, é uma relação grande dos Santos, das bandas de Congo, que embora seja São Benedito, São Sebastião, também tem uma relação com a santaria toda. Principalmente Nossa Senhora da Penha.*

Pesquisadora*:* *Eu percebi também que de uns anos para cá, sendo mais preciso acho que de três anos para cá, porque antes não tinha na programação, eles vinham, mas não existia uma Romaria das Bandas de Congo. E agora recentemente eles incluíram uma Romaria. Você sabe a respeito?*

Entrevistado 08*:* *É. Com Frei Paulo e um grupo que organiza Congo aqui na sede de Vila Velha, eles criaram, resolveram criar uma Romaria, um mastro pra fincar e tal. Mas não sei ainda se pegou não. As coisas no folclore e da tradição demoram um tempo. Mas sempre houve a presença dos Congos no dia da Festa.*

Agora, eles vêm, por exemplo, na segunda-feira, mas tem cidade que não era feriado. Agora é porque é estadual. Tinha Banda de Congo que só podia vir no sábado ou no domingo, então eles não necessariamente vinham juntos no mesmo dia. Então há essa vontade aí de se organizar uma vinda conjunta deles no mesmo no mesmo dia, mas ainda está engatinhando, eu acho.

Pesquisadora: *E existe uma relação da Festa com o carnaval de Congo que acontece em Roda D'água?*

Entrevistado 08: *Não. Na verdade, o carnaval de Roda D'água, o Congo de Máscaras, ele acontecia antigamente em três ocasiões: no Domingo de Ramos, no Domingo de Páscoa e na segunda feira da Festa da Penha. Mas nunca teve imagem da Penha. Isso aí é uma coisa recente, entendeu?*

Pesquisadora: *Ah, é?!*

Entrevistado 08: *Nunca teve missa, imagem, nunca teve nada disso. A festa era no dia da Penha porque era feriado.*

Pesquisadora: *Ah, sim. Eles usavam o dia.*

Entrevistado 08: *É. As pessoas estavam lá em Novo Brasil, Roda D'água, longe daqui,* [entrevistado refere-se ao município de Vila Velha], *aí era o dia de feriado e eles faziam a festinha deles lá. Mas era a terceira. Aquela festinha dos mascarados era sempre feita no Domingo de Ramos, no Domingo de Páscoa e na Festa da Penha que era feriado. Então aqui tá ligado mais a uma tradição local. Não a uma festa. Atualmente é que tem uma imagem de Nossa Senhora da Penha, fazem missa, isso é alguém da prefeitura que colocou.*

Isso é um problema sério. Toda prefeitura, muda o prefeito e aí coloca um Secretário que acha que vai reinventar tudo. Aí isso tudo é novidade. Você lê lá no meu livro de 1983, não tem nada.. E os próprios mestres da época falavam que é no dia da Festa de Nossa Senhora da Penha, porque é feriado, não tem nada haver com Nossa Senhora da Penha. Foi desde o Cabo Camata, que era prefeito, aí ele inventou esse negócio da santa e tal. Incluiram aqui essa procissão no mesmo dia também, o pessoal de Cariacica reclamou, inclusive, comigo: "Poxa, vocês estão querendo esvaziar nossa festa fazendo uma procissão para o Convento no mesmo dia". Eu falei: "não sou eu que estou fazendo não, não tenho nada com isso não. Os Congos vão onde eles querem". (risos). Agora todo mundo sempre quer ir na

Festa da Penha, todo mundo sempre quer ir na Barra do Jucu[37]*, todo mundo sempre quer ir em Roda D'água*[38] *e aí fica difícil.*

Pesquisadora*:* *Fica esse conflito?*

Entrevistado 08*:*. *A gente vê, por exemplo, como que faz falta nesse exemplo, que você dá, a Secretaria de Cultura e de Turismo do Estado que não consegue coordenar para fazer delas atividades turísticas e culturais, entendeu?*

Para acontecer de forma organizada. Mas na verdade é uma falta de visão estratégica, de que essas coisas precisam ser incentivadas, muito grande.

Pesquisadora*:* *E seu livro Mazoco, ele está disponível? Eu consigo comprar?*

Entrevistado 08*:* *Não, não. Você só vai achar na biblioteca.*

Pesquisadora*:* *Entendi. Vou procurar então para dar uma olhada.*

Entrevistado 08*:* *Daqui a pouco tempo ele vai estar no site da comissão, mas não está ainda não.*

Pesquisadora*:* *É isso, te agradeço muito sua disponibilidade. Nós vamos mantendo contato.*

3.6.9 Entrevista número 09: A Festa da Penha e o envolvimento das bandas de Congo

Monica é formada em Engenharia Civil, atua e sua área, inclusive em restauro de edificações tombadas, trabalha também como professora universitária e é a atual diretora financeira na Associação das Bandas de Congo do Espírito Santo. Na Banda de Congo de São Benedito, dirigida pelo Mestre Nay, ela é voz e casaca. Monica é uma das pessoas responsáveis pela organização da Romaria dos conguistas que ocorre durante a Festa da Penha.

Data do arquivo: 15/10/2020
Duração: 51 min
Entrevistadora: Luciane Freitas da Silva
Entrevistada: Monica Dantas dos Santos

[37] Bairro inserido no litoral do município de Vila Velha que tem forte influência do Congo, nesse lugar possuem três bandas e todo ano ocorre uma Festa tradicional de fincada e derrubada do mastro.
[38] Bairro inserido no município de Cariacica, onde ocorre o Carnaval de Máscaras.

Pesquisadora: *Antes de iniciamos gostaria de te pedir autorização para gravar, lembrando que minha pesquisa é sobre a Festa da Penha e gostaria de conversar com você um pouco sobre a Festa.*

Entrevistado 09: *Pode gravar sim*.

Pesquisadora*: Para começar eu queria saber como é seu contato com o congo? Desde quando começo?*

Entrevistado 09: *Eu sou integrante da banda de congo mestre São Benedito comandada pelo mestre Nay, ele está na banda desde 1999, eu entrei na banda em 2007, foi quando conheci o mestre Nay. Então eu participo da banda de congo desde 2007 e em 2010 montamos uma associação cultural, com CNPJ, para que pudéssemos ir atrás de recursos, editais, essas coisas todas para conseguir melhorar o trabalho. Na associação, eu sou diretora financeira, na banda de congo eu sou voz e casaca e coordeno toda essa parte de eventos.*

Pesquisadora: *E como que surgiu essa relação com a Festa da Penha, alguém da organização da festa procurou vocês? Ou vocês que procuraram eles?*

Entrevistado 09: *O que ocorre é que desde 1998, 2000. Não sei exato a data, mas tinha a benção dos tambores, na segunda, dia de nossa senhora mesmo*.

Pesquisadora: *Como ocorria nas outras gestões, como ocorriam as negociações?*

Entrevistado 09: *A benção dos tambores já ocorria antes, há muitos anos, então não tivemos problemas com os gestores porque as bandas de congo do município de Vila Velha já participavam e lógico que tinha que cumprir o horário, não podia chegar fora do horário, pois, tinha os eventos após. E sempre fomos muito bem recebidos, faziam estandartes para o altar, camisas para os conguistas. Inclusive tem um Frei que desce com a gente tocando e cantando, sempre foi muito bacana, o Frei Pedro Oliveira. Agora, logo nas primeiras conversas para estabelecer a Romaria, houve uma preocupação da Mitra, se isso geraria algum tumulto, confusão. Porque as pessoas são mesmo muito animadas, cantam, tocam. Mas também nunca tivemos problemas com isso.*

Os problemas que encontramos é de disponibilização de verba, todo ano eu submeto projetos para conseguir verbas para trazer outras bandas para o nosso município. No ano de 2020, havíamos sido contemplados com um valor considerável, porém ocorreu aquela enchente no município de Iconha e a verba foi repassada para auxiliar as famílias

desabrigadas. Acabou que veio a pandemia e de qualquer forma não conseguiríamos executar, pois a Festa ocorreu no formato virtual.

Pesquisadora: *E como ocorre a organização para a vinda das bandas, todo custo é coberto pela associação?*

Entrevistado 09: *Não. Nós conseguimos inúmeras parcerias, no ano de 2019, por exemplo, os ônibus foram cedidos pela Ceturb*[39]*, e nós arcamos com despesas de lanches apenas. E tem toda a logística não é, porque estamos falando de pessoas idosas, com dificuldade de locomoção e também que não conhecem direito Vila Velha então precisam de acompanhantes. Por isso sempre deixamos uma equipe de apoio para distribuir os lanches, recepcioná-los, acompanhar eles durante todo o trajeto. É uma logística muito grande.*

Pesquisadora: *E eu vi que na segunda também ocorre a Festa em Roda d'agua, município de Cariacica, chamada o Carnaval de Congo e muitas bandas participam desse evento também. Como é feita a conciliação dos eventos?*

Entrevistado 09: *As bandas escolhem onde querem ir, tem banda que participa dos dois eventos, tem banda que participa em um ano de um evento, no outro ano de outro evento, nesse ano de 2019 a nossa banda também foi a Roda D'agua, porque Cariacica está dentro da região metropolitana, então, dava para aproveitar o ônibus, para os dois eventos, mas o que acontece, eles querem participar das duas festas! Então, nesse ano já que em Roda D'agua existe um desfile das bandas primeiro, mas o ponto alto é após o almoço, que é o momento que as bandas interagem e tocam juntas, fomos na parte da tarde para Roda D'água, mas é muito cansativo, ficar o dia todo na rua com os conguistas e ainda tem a subida para o Convento.*

E o que precisa ser pensado é que são Festas com contextos diferentes, a Romaria é religiosa, em Roda D'agua, a história de início da Festa foi em homenagem a Nossa Senhora, alguns contam que eles não conseguiram vir até o Convento e então criaram um evento na região, mas também tem a questão do João Bananeira, de andar mascarado, que faz menção ao carnaval. Tem várias vertentes entre os historiadores capixabas. No entanto, a Festa de Roda D'agua acaba tendo outro foco, de bagunça mesmo, muita bebida, muita gente fumando maconha. Na romaria é totalmente diferente, embora também tenha essas coisas, é outro foco.

[39] Ceturb: Companhia Estadual de Transportes Coletivos de Passageiros do Estado do Espírito Santo.

Pesquisadora: *Queria entender justamente isso, como esses grupos se relacionam, porque são diferentes, porém ao mesmo tempo estão juntos durante a Festa da Penha. Uma vez que o Congo é a representação do patrimônio imaterial capixaba e a Festa da Penha uma das maiores festas marianas do Brasil.*

Entrevistado 09: *É preciso lutar pela nossa cultura, não é fácil, não é fácil trabalhar junto, não é fácil conseguir verba, a cultura no nosso país é muito marginalizada, não temos verbas decentes, e ainda precisamos brigar por reconhecimento, porque sempre colocam o jargão de macumba, como se tudo fosse uma coisa só, mas entender que faz parte de nossa cultura e é preciso conhecer antes.*

Pesquisadora: *Falando nisso, qual a importância do congo para nosso Estado e também para a Festa da Penha, como você percebe isso?*

Entrevistado 09: *Eu acho que a abertura que a Mitra deu para participarmos, por intercessão do Frei Paulo, mostra a pessoa maravilhosa que ele é, porque muitas vezes essas aberturas dependem dos líderes religiosos, se não tiver diálogo fica impossível trabalhar junto. Não dá para negar que o local onde está concentrada a Festa é um santuário, tudo bem que é um Patrimônio Histórico, mas não deixa de ser um local onde as pessoas vão rezar. O congo faz parte da cultura popular do estado, esse sincretismo é algo fantástico e ideal para o mundo, não só para nosso estado e o país. E se pararmos para pensar, quanto mais a gente conseguir unir nossos patrimônios, mais os eventos ganham notoriedade, mais eles vão crescendo. Hoje a vontade do congo participando da Festa é contribuir para que a Festa seja a maior festa mariana do Brasil. Em 2018 mesmo fui junto com a Ana Maria da Mitra e o Frei Paulo na Assembleia Legislativa para entregar a solicitação de registro do dia de Nossa Senhora da Penha como feriado estadual, isso ajuda a conseguir trazer as bandas, a permitir que outras pessoas participem da Festa.*

Pesquisadora: *Falando um pouco sobre a banda em si, os componentes da banda. Você já se deparou com alguém que seja da banda, mas tenha outra religião e tenha participado da Festa?*

Mônica*: Já sim. Inúmeras* pessoas. *As bandas de congo tem pessoas de todas religiosidades, sempre teve. Vou te dar um exemplo, a mãe Paula ela é transexual, nasceu homem e se identifica como mulher, ela é dirigente da banda de congo de Fundão, ela é mãe de santo de um terreiro, e ela participa da Romaria. Ela é o exemplo de perfil que não tem*

nenhum vínculo religioso com a Festa, mas ela esteve em todas as Romarias, a gente chama e ela fala "Agora". O nosso Mestre mesmo, o Mestre Nay, ele é umbandista. Numa reportagem que vi uma vez sobre a Festa da Penha que a repórter fala e eu concordo, a Festa da Penha é o ápice de sincretismo religioso. Porque ela viu uma foto do Frei Pedro, ao lado do Mestre de uma das bandas com diversas guias penduradas no pescoço, eles tocando tambor, caixa e o Frei com sua veste católica. É muito comum você ter diversos tipos de pessoas participando das bandas, na nossa banda, temos evangélicos, temos umbandistas, candomblecistas, católicos, tocando seu chocalho, seu tambor e o mais importante lutando pela valorização da cultura popular do nosso estado.

Pesquisadora: *Acabou que surgiu uma dúvida, sobre algo que foi dito no início da nossa conversa. Você disse que desde 1998 o Congo participa da Festa com a benção dos tambores, certo?*

Entrevistado 09: *Não, na verdade a benção dos tambores, eu não sei exatamente se é essa data, ou anterior, a banda existe desde 1999. Em relação a Festa da Penha com a benção dos tambores deve participar desde 2005, e em 2017 a gente inicia a participação como Romaria.*

Pesquisadora: *Entendi. Como você entrou depois, talvez você não consiga me dizer, mas queria saber, se essa participação como benção dos tambores, se iniciou porque o congo procurou o Convento ou o Convento procurou o congo.*

Entrevistado 09: *Em um dos encontros que participei, eu vi que Beto Pego, responsável pela banda Tambores de Jacarenema, comentou que foi numa reunião, numa ida dele no Convento, conversaram sobre isso e iniciou a participação na Festa. Provavelmente foi a partir daí, não sei te afirmar com certeza, mas talvez você conversando com ele, ele possa te informar melhor.*

Pesquisadora: *Entrevistado 09, agradeço muito a sua disponibilidade, peço desculpas por não podermos nos encontrar pessoalmente, infelizmente estamos em tempos de pandemia e precisamos nos cuidar, mas sou muito grata a você por esse bate papo e queria te pedir o contato do Mestre Beto e do Mestre Nay, você pode me passar?*

Entrevistado 09: *Claro, passo sim, encaminho para você.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estado do Espírito Santo possui diversas expressões culturais, como edificações, composição física dos espaços das cidades mais antigas, crenças e modos de viver, que remetem à colonização portuguesa. Uma dessas manifestações é a festa católica dedicada à Nossa Senhora da Penha, na qual é possível perceber o valor que ela tem para os capixabas por meio da continuidade histórica e da transmissão geracional que a Festa proporciona.

Além disso, Festas em devoção à Maria são de tradição europeia, especialmente portuguesa, e estão relacionadas com a formação identitária do Brasil. Tais estas constituem uma relação de troca com o divino, nas quais são feitas em homenagem à Santa, como forma de agradecimento, de pagamento de promessas, além de trazerem à tona, um sentimento de cooperação e união entre os indivíduos da comunidade. São festas nas quais é incomum ver pessoas isoladas, geralmente são formadas por grupos familiares, de amigos e vizinhos, um dos elementos observados em campo foi a quantidade de jovens acompanhando gerações mais velhas, com idade para serem pais, até mesmo avós desses jovens, o que denota a participação de várias gerações.

Durante as observações realizadas em campo na ocasião da Festa da Penha nos anos de 2017 e 2018, foi possível perceber que essa festa movimenta todo o estado, principalmente, os municípios que compõem a Grande Vitória e consequentemente estão mais próximos do Convento da Penha. Outra questão que chama atenção é a adesão popular que a Festa apresenta, durante minhas andanças pelo Convento e adjacências, conversei com pessoas que circulam pelos espaços em que ocorrem as festividades e foi perceptível que a maioria tem o hábito de frequentar a Festa todos os anos, além disso, já frequentam tradicionalmente há muitos anos. Um fenômeno social importante observado está ligado à configuração da Festa, por um lado, são vistos grupos organizados em caravanas, com camisas que revelam de onde são, do outro lado, estão pessoas a caminhar sozinhas, fora de um coletivo, mas que se coadunam a esses grupos quando se colocam a cantar e rezar acompanhando alguns desses coletivos. Ainda existem aqueles que observam atentos a devoção expressa pela maioria das pessoas que circulam os espaços, contudo, ficam apenas no campo da admiração, uma vez que vão à Festa pela experiência coletiva e não religiosa. Esse ponto é importante para a reprodução dessa celebração, pois, os indivíduos são os responsáveis pela tradição do festejo e também da sua dinâmica cultural. Assim, a Festa da Penha só tem sentido enquanto indivíduos a reproduzem.

Um segundo fenômeno social observado está interligado com a placidez que os espaços transmitem aos participantes/ visitantes. Não só o Convento e seus entornos, mas todos os espaços utilizados, inclusive as ruas, são revestidos de uma energia que não é perceptível em dias comuns, embora sejam espaços também de circulação turística cotidiana. Ao chegar às quadras que se aproximam do Convento, já é possível perceber que está a ocorrer algo diferente por ali. Seja pela quantidade de veículos, principalmente, os ônibus de viagem, também pelos sotaques e fenótipos que revelam as origens de determinados grupos ou mesmo pelas barracas e carrinhos de ambulantes que circundam no espaço com o intuito de vender suas mercadorias.

Outro fenômeno social que chama atenção são as diversas formas de fé e devoção expressas pelo público que frequenta a Festa com esse fim. Existem aqueles que ostentam seus adereços contendo o nome ou símbolo da comunidade católica ao qual está associado ou a equipe que os mesmos estão inseridos, por exemplo, pastoral da acolhida e grupo de jovens. Outras pessoas não estão associadas a comunidades católicas, mas vão ao encontro da padroeira, por serem devotos à Nossa Senhora da Penha, e expressam seu afeto participando da Festa. Ainda tem aqueles que também não são católicos, mas têm uma relação de confiança com Nossa Senhora da Penha, encaminhando para ela seus pedidos de socorro, eles, por vezes, ocupam o espaço para agradecer por alguma graça alcançada. São, portanto, pelo menos, três vieses de devoção que estão unidos pela confiança na protetora dos capixabas. No entanto, são formas de expressão completamente distintas de uma para outra. Um exemplo é a Romaria dos Homens, que ocorre por um percurso longo, na qual é comum encontrar pessoas como uma vela ou um terço numa mão e uma lata de cerveja na outra, coisa que são vistas com um olhar pejorativo por muitos participantes, mas para outros é algo corriqueiro. Nessa perspectiva também encontram-se as pessoas em situação de rua que participam como expectadores expressando devoção ou não, e também se instalam na entrada no Convento, na parte baixa, para pedir ajuda àqueles que passarem por lá.

Tal pluralidade de vivências também é perceptível nas outras festas analisadas no primeiro capítulo desta dissertação, a saber: a Festa do Círio de Nazaré - PA, a Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis – GO e Festa do Divino Espírito Santo em Paraty – RJ. Apesar dessa diversidade, tanto nessas festas quanto na Festa da Penha, ocorre a tentativa, sem sucesso, de controle da Igreja Católica, expresso na programação da Festa para que se mantenha uma festa tradicionalmente apenas religiosa. A Festa da Penha, como outras celebrações, é, todavia, formada pelo anseio popular, das pessoas a integram. Esse fator é um

dos propulsores dos elementos culturais inseridos e que estão alheios à programação oficial. Inclusive foi muito comum em entrevistas, principalmente, com os representantes das entidades públicas que apoiam a festa, o relato de ausência de diálogo para inserir na programação religiosa algum evento cultural. No caso da Festa da Penha, essas agendas, por exemplo, ocorrem em horários distintos para evitar o conflito e não atrapalhar a programação religiosa. que já tem os horários e datas definidas. É, por exemplo, o que relata o subsecretário de Cultura do município de Vila Velha,

> com Frei Paulo do Convento. a gente planeja junt**o** às atividades da festa, a parte cultural. A Festa da Penha aqui no estado, ela é organizada pela Mitra arquidiocesana que tem uma empresa que faz isso. Eu não estou falando agora como secretário, estou falando como pessoa, como pesquisador. Não acho que tenha muito boa vontade da Mitra, dessa empresa em abrirem [...]. Porque eles já tem tudo muito certo para eles, entendeu? A igreja já tem os patrocinadores, a igreja não gasta quase recurso nenhum, tudo é patrocinado. Ou pela prefeitura ou pelas empresas que vai para o palco. E ela [se referindo a Mitra] já ganha muito, recebe seus dízimos, vende suas lembranças. Também a gente não se mete nessa parte da igreja, ela não abre esse assunto para prefeitura e a prefeitura também não pergunta e ficamos com a nossa parte, mas quando a gente viu os exemplos, por exemplo do Danilo Pará. Houve um seminário aqui agora de turismo. [...] o rapaz do Círio veio. E lá a gente percebe que é diferente, há uma Pastoral do Turismo. Que já é uma preocupação em que a festa traga turistas, que a festa seja uma festa religiosa, mas também seja uma cultural para Belém. A gente vê lá, que lá eles têm essa preocupação de que a festa dê esse retorno financeiro e de reconhecimento a cidade. (MAZOCO, 2019, p.07).

Segundo o historiador e subsecretário da Secult da PMVV, Mazoco (2019), antigamente a programação cultural inserida na Festa, era denominada de pagã, se referindo a estrutura que era montada para alimentação, uma, a venda de produtos artesanais e lembrancinhas e os shows com artistas da cidade.

Outra similaridade é o cortejo da imagem, que ocorre em todas as Romarias e na missa de abertura e encerramento da Festa, relembrando uma saudação que corrobora a memória cristã e também a lenda de aparição do quadro de Nossa Senhora das Alegrias no alto do morro entre as palmeiras, da devoção pela padroeira do estado, exercida pelos capixabas afirmando um imaginário construído e reforçado coletivamente. Tais elementos são importantes para considerar a proposição da Festa da Penha enquanto patrimônio cultural de relevância nacional.

Da mesma forma que é possível perceber o interesse comercial e turístico na Festa por parte de empresas e pelo poder público, que lucram com a circulação turística e rotatividade financeira no Convento da Penha, não só financeiramente, mas também com a divulgação do itinerário turístico que o estado possui. A venda de *suveniers* dos pontos turísticos do estado, de camisas, acessórios e também de alimentos que são próprios da culinária capixaba, também fazem parte das atividades da Festa. Segundo Eliomar Mazoco,

> a gente tem vontade de ampliar essa atividade cultural, inclusive trazendo artistas de nome nacional porque ajuda a divulgar a festa para além do ambiente do Espírito Santo. A festa é muito pouco conhecida fora da rede aqui do Estado. A festa da Penha é a terceira maior festa Mariana do Brasil. A primeira é a de Nazaré, Círio de Nazaré, a segunda de Nossa Senhora Aparecida. E a festa da Penha é desconhecida nesses outros locais, nós conhecemos, sabemos que ela ocorre, mas lá eles não conhecem a festa que a gente tem aqui (MAZOCO, 2019, p. 05).

Ocorre também a sobreposição de patrimônios no que tange a Festa da Penha, durante os nove dias de festividades, diversos cortejos, Romarias e missas saem de locais de reconhecimento cultural, tanto estadual como federal, é o caso da catedral Metropolitana de Vitória, da Igreja do Rosário de Vila Velha. Além disso, temos a participação das Bandas de Congo que são um símbolo cultural do estado do Espírito Santo, uma forte forma de expressão, e o próprio Convento da Penha. Uma vez que sua edificação é um dos bens primeiros bens, aqui do estado, reconhecido como Patrimônio Cultural, inscrito no livro de Tombo histórico e de Belas Artes. Há ainda, no âmbito patrimonial, a Mata Atlântica e a estrada que cerca o Convento e que fazem parte da rede de Proteção. Aspectos que foram abordados no segundo capítulo desta dissertação, no qual buscamos compreender os espaços da Festa da Penha, bem como a multiplicidade de momentos e pessoas que compõem a Festa nos diversos dias em que ela ocorre atualmente.

Numa perspectiva de produção de fontes orais, buscamos entender o papel da memória e da oralidade para a transmissão de tradições culturais religiosas. Nesse sentido, apresentamos oito entrevistas com pessoas que organizam e/ou participam da Festa. A escolha das figuras a serem entrevistas ocorreu devido ao interesse em documentar a Festa da Penha para além da perspectiva devocional. Para tanto, as entrevistas abordaram uma perspectiva de gestão e organização da Festa da Penha, levando em conta o potencial cultural, turístico e comercial da mesma. Tal foco temático ocorreu, pois já existe uma considerável produção documental e bibliográfica acerca da dimensão devocional e religiosa da Festa, consideramos então relevante abordar outras perspectivas que fazem parte da Festa, mas que não têm aparecido nas pesquisas realizadas.

Cabe ressaltar, por fim, que foram identificados, na Festa da Penha, fortes elementos a respeito da sua importância, tanto religiosa, quanto cultural e turística para o estado. A devoção a Nossa Senhora da Penha exibe subsídios fundamentais da identidade cultural dos capixabas, profundamente enraizados no cotidiano da população que participa e também daqueles que não participam diretamente, mas vivenciam as variações na cidade durante o período de Festa.

A Festa da Penha, igualmente, demonstra solidez no que diz respeito ao tempo de ocorrência. Os escritos produzidos até hoje indicam que a existência dessa Festa ultrapassa 400 anos. Nota-se isso, ainda, por meio da contagem de edições realizada pelos organizadores, que, por exemplo, demarcaram a Festa do ano de 2019 como a 449ª edição.

A Festa da Penha de Vila Velha – ES constitui um sistema complexo, que articula elementos religiosos e profanos. Ela instaura uma transformação não apenas na vida da sociedade local, como na vida pessoal dos participantes. Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo número 216, é definido que um bem integra patrimônio cultural brasileiro, quando representa referência de memória, ação e identidade coletiva. Considerando o envolvimento de toda cidade e municípios limítrofes, com os líderes religiosos, associações, entidades públicas e privadas, patrocinadores e a população em geral, o envolvimento é de grande escala e permanente, uma vez que, quando uma Festa acaba, a seguinte já começa a ser pensada. Tal evento resgata todos os anos a memória e o sentimento de identificação dessas pessoas com a Festa, interligando um acontecimento, em maior escala, religioso com a formação da história do Espírito Santo.

Todos os elementos supracitados caminham no sentido de asseverar que o objeto em questão merece atenção das instituições públicas responsáveis pela proteção e preservação dos bens culturais do país.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina; CHAGAS, Mário. **Memória e patrimônio** – ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: UNI-RIO: FAPERJ: DP&A Editora, 2003.

ALENCAR, Rívia Ryker Bandeira de. **Patrimônio Imaterial**: Fortalecendo o sistema Nacional. *Disponível em* http://www.crespial.org/pt/Noticias/Detalle/3351/patrimonio-imaterial-fortalecendo-o-sistema-nacional-sistematizacao-do-curso-unesco-brasilia. *Acesso em* 20 de agosto de 2019.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004

ARANTES, Antônio Augusto. **Produzindo O Passado: Estratégias de construção do patrimônio cultural.** São Paulo: Brasiliense ,1984.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tema ao quadro teórico. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BRASIL, Constituição (1988). **Constituição [da] República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1988.

CONVENTO, Nossa Senhora da Penha. **Convento de N. Senhora da Penha**. Editora Vozes limitada: Petrópolis, 1984.

_____. Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro, 30 de novembro de 1937.

_____. Lei nº 378 de 13 de janeiro de 1937. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1937.

_____. Lei nº 6757 de 17 de dezembro de 1979. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Brasília, 17 de dezembro de 1979.

_____. **Decreto nº 3551, de 04 de agosto de 2000.** Diário Oficial da republica Federativa do Brasil. 179º da Independência e 112º da República. Brasília, 4 de agosto de 2000.

_____. **Decreto nº 9278, de 15 de dezembro de 2017.** Diário Oficial da republica Federativa do Brasil. 179º da Independência e 112º da República. Brasília, 15 de dezembro de 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2007.

BURKE, Peter. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

CANABARRO, Ivo. **Fotografia, história e cultura fotográfica**: aproximações. Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p. 23-39, dezembro 2005.

CARNEIRO, Edsandra; DADALTO Zanete. **Os Festejos da Penha** – Uma Narrativa Bressoniana. XVII Prêmio Expocom 2010 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação: Vitória, 2010.

CARVALHO, Vânia Carneiro de; CARVALHO, Maria Cristina Rabelo de; LIMA, Solange Ferraz de; RODRIGUES, Tânia Francisco. **Fotografia e História**: ensaio bibliográfico. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Ser. v.2, p. 253-300 jan./dez. 1994

CASCUDO, Luís da Câmara. **Folclore do Brasil.** São Paulo: Global Editora. 1Ed Digital, 2016.

CASTRO, Maria Laura Viveiros de. Patrimônio imaterial no Brasil. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer, 9ª ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro (org.). **A invenção do patrimônio**: continuidade e ruptura na constituição de uma política oficial de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: IPHAN, 1995.

_____, Marcia Regina Romeiro. **Por uma história da noção de patrimônio cultural no Brasil.** Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Brasília, n.34, 2011, p 147-165. *Disponível em:* http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat34_m.pdf&gt. *Acesso em* 20 de maio de 2020.

DUTRA, Maria Vitoria de Moraes. **Centro Nacional de Referência Cultural**: o desconhecido acervo consagrado. 2017. 147 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) Programa de Educação Profissional, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Rio de Janeiro. 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História, tempo presente e história oral. **Topoi**. Rio de Janeiro, v.3, n.5, p. 314-332, dez., 2002.

FONSECA, Maria Cecilia Londres. **O Patrimônio em processo**. Trajetória do patrimônio federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ (IPHAN), 1997.

_____, Maria Cecília Londres. **Referências Culturais: Base para novas políticas de patrimônio**. Instituto de pesquisa econômica aplicada: Brasília. *Disponível em*

http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/politicas_sociais/referencia_2.pdf. *Acesso em 27 de março de 2017.*

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. 321p.

GINZBURG, C. **O Queijo e Os Vermes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

IPHAN**. Dossiê de tombamento Convento** - Igreja: Penha: Processo 232-T-40. Espírito Santo, 1943.

_____. **Inventário Nacional de Referências Culturais** – INRC: Manual de Aplicação. Brasília, 2000.

_____. Abertura solicitação de **Registro do Círio de Nossa Senhora de Nazaré: Processo Nº** 01450.010332/2004-07, 18 de agosto de 2004a.

_____. **Dossiê de Registro**: Círio de Nossa Senhora do Nazaré. Belém, 2004b.

_____. Resolução nº 01 de 03 de agosto de 2006. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília. 2006a.

_____. **Abertura solicitação de Registro da Festa de São Benedito:** Processo Nº 01500.000469/2006-74, 2006b.

_____. **Abertura solicitação de Registro da Festa do Divino Espírito Santo da Cidade de Paraty/RJ:** Processo Nº 01450.001502/2007-05, 25 de janeiro de 2007a.

_____. **Abertura solicitação de Registro Festa de Nossa Senhora dos Navegantes - Nova Porto XV - Bataguassu-MS:** Processo Nº 01401.000215/2007-13, de novembro de 2007b.

_____. **Abertura solicitação de Registro da Festa do Divino Espírito Santo de Pirenópolis - GO:** Processo Nº 01450.000715/2010-15, 27 de janeiro de 2010a.

_____. **Os sambas, as rodas, os bumbas, os meus e os bois:** Princípios, ações e resultados da política de salvaguarda do patrimônio cultural imaterial no Brasil. Ministério da Cultura: Brasília, 2010b.

_____. **Abertura solicitação de Registro da Romaria Diocesana Nossa Senhora do Pilar:** Processo Nº 01450.010814/2011-88, 26 de julho de 2011.

_____. **Portaria nº 486, 29 de novembro de 2012**. Aprova o Regimento Interno do Conselho Consultivo do Patrimônio Cultural. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, 29 nov. 2012.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História**. 2ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. Unicamp, 1990.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. **História Oral Como Fonte**: problemas e métodos. Historiæ, Rio Grande, 2 (1): 95-108, 2011. Disponível em: https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395. Acesso em 01 de abril de 2020.

MENEZES, Renata de Castro. **Devoção, diversão e poder**: um estudo antropológico sobre a Festa da Penha. 1996. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social)–Museu Nacional, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

_____. **A dinâmica do sagrado**: rituais, sociabilidade e santidade num convento do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2004. (Coleção Antropologia da Política, 31).eu te

MONGELI, Lenia Marcia. GOMES, Neide Rodrigues. **As Pastorinhas de Pirenópolis – GO**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2014.

NORA, Pierre. **Entre memória e História, a problemática dos lugares**. *In Projeto História*, 10. São Paulo, 1993.

OLIVEIRA, Jose Teixeira de. **História do Estado do Espírito Santo**. 3.ed. Vitória: Arquivo publico do Estado do Espírito Santo: Secretaria de Estado da Cultura, 2008.

QUEIROZ, Hermano Fabrício Oliveira Guanais e. **O registro de bens culturais imateriais como instrumento constitucional garantidor de direitos culturais**. 2014. 301 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - IPHAN, Rio de Janeiro, 2014.

RESENDE, Ana Carolina Rollemberg de. **O ofício da patrimonialização: a identificação, a valorização dos saberes e o INRC**. 2014. 112 f. Dissertação (Mestrado em Preservação do Patrimônio Cultural) - Iphan, Rio de Janeiro, 2014.

RODRIGUES, Cláudio. **Espírito Santo: Aspectos históricos e religiosos**. Vitória: S.N, 2010.

ROSI, Maria Hermínia. **O Convento da Penha no contexto turístico**. Centro Universitário ibero-americano. Trabalho da disciplina de mestrado em turismo. São Paulo, 1994

SANT'ANNA, Márcia. **A face imaterial do patrimônio cultural**: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (Org.). Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 46-55.

SILVA, Kalina Vanderlei. **Dicionário de conceitos históricos**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2009.

SOAVE, Giordany Bossato; DADALTO, Maria Cristina. **Análise das ações de responsabilidade social das grandes empresas na identidade capixaba**. XVI Prêmio Expocom 2009 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação: Vila Velha, 2009.

SOARES, Jorge. **Romeiros percorrem 8,5 km a pé em direção à Igreja de Nossa Senhora do Pilar**. Duque de Caxias, RJ. Disponível em https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/romeiros-percorrem-85-km-a-pe-em-direcao-a-igreja-de-nossa-senhora-do-pilar-em-caxias-rj.ghtml. *Acesso em 04 de abril de 2020.*

TAMASO, Izabela Maria. **Os Patrimônios como Sistemas Patrimoniais e Culturais**: notas etnográficas sobre o caso da cidade de Goiás. Revista Anthropológicas, v. 26, p. 156, 2016. *Disponível em:* http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/573/374.

THOMSON, Alistair. Recompondo a memória: Questões sobre as relações entre a História Oral e as memórias. **Projeto História**. São Paulo, v. n. 15, p. 51-84, abr., 1997.

UNESCO. **Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Paris, 17 de outubro de 2003. Disponível em: < http://portal.UNESCO.org >. Acesso em: 28 jul. 2018.

WELLER, Wivian. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Revista Sociedade e Estado,** Brasília**,** p.205-224, Vol 25, n. 2, Maio / Agosto de 2010.

WILLEKE, Frei Venâncio. **Antologia do Convento da Penha**. Conselho estadual de Cultura: Vitória, 1973.

Entrevistas

FLORES, Lorena. **A visão do turista sobre a Festa da Penha.** 2018. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 05 de abril, 2018.

LEMOS, Ana Maria. **A organização da Festa de Nossa Senhora da Penha**. 2017. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 30 de novembro, 2017.

MAZOCO, Eliomar Carlos. **A Festa da Penha e o envolvimento da Prefeitura**. 2019. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 26 de novembro, 2019.

PEREIRA, Frei Paulo Roberto. **A Festa de Nossa Senhora da Penha sob a ótica dos franciscanos**. 2018. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 02 de fevereiro, 2018.

SALLES, Osmar. **A produção do terço da Festa de Nossa Senhora da Penha**. 2019. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 04 de novembro, 2019.

SANTOS, Felisberto. **A movimentação de turistas e devotos durante a Festa da Penha**. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 06 de novembro, 2019.

SANTOS, Monica Dantas dos. **A Festa da Penha e o envolvimento das bandas de Congo**. 2020. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 15 de outubro, 2020.

ULIANA, Arlette. **A Associação dos Amigos do Convento da Penha e a Festa da Penha**. 2019. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 28 de outubro, 2019.

VALFRÉ, Giovana. **O Centro de Documentação da Mitra arquidiocesana e a Festa da Penha.** 2017. Entrevista cedida à pesquisadora Luciane Freitas da Silva, Vila Velha, 30 de novembro, 2017.